

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA E COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL
MESTRADO EM GESTÃO PÚBLICA E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

ADRAINNE PÂMELLA SOARES VELOZO

**ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS
EMPREENDEDORAS DE PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE
CAMPINA GRANDE - PB**

JOÃO PESSOA – PB

2019



ADRAINNE PÂMELLA SOARES VELOZO

**ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS
EMPREENDEDORAS DE PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE
CAMPINA GRANDE - PB**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Gestão Pública e Cooperação Internacional pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional da Universidade Federal Paraíba.

Linha de Pesquisa: Gestão Governamental e Social.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V443e Velozo, Adrainne Pâmella Soares.

ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS
EMPREENDEDORAS DE PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE
CAMPINA GRANDE - PB / Adrainne Pâmella Soares Velozo. -
João Pessoa, 2019.
110f.

Orientação: Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Festa de São João de Campina Grande. 2. Economia
Popular. 3. Competências Empreendedoras. I. Bispo, Ana
Carolina Kruta de Araújo. II. Título.

UFPB/BC

ADRAINNE PÂMELLA SOARES VELOZO

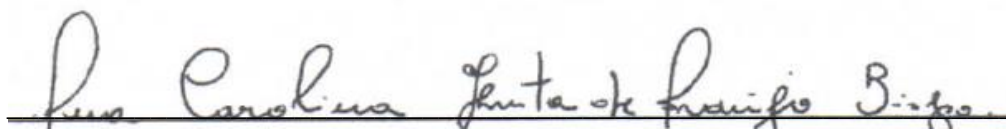
**ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS
EMPREENDEDORAS DE PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE
CAMPINA GRANDE – PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional da Universidade Federal da Paraíba como exigência final para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo

Data de aprovação: 31 de julho de 2019.

Banca examinadora:



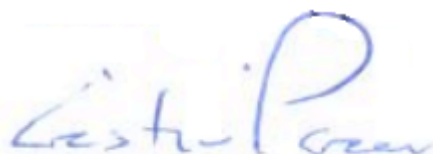
Orientadora/ Presidente

Profa. Dra. Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo
PGPCI/UFPB



Examinadora Interna

Profa. Dra. Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho
PGPCI/UFPB



Examinadora Externa

Profa. Dra. Cristina Clara Ribeiro Parente
Universidade do Porto/Portugal

Dedico este trabalho a minha amada mãe, Maria do Socorro (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado força e sabedoria nessa trajetória e também por ter me guiado em meio às dificuldades.

Agradeço com todo o amor a minha mãe, Maria do Socorro (*in memoriam*), que sempre me inspirou por meio de sua bondade e coragem. A ela eu atribuo todas as minhas conquistas, pois sempre foi a pessoa que mais acreditou e investiu em mim.

Ao meu irmão André por estar ao meu lado.

À família (pai, irmãos, sobrinhos e todos).

À Secretaria de Desenvolvimento Econômico – SEDE, da Prefeitura Municipal de Campina Grande por toda colaboração e por terem cedido o material necessário para esta pesquisa.

Ao amigo Paulo Bruno por me ajudar junto à SEDE em Campina Grande e pela amizade de anos.

Aos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, sujeitos dessa pesquisa, pela gentileza de terem me recebido e colaborado com suas preciosas entrevistas e por terem me ajudado com informações valiosas que fizeram parte da coleta dos dados e com informações sobre a festa de São João de Campina Grande.

A minha orientadora Ana Carolina, muito obrigada pela paciência, orientação, conselhos e todos os ensinamentos e, principalmente pela compreensão sobre alguns momentos difíceis que passei. Sinto-me honrada em ser sua primeira orientanda de mestrado.

À preciosa e linda banca feminina que fez parte de minha defesa. À professora Cristina Parente da Universidade do Porto, pelas contribuições, mesmo estando distante, me ajudou bastante, principalmente no início desse trabalho. À professora Ana Lúcia

Coelho, do nosso programa PGPCI, por ser sempre tão gentil em seus ensinamentos e por todas as contribuições nesse trabalho e em sala de aula como professora. Muito obrigada às duas, por fazerem parte das bancas de qualificação e defesa final de minha dissertação.

Aos professores do PGPCI, pelos ensinamentos que tivemos durante esses dois anos intensos.

A todos os secretários que trabalharam e trabalham no PGPCI e que sempre nos ajudaram e auxiliaram no que precisamos (especialmente Charlene e André).

À turma 2, minha turma (Audrey, Luana, Rodrigo Montenegro, Arthur, Ivo, João, Rodrigo Barreto, Renato, Luiz, Amanda, Francisco, Rayssa, Aaron, Thalian, Williams, Mauriceia, Bruno, Michael e Anderson). “A melhor turma de todos os tempos da última semana”. Brincadeiras à parte, essa turma é maravilhosa e tenho um carinho enorme por todos, muito obrigada mesmo Audrey, Luana e Luiz por estarem sempre comigo.

Aos queridos Diego e Laura (turma 1), agradeço por todas as vezes que me ajudaram, principalmente quando cheguei em João Pessoa.

Aos amigos de Campina Grande e desse mundão que sempre torceram por mim.

A todas as pessoas, e não foram poucas, que me emprestaram um computador, quando o meu computador por diversas vezes quebrou e me deixou “na mão”. Essa ajuda, meus caros, foi primordial para o término de minha dissertação. Por terem sido muitas pessoas, não citarei nomes, apesar de muitos já terem sido citados anteriormente.

Peço desculpas se esqueci de citar alguém, mas quero que todos saibam que sou grata a todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram-me e fizeram com que esse sonho se tornasse real.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo principal identificar o perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. Para obtenção dos dados, foi realizada a aplicação de entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, junto a vinte e nove pequenos comerciantes que trabalham no “Parque do Povo”, durante a festa de São João da referida cidade. Os discursos obtidos com a aplicação das entrevistas foram categorizados na perspectiva da análise de conteúdo (BARDIN, 2007). As categorias e subcategorias do trabalho foram definidas aprioristicamente, sendo que as três categorias estabelecidas correspondem aos três objetivos específicos da pesquisa e as subcategorias correspondem às questões do roteiro de entrevista. Os resultados obtidos mostraram que os pesquisados, em média, trabalham no Parque do Povo há 17,65 anos e a maior parte deles possui apenas o Ensino Fundamental incompleto, tendo o gênero feminino apresentado mais anos de estudo. Os entrevistados trabalham com familiares, amigos e funcionários e se autodeclararam como trabalhadores autônomos. Associam o termo “gestão” à experiência prática, investimento, despesas, organização, funções e especificidades de suas atividades. Além da relevância histórica, a festa proporciona a muitos trabalhadores a oportunidade de ter ou aumentar uma renda (mesmo que sazonalmente) e ter visibilidade, o que proporciona a chance de expansão de seus negócios e manutenção de um empreendimento durante o ano todo. No que se refere aos conhecimentos necessários para a realização do trabalho, os resultados revelaram que esses são oriundos de experiências de trabalhos anteriores, experiência prática e de alguns casos empíricos. Por fim, a pesquisa mostrou que a maior parte dos pesquisados pertence a pelo menos uma das três associações vinculadas à festa e que essas associações buscam reivindicações coletivas em prol de objetivos comuns aos associados, possuindo estatuto e regimento interno.

Palavras-chave: Economia Popular. Competências Empreendedoras. São João de Campina Grande.

ABSTRACT

This dissertation had as main objective to identify the Entrepreneurial Skills profile of small traders from the São João Party from Campina Grande, Paraíba State of Brazil, under the Popular Economy perspective. To obtain the data, interviews were carried out, from a semi-structured script, junwith twenty-nine small traders working in the “Parque do Povo”, during the feast of São João of the mentioned city. The speeches obtained with the application of the interviews were categorized under the content analysis perspective (BARDIN,2007). The categories and subcategories of the work were defined a priori, being that the three established categories correspond to the three specific objectives of the research and the subcategories correspond to the questions of the interview script. The results obtained showed that those surveyed, on average, have been working at Parque do Povo for 17.65 years and most of them have only incomplete elementary education, the female gender having presented more years of study. Respondents work with family, friends and employees and declare themselves as self-employed. They associate the term “management” with practical experience, investment, expenses, organization, functions and specifics of their activities. In addition to its historical relevance, the party provides many workers with the opportunity to earn or increase income (even seasonally) and have visibility, which gives you the chance to expand your business and maintain an enterprise throughout the year. Regarding the knowledge necessary to carry out the work, the results revealed that these come from previous work experiences, practical experience and some empirical cases. Finally, the survey showed that most respondents are part of at least one of the three associations linked to the party and that these associations seek collective claims in favor of common objectives to the members, having statute and internal regulation.

Keywords: Popular Economy. Entrepreneurial Skills. Campina Grande’s São João Party.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Construção da Pirâmide do Parque do Povo.....	44
Fotografia 2: Pirâmide do Parque do Povo durante a festa de São João	44
Fotografia 3: Interior da Pirâmide do Parque do Povo	45
Fotografia 4: Quadrilha junina (Moleka 100 Vergonha) de Campina Grande.....	46
Fotografia 5: Réplica da Catedral de Campina Grande.....	47
Fotografia 6: Réplica da Vila Nova da Rainha.....	48
Fotografia 7: Vista interior da Vila Nova da Rainha.....	48
Fotografia 8: Casas na Vila Nova da Rainha, com venda de artesanato local	49
Fotografia 9: Réplica de uma fogueira no Parque do Povo.....	49
Fotografia 10: Fogueira na véspera do dia de São João feita por uma família.....	50
Fotografia 11: Comidas típicas de São João no Nordeste do Brasil.....	50
Fotografia 12: Réplica do Telégrafo Nacional de Campina Grande, no Parque do Povo	51
Fotografia 13: Restaurante que usou réplica da faixa do Cassino Eldorado na edição 2019	51
Fotografia 14: Restaurante que usou réplica da faixa do Cassino Eldorado em edição de 2018 da festa	52
Fotografia 15: Restaurante que usou réplica da faixa do Cassino Eldorado em uma das edições anteriores da festa.....	52
Fotografia 16: Vila do Mahal – parte da cidade cenográfica	53
Fotografia 17: Beco da Pororoca – parte da cidade cenográfica	53
Fotografia 18: Palhoça Zé Bezerra (ilha de forró).....	54
Fotografia 19: Palco principal do Parque do Povo	54
Fotografia 20: Frente do Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP	55
Fotografia 21: Lateral do Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP	56
Fotografia 22: Monumento Farra de Bodega	56
Fotografia 23: Ambulantes se organizando antes da festa, em frente ao palco principal no Parque do Povo.....	59
Fotografia 24: Estande de um trabalhador ambulante que vende brinquedos e outros acessórios.....	60

Fotografia 25: Quiosques antes do horário de festa no Parque do Povo no São João de Campina Grande	60
Fotografia 26: Quiosques durante do horário de festa no Parque do Povo no São João de Campina Grande	61
Fotografia 27: Barracas (3mx3m) na festa de São João de Campina Grande	61
Fotografia 28: Barracas (3mx4m) no Beco da Pororoca	62
Fotografia 29: Parte interna de uma barraca 3mx4m	62
Fotografia 30: Barracas durante o horário de festa no Parque do Povo	63

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo de competência profissional de Cheetam e Chivers	38
Figura 2: Modelo de Competências Profissionais de Paiva	39
Figura 3: <i>Layout</i> do Parque do Povo em 2019	45
Figura 4: <i>Design</i> da pesquisa.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento da literatura da pesquisa	17
Quadro 2: Correntes do conceito Competência.....	35
Quadro 3: Componentes do modelo de Competências Laborais de Paiva	40
Quadro 4: Áreas das competências e seu foco comportamental – Competências Empreendedoras	42
Quadro 5: Identificação dos pequenos comerciantes que trabalham na festa de São João de Campina Grande	58
Quadro 6: Objetivos e questões da entrevista.....	64
Quadro 7: Síntese do quadro-análise de categorização	66
Quadro 8: Anos de trabalho dos pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande	69
Quadro 9: Gênero e escolaridade de pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande	72
Quadro 10: Resumo dos achados das análises.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CG -	Campina Grande
CNPJ -	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
EMBRATUR -	Empresa Brasileira de Turismo
FIFA -	Federação Internacional de Futebol
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPP -	Museu de Arte Popular da Paraíba
ODS -	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
OIT -	Organização Internacional do Trabalho
ONU -	Organização das Nações Unidas
PB -	Paraíba
PGPCI -	Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional
PMCG -	Prefeitura Municipal de Campina Grande
SEDE -	Secretaria de Desenvolvimento Econômico
TCP -	Trabalhadores por Conta Própria
UEPB -	Universidade Estadual da Paraíba
UFPB -	Universidade Federal da Paraíba
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Justificativa	16
1.2 Estudos desenvolvidos sobre a temática	19
1.3 Estrutura da pesquisa	21
2 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 Da Informalidade à Economia de setores populares	22
2.2 Contextualizando Competências: Competências Laborais e Empreendedoras	33
2.3 Entendendo a festa junina de Campina Grande – PB	43
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
3.1 Sujeitos da Pesquisa	58
3.2 Instrumento e processo de coleta de dados	63
3.3 Procedimentos de análise dos dados	66
4 ANÁLISES DOS RESULTADOS	68
4.1 Caracterização da atividade empreendedora no São João de Campina Grande	68
4.2 Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande	74
4.3 Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
APÊNDICE A	108
APÊNDICE B	109

1 INTRODUÇÃO

Considerada como uma manifestação da cultura popular, a festa junina do município de Campina Grande – PB, também conhecida tradicionalmente como “O Maior São João do Mundo”, acontece durante todo o mês de junho em diversos pontos da cidade, sendo o Parque do Povo o local de maior concentração e visibilidade dos festejos. Nesse local, é possível encontrar tanto os grandes empreendimentos, como restaurantes com grande porte, quanto pequenos empreendimentos como quiosques, barracas e o comércio ambulante.

Os comerciantes que atuam nesses pequenos empreendimentos são nomeados por diversos termos para designar a sua forma de trabalho, como “economia informal”, “setor ou comércio informal”, “vendedores ambulantes”, “economia subterrânea” ou “paralela”, “setores populares” e muitos outros. Ainda há um conflito ao usar o termo “informal”, pois, o mesmo pode trazer consigo conotação pejorativa, sendo entendido como sinônimo da ilegalidade (Organização Internacional do Trabalho, 2006; FELDER; PATRONI, 2018).

Em relatório apresentado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2018) alerta-se que mais de 61% da população empregada no mundo, em torno de 2 bilhões de pessoas, está inserida na economia informal. O mesmo relatório ainda apresenta que, no Brasil, quase metade (46%) de sua população ativa participa desse setor.

Na maioria dos casos, esse tipo de atividade laboral permeia entre a economia formal e a não formalizada. Vale lembrar que, de acordo com a OIT (2016), a Economia Informal tem taxas elevadas de emprego informal e é considerada a causa do atraso do desenvolvimento de países da América Latina e Caribe.

Kraychete (1999) afirma que, embora o comércio ambulante manifeste-se mais proeminente dentro da economia de setores populares, existem outras atividades ligadas a essa economia. Para alguns autores (GAIGER, 2009; FELDER; PATRONI, 2018), a economia informal passou a ser entendida como Economia Popular. Gaiger (2009) acrescenta que os termos “informal”, “popular” e solidário” não são incompatíveis, tampouco indiferentes e que, dentro do cenário da economia da América Latina, as iniciativas de Economia Solidária prosperaram sem deixar de ser informais. Especificamente em relação à festa de São João de Campina Grande, Perdigão (2014) afirma que sua realização traz benefícios para a economia informal, vendedores

ambulantes, taxistas, moto taxistas, bares e restaurantes, prestadores de serviços, assim, o comércio como um todo é favorecido com a realização evento.

Os pequenos comerciantes do São João de Campina Grande passam por seleção e cadastro na prefeitura para poderem trabalhar no parque do Povo. O processo do cadastro exige uma série de documentos, comprovantes e presença em cursos e palestras informativas sobre a festa com as autoridades competentes.

Dessa forma, apesar dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande não se inserirem diretamente nos meios de trabalho formalizados durante maior parte do ano, ainda assim, eles trabalham legalmente e sob arranjos formais dentro da festa de São João de Campina Grande, conseguindo renda extra para si e sua família com o desenvolvimento de suas competências e por meio das oportunidades que a festa de São João de Campina Grande traz.

Para entender como os aspectos da Economia Popular e da Economia Solidária poderiam interagir com o desenvolvimento das competências dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, foi necessário trazer o deslocamento do termo Competências Profissionais para Competências Laborais, visto que nem todos os trabalhadores dessa economia são formalizados e as Competências Laborais permitem analisar competências de trabalhadores, independentemente do nível de formalização do trabalho que eles realizam (PAIVA, 2012). Logo, entende-se, que as ações empreendedoras estão associadas às Competências Laborais que podem interferir no desempenho das atividades desenvolvidas pelos pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande.

Nesse sentido, este estudo está alinhado à conceituação das Competências Laborais proposta por Paiva (2012, p. 506) como sendo “a mobilização de forma particular pelo trabalhador na sua ação laboral de conjuntos de saberes de naturezas diferenciadas que gerou resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (comunitário)”.

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é identificar o perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. Para tanto, os objetivos específicos traçados compreendem: (a) caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; (b) identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande; (c) verificar se a atividade empreendedora encontrada no São

João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular.

Interessado em atingir os objetivos traçados, esse estudo interessa-se por responder a seguinte questão de pesquisa “**Qual o perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande à luz da Economia Popular?**”, seguindo o modelo de Competências Empreendedoras de Man e Lau (2000), o modelo de Competência Profissional de Cheetham e Chivers (1996; 1998; 2000) e o modelo de Competências Laborais de Paiva (2012) e apoiando-se na pesquisa empírica.

1.1 Justificativa

A festa de São João em Campina Grande faz parte do calendário oficial de eventos da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur). Nóbrega (2010) descreve a festa, como sendo um megaevento reconhecido como a mais expressiva realização festivo-cultural do ciclo junino do nordeste brasileiro. Tal evento movimentava uma grande estrutura financeira e traz diversas oportunidades de geração de empregos e de criação de empreendimentos (embora sazonais), trazendo a perspectiva de uma economia voltada para setores populares, além da inclusão da geração de empregos.

Perdigão (2014) ressalta que o evento apresenta relevância na cidade de Campina Grande, por causar implicações sociais, econômicas e culturais para seu povo. Segundo a Prefeitura Municipal de Campina Grande – PMCG (2019a), a cidade foi visitada por aproximadamente 1,8 milhão de pessoas no período da festa de São João, no ano de 2019 e a economia da cidade teve um aumento de 300 milhões de reais e o faturamento de bares, hotéis e restaurantes aumentou 30% em relação à edição anterior, em 2018. Logo, percebe-se que a atividade empreendedora em Campina Grande tem um potencial de destaque e merece um olhar mais profundo em relação ao contexto em que está inserida.

Convém destacar também que a temática desse trabalho está relacionada com o oitavo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS das Nações Unidas – “Trabalho Decente e Crescimento Econômico”, considerada uma agenda de pesquisa que é aceita por todos os países e é aplicável a todos (NAÇÕES UNIDAS, 2015). Além disso, a festa de São João de Campina Grande por meio de sua representatividade no cenário de eventos tem projeção regional e nacional, podendo acolher vários

trabalhadores que procuram oportunidade de emprego e geração de renda. Assim, esta pesquisa, ao identificar o perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB, sob a ótica da Economia Popular traz questões discutidas numa agenda internacional e também está alinhada à linha de pesquisa Gestão Governamental e Social do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional, que discute as transformações na gestão de interesse público e suas implicações para a sociedade.

Esta pesquisa busca ainda trazer uma contribuição teórica, uma vez que faltam estudos que relacionem os temas Economia Popular e Economia Solidária com Competências Empreendedoras, Competências Profissionais e Competências Laborais. Além disso, o estudo das Competências Laborais apresentado neste trabalho baseia-se numa proposta de deslocamento do conceito “competência profissional” para “competência laboral” apresentado por Paiva (2012).

No Quadro 1, estão apresentados os dados resultantes das buscas que foram realizadas nas bases de dados e indexadores *Web of Science* e *Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL)* relativas à temática em questão. Para fazer as pesquisas dos temas nas três bases, foram utilizados os filtros “período de busca”, em que foram pesquisados artigos publicados nos últimos cinco anos (2014 a 2019), nos idiomas português, espanhol e inglês.

Quadro 1: Levantamento da literatura da pesquisa

Base/ Indexador	Período de busca	Termo utilizado	Ocorrência
<i>Spell</i>	Últimos 5 anos	Economia popular	0
	Últimos 5 anos	Economia solidária	23
	Últimos 5 anos	Autônomo (trabalho)	3
	Últimos 5 anos	Trabalho por conta própria	0
	Últimos 5 anos	Competências empreendedoras	12
	Últimos 5 anos	Competências profissionais	4
	Últimos 5 anos	Competências laborais	0
	Últimos 5 anos	Popular economy	0
	Últimos 5 anos	Solidarity economy	0
	Últimos 5 anos	Self-employment	1
	Últimos 5 anos	Entrepreneurial competence	0
	Últimos 5 anos	Professional competence	0
	Últimos 5 anos	Labor competence	0
	Últimos 5 anos	Economía popular	0
	Últimos 5 anos	Economía solidaria	0
	Últimos 5 anos	Trabajo autónomo	0
	Últimos 5 anos	Trabajo independiente	0
	Últimos 5 anos	Competencias empresariales	0
	Últimos 5 anos	Competencias profesionales	0
Últimos 5 anos	Competencias laborales	0	
	Últimos 5 anos	Economia popular	45

<i>Web of Science</i>	Últimos 5 anos	Economia solidária	52
	Últimos 5 anos	Autônomo (trabalho)	40
	Últimos 5 anos	Trabalho por conta própria	17
	Últimos 5 anos	Competências empreendedoras	11
	Últimos 5 anos	Competências profissionais	38
	Últimos 5 anos	Competências laborais	16
	Últimos 5 anos	Popular economy	48
	Últimos 5 anos	Solidarity economy	53
	Últimos 5 anos	Self-Employment	33
	Últimos 5 anos	Entrepreneurial competence	12
	Últimos 5 anos	Professional competence	41
	Últimos 5 anos	Labor competence	
	Últimos 5 anos	Economía popular	50
	Últimos 5 anos	Economía solidaria	56
	Últimos 5 anos	Trabajo autónomo	18
	Últimos 5 anos	Trabajo independiente	45
	Últimos 5 anos	Competencias empresariales	7
	Últimos 5 anos	Competencias profesionales	27
<i>Science Direct</i>	Últimos 5 anos	Economia popular	3
	Últimos 5 anos	Economia solidária	1
	Últimos 5 anos	Autônomo (trabalho)	0
	Últimos 5 anos	Trabalho por conta própria	0
	Últimos 5 anos	Competências empreendedoras	0
	Últimos 5 anos	Competências profissionais	0
	Últimos 5 anos	Competências laborais	
	Últimos 5 anos	Popular economy	1
	Últimos 5 anos	Solidarity economy	0
	Últimos 5 anos	Self-employment	0
	Últimos 5 anos	Entrepreneurial competence	0
	Últimos 5 anos	Professional competence	0
	Últimos 5 anos	Labor competence	0
	Últimos 5 anos	Economía popular	3
	Últimos 5 anos	Economía solidaria	1
	Últimos 5 anos	Trabajo autónomo	0
	Últimos 5 anos	Trabajo independiente	1
	Últimos 5 anos	Competencias empresariales	48
Últimos 5 anos	Competencias profesionales	49	
Últimos 5 anos	Competencias laborales	20	

Fonte: Elaboração própria (2019).

Nas três bases pesquisadas, foi usado o filtro “categorias”, em que as categorias buscadas foram: *Estudios Gerenciales, contaduría, Administración, Management, Sociology, Economics, Anthropology, Social Science Interdisciplinar, Political Science, Management, Public Administration, Geography*. Além das bases de dados utilizadas, a construção do referencial teórico também contou com livros, teses e dissertações.

1.2 Estudos desenvolvidos sobre a temática

Diversos estudos mencionam a experiência das economias populares na Argentina (GAGO; CIELO; GACHET, 2018). Como exemplos de estudos realizados em países da América Latina sobre as temáticas da informalidade e das economias popular e solidária, temos os de Felder e Patroni (2018), que alegam que a reestruturação econômica, na Argentina, levou ao aumento da informalidade, precariedade, desemprego e da pobreza. Álvarez (2018) realizou uma pesquisa, também na Argentina, que objetivou contribuir para o estudo das formas em que os chamados "setores populares" desenvolvem práticas criativas para atender a produção e reprodução da vida a partir de experiências variadas de precariedade. Outro estudo é o de Silva e Zanini (2014) que trazem a análise do crescimento da economia solidária no contexto da sociedade capitalista na cidade de Santa Maria – RS.

Gago, Cielo e Gachet (2018) referem os casos do Equador, Venezuela e Bolívia durante os chamados "governos progressistas", em que houve a introdução dos conceitos referentes à economia de setores populares. Os autores, ainda trazem um estudo em forma de dossiê, em que é observada uma tentativa de mapear as economias populares na América Latina, buscando enfatizar a presença de uma formação histórica específica a um alinhamento de realidades temporais.

Além disso, podem ser mencionados autores que trazem estudos sobre Economia Popular Solidária, como Guerrero, Serrano e Díaz (2016); e Callebert (2014), que realizou estudo na África do Sul e trouxe uma importante reflexão sobre a dualidade entre a economia dos marginalizados (setor informal) e a economia dos trabalhadores assalariados (setor formal). Essa reflexão de Callebert vai ao encontro da perspectiva da "unidade doméstica" abordada por Coraggio (1999) pois, na unidade doméstica, tanto as famílias (unidade familiar), quanto os indivíduos que possuem mesmo objetivo em comum (trabalham juntos), estão em busca de meios que garantam seu bem-estar e sua sobrevivência. As pesquisas realizadas por Kraychete, Coraggio e Singer (1999) ao mesmo tempo em que se complementam a outros estudos, também apresentam discordâncias. Todos esses autores e alguns outros apresentados no referencial teórico desse estudo contribuíram para a formação da primeira parte do referencial, que procurou tratar das Economias dos Setores Populares de forma ampla e apresentando uma diversidade crítica sobre o tema.

A temática das competências, também apresentada no referencial teórico deste estudo, foi construída com o intuito de dar suporte à construção de um perfil de Competências Empreendedoras à luz da Economia Popular. Logo, para a construção das Competências Empreendedoras, é necessário ter um entendimento sobre a noção de Competência, e essa noção foi descrita por alguns autores que sua conceituação, como Zarifian (2001), Fleury e Fleury (2001), Le Boterf (2003), Ruas (2008), Shimizu e Fragelli (2015). Além disso, buscou-se a apropriação do termo Competências Empreendedoras, utilizando-se os estudos de Bunk (1994), Cheetham e Chivers (1996; 1998; 2000), Paiva (2007) Barros e Paiva (2012) e Cançado (2017). Foram utilizados, em especial, os conceitos das pesquisas de Cheetham e Chivers que trazem um modelo de competências profissionais e da autora Paiva (2012) que acrescenta mais um componente a esse modelo - o componente político, além de trazer um modelo novo que permite analisar competências de trabalhadores, independentemente do nível de formalização do trabalho que eles realizam (PAIVA, 2012). Por último, entre os estudos que ajudaram na construção da literatura a respeito das Competências Empreendedoras estão Man e Lau (2000), Honma e Teixeira (2011), Lizote e Verdinelas (2014), Silva e Klein (2016) e Zonatto *et al.* (2017), com destaque para o estudo de Man e Lau (2000) de acordo com as seis áreas da Competência Empreendedora por eles desenvolvidas.

Foi observado, durante a construção do referencial, que muitos estudos a respeito das competências profissionais são relacionados ao campo da saúde, como por exemplo, o estudo de Martins *et al.* (2017), que objetivou conhecer quais competências profissionais são mobilizadas no exercício da função pelos gestores de nível estratégico de uma operadora de autogestão em saúde. Outra pesquisa, a de Nascimento e Oliveira (2010), apresenta algumas reflexões acerca das ferramentas utilizadas no cotidiano do trabalho nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família e as competências profissionais requeridas.

Assim como na área da saúde, o termo competência também é encontrado na área da educação, como no estudo realizado por Esteves (2009), em que se buscou uma construção e desenvolvimento das competências profissionais dos professores. Lizote *et al.* (2018) também abordam as Competências Empreendedoras por meio do intra empreendedorismo.

Diante dos estudos já desenvolvidos, a proposta desta dissertação apoiou-se tanto na literatura sobre Economia Popular e Solidária, quanto naquela voltada às Competências Profissionais e seu deslocamento conceitual para Competências Laborais.

1.3 Estrutura da pesquisa

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. Nesse primeiro capítulo, é abordada a introdução e justificativa da pesquisa, além de trazer o apontamento de alguns estudos desenvolvidos na área pesquisada. O segundo capítulo trata do referencial teórico que traz o fundamento da pesquisa e que dá apoio para a pesquisa empírica. O terceiro capítulo é composto pelos aspectos metodológicos da pesquisa o qual é dividido em: sujeitos da pesquisa, instrumento e processo de coleta de dados e, por último, os procedimentos de análise dos dados. O quarto capítulo traz as análises dos resultados pesquisados. O quinto e último capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa, trazendo uma reflexão sobre as análises apresentadas no trabalho, assim como suas limitações e sugestões futuras para outros estudos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta uma discussão de temas referentes à proposta da pesquisa, sendo mencionados os autores que desenvolveram estudos relacionados à informalidade, economia popular, economia solidária, competências profissionais, laborais e empreendedoras, além de uma apresentação da festa de São João de Campina Grande.

2.1 Da Informalidade à Economia de setores populares

A Organização Internacional do Trabalho (2006) entende que a expressão "economia informal" é preferível à expressão "setor informal"¹, pois os trabalhadores e as empresas em questão não advêm somente de um único setor de atividade econômica. Assim, a OIT defende que a economia informal absorve os trabalhadores que, de outra forma, não teriam trabalho nem rendimentos e que os trabalhadores da economia informal abarcam trabalhadores assalariados e trabalhadores por conta própria.

Segundo a OIT (2018), cerca de 93% dos trabalhadores atuam no setor informal e vivem em países emergentes e em desenvolvimento. Dentre os países lusófonos, Angola tem 94% de participação na economia informal, Timor-Leste tem 71%, o Brasil apresenta quase metade da população (46%) participando desse setor, enquanto Portugal registra apenas 12%.

Como o termo informalidade pode ser entendido de diferentes maneiras a depender de países e culturas diferentes, Felder e Patroni (2018) alertam que se deve tomar cuidado com o uso do termo informalidade, para não entrar no campo da ilegalidade. A OIT também faz o mesmo alerta em relação ao uso do termo informalidade, entretanto, explica que, em alguns países, a economia informal é sinônimo de "economia subterrânea" ou "paralela".

Quanto à conceituação, Gogola (2007) apresenta o termo "microempreendimentos urbanos" e afirma que esses são caracterizados pelos baixos níveis de produtividade e pela pouca diferenciação entre capital e trabalho, além de serem estabelecimentos de natureza não tipicamente capitalista. O autor ainda cita que nesses estabelecimentos atuam trabalhadores independentes ou autônomos ou

¹ Entretanto, neste tópico serão abordados os termos como foram criados originalmente pelos autores citados, para designar formas laborais de emprego à margem da economia formalizada.

trabalhadores por conta própria² (inclusive profissionais liberais). De tal modo, Ruiz *et al.* (2015) afirmam que:

Embora o desenvolvimento conceitual dado pela OIT mostra que não há uma diferenciação clara entre o emprego formal e o informal, é apropriado fazer dois esclarecimentos: 1° - No emprego informal não existe em oposição ao emprego formal; 2° - A informalidade não representa um setor diferente da economia (está inserida em todas as suas áreas).

Também é possível notar que empregos formais podem oferecer oportunidades para o comércio informal, como o de ambulantes que fornecem mercadorias e serviços tanto ao setor formal quanto ao seu próprio setor. Dessa forma, os interesses dos trabalhadores, sejam assalariados ou informais, e dos desempregados não podem, de forma tão breve, ser separados, já que muitos desempregados dependem de transferências de trabalhadores do setor formal (CALLEBERT, 2014).

Santiago e Vasconcelos (2017) descrevem que estudos sobre informalidade ainda costumam relacionar indistintamente os termos “trabalho por conta própria” e “informalidade”. Porém, os autores argumentam que há trabalhos autônomos que estão cobertos por arranjos formais, dessa forma, não se caracterizando informal.

Além disso, é necessário perceber que a busca pela formalização em muitos casos passa pelo desejo de um trabalho que contemple aposentadoria, auxílio doença, licença maternidade, entre outros benefícios. Um aspecto que colabora com esse entendimento é que, de acordo com Vasconcelos e Santiago (2017, p.229),

após a mobilização de diversos atores e entes governamentais, foi aprovada, em 2008, a Lei Complementar 128, que institui a figura jurídica do Microempreendedor Individual, representado pelo trabalhador informal e decide legalizar sua situação, tornando-se um pequeno empresário.

Conforme Müller e Colloredo-Mansfeld (2018), a economia informal dos pequenos comerciantes latino-americanos tem sido vista como distintamente contemporânea e potencialmente transformadora, operando à margem do capitalismo. Para Callebert (2014), devem-se considerar as economias formal e informal intrinsecamente ligadas, assim como os interesses dos trabalhadores assalariados e de classe baixa, como não necessariamente em oposição. Um ponto a ser pensado é quanto

² Trabalhadores por Conta Própria (TCP): “indivíduos que, sem subordinação ou vínculo estabelecido por contrato de trabalho ou equiparado, se obriguem a prestar serviços a outrem. Integram, ainda, este regime os profissionais liberais organizados em ordens ou associações profissionais, desde que não possuam um regime de Proteção Social Obrigatório Próprio”. (INSS, s.d).

ao meio de solidariedade entre esses setores, por meio de uma unidade doméstica, onde todos os membros ajudam-se (CORAGGIO, 1999).

Ruiz *et al.* (2015) definem emprego informal como local de trabalho regulamentado no mercado laboral que geralmente implica um acordo informal entre empregado e empregador ou trabalhador por conta própria, não implicando em uma troca no mercado de trabalho, mas apenas produtos e serviços. Gaiger (2009) descreve, quanto à Economia Informal, que o fenômeno de fronteiras ambíguas, prevaleceu na América Latina com ângulo de análise limitado essencialmente a destacar seu caráter reflexo e funcional para o capitalismo periférico. Assim, o significado da informalidade ainda não chegou a um consenso como indicam os autores Callebert (2014), Santiago e Vasconcelos (2017) e Felder e Patroni (2018).

Para a OIT (2006), os trabalhadores e as unidades econômicas da economia informal podem constituir um bom potencial empresarial, pois muitos que trabalham na economia informal têm destreza nos negócios, espírito criativo, dinamismo e capacidade de inovação. Esses trabalhadores mostram suas capacidades, as quais podem ser evidenciadas por meio de competências necessárias para a criação e manutenção dos empreendimentos inseridos na economia informal.

Como já mencionado, a informalidade pode ser vista como um setor (CALLEBERT, 2014), assim como ser citada como sinônimo de outras economias, como a popular, por exemplo (FELDER; PATRIONI, 2018).

Kraychete (1999) afirma que, embora a denominação de economia dos setores populares não se confunda ou se reduza ao âmbito do setor informal, a referência ao mesmo justifica-se na medida em que os estudos estão ligados ao setor informal. Portanto, na concepção do Kraychete (1999) e com base nos estudos expostos nesse tópico, as atividades do setor informal permitem traçar um perfil, ainda que parcial, dos empreendimentos econômicos populares. Tanto Santiago e Vasconcelos (2017), quanto Mountian e Diaz (2018), entendem os termos “trabalho por conta própria” e “trabalho “autônomo” como sinônimos.

Dessa forma usaremos aqui os dois termos (trabalho por conta própria e trabalho autônomo) para discutirmos um mesmo significado. Para trazer luz a essa discussão, foi necessário apresentar a Economia Informal/Trabalho informal, os significados de trabalhador por conta própria/autônomo para poder chegar à economia de setores populares.

De acordo com França Filho (2002) e Caeiro, (2008) os conceitos sobre economia social, terceiro setor e economia solidária, são utilizados de forma confusa e incerta. O termo economia social tem origem europeia no século XVIII, e o seu conceito surge, mais precisamente na Europa continental, como alternativa ao conceito de terceiro setor (VIEIRA; PARENTE; BARBOSA, 2017).

Já para Caeiro (2008), a gênese da economia social ocorreu entre os anos 1791 e 1848, no século XIX, período que foi marcado pela Revolução Francesa e inspirado pelos ideais da liberdade, da fraternidade e da igualdade, tendo como resultado o início do movimento associativo ligado ao proletariado e às organizações obreiras.

Corroborando com Caeiro (2008), Simon e Boeira (2017) explicam que a economia social e economia solidária são termos europeus e têm origem nos movimentos associativistas operários de resistência popular do início do século XIX, por meio da Revolução industrial. Esses movimentos apoiam-se na ideia de ajuda mútua, cooperação, associação, solidariedade (GAIGER, 2009; SIMON; BOEIRA, 2017).

De acordo com Vieira, Parente e Barbosa (2017), assim como a Economia Social, a Economia Solidária também tem sua origem comum no movimento associativista operário europeu. Gaiger (2009) esclarece que, no limiar do século XX, a Economia Social começou a apresentar sinais de enfraquecimento e que durante os anos 1970 deu espaço para a menção a uma *nova economia social*.

Nelms (2015) conceitua a economia solidária como um modelo de organização econômica caracterizada por um conjunto de princípios: a solidariedade, a cooperação, reciprocidade, ajuda mútua, o bem-estar. Antes de abordar a Economia Solidária, Vilchez (2017) apresenta uma evolução nessa economia, que passa primeiro pela Economia Social em que:

O objetivo da Economia Solidária é gerar riqueza, melhorando a qualidade de vida dos membros e das comunidades onde operam, a governança interna deste tipo de modelo é baseado em: (a) voto democráticos de seus membros; (b) acordo para a divisão de tarefas; e (c) a aceitação de sistemas de controle de responsabilidades (p. 255).

Já Singer (2008) destaca Economia Solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade, igualdade de direitos, posse coletiva dos meios de produção e autogestão. O autor ainda afirma que quando as cooperativas são pequenas não deve haver distinção importante entre as funções, mas caso sejam maiores, podem possuir um

presidente, um tesoureiro e outras funções especializadas, porque as decisões passam a ser tomadas pelos responsáveis em diferentes setores.

Vieira, Parente e Barbosa (2017) citam que, no caso europeu, a expressão Economia Solidária complementa a designação da Economia Social, pois reforça e dá visibilidade a novas formas de se fazer economia, tendo como base os princípios da solidariedade e da reciprocidade.

Enquanto Gaiger (2009) cita que o conceito de Economia Solidária na América Latina refere-se ao conjunto de iniciativas que visam ganho econômico e benefícios como qualidade de vida, reconhecimento e participação cidadã. O mesmo autor afirma que isso se dá a partir da associação livre e democrática dos trabalhadores. Vieira, Parente e Barbosa (2017) explicam que o termo Economia Solidária tornou-se mais utilizado em alguns países da América Latina e que o conceito de Economia Solidária na América do Sul é apresentado como opção ao neoliberalismo global e que algumas experiências do sul da Europa seguem essa tendência.

Em conformidade com o ponto de vista de Vilchez, a Economia Solidária baseia-se idealmente nos princípios autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, autossustentação do desenvolvimento humano e responsabilidade social (SILVA; ZANINI, 2014). Para Silva e Zanini (2014), a solidariedade, autogestão e autonomia sobre valores mercantis, combinada com a eficiência econômica, coloca as experiências de economia solidária na condição de coexistir com o mercado capitalista ao mesmo tempo em que o questiona.

Ao falar de Economia Solidária, Gaiger (2009) trabalha com a perspectiva de países ao Norte e ao Sul, e suas principais expressões atuais, do plano empírico, concentram-se no Sul a partir de atenção dedicada à América Latina, evidenciando o caso brasileiro, extrapolações estimadas válidas para o continente. Para o contexto europeu, o caso da França é a principal referência implícita no Norte.

O conceito de economia solidária empregado por Vieira, Parente e Barbosa (2017) firma-se pela integração de iniciativas de porte individual, familiar e/ou comunitário, orientado para a criação de rendimento econômico, ausente de apropriação de forma privada e lucrativa.

Silva e Zanini (2014) questionam se, de fato, há uma real autonomia em relação ao capitalismo de mercado e por quais caminhos pois, nas condições atuais, a Economia Solidária ainda se encontra apenas como uma forma de minimizar o problema social do desemprego. O autor ainda cita que a renda mensal que os associados dessa modalidade

de economia recebem ainda é muito baixa, assim, não garantindo qualidade de vida satisfatória. Gaiger (2009) entende a Economia Popular como um terreno primordial à construção, árdua e sujeita a reveses da Economia Solidária. Dessa forma, na Economia Solidária apenas incorporados “os empreendimentos geradores de trabalho e rendimento ou aqueles ligados diretamente a esses, como as cooperativas de consumo e as de crédito solidário, ou, ainda, os clubes de troca” (VIEIRA, PARENTE e BARBOSA, 2017, p. 110).

Para Laville (2009), a Economia Popular nasceu na América Latina por meio de uma aquisição realizadas em nome da autogestão, pois essa temática já tinha sido abandonada no debate europeu. Dessa forma, inscreveu-se numa dinâmica de reatualização da economia popular mais ampla.

De acordo com Müller e Colloredo-Mansfeld (2018), na América Latina, o termo “economia popular” foi cunhado pelos estudiosos peruanos Jose Matos Março (1984) e Aníbal Quijano (1998). Os autores Gago, Cielo e Gachet (2018) descrevem que a noção de Economia Popular surgiu como uma aposta teórica e analítica na atual política da América Latina, por meio das diferenças de lugares e regiões, procurando explicar algumas práticas de economias de setores populares. Laville (2009) ainda acrescenta que a diversidade das interpretações a respeito da Economia Popular prova que a economia popular deixou de ser entendida como um fenômeno arcaico ou transitório.

Coraggio (1999) entende a economia popular como uma economia que emerge de comportamentos reativos da população trabalhadora em luta por reproduzir a sua vida, onde a unidade de análise econômica que se deve tomar é a unidade doméstica. O autor deixa claro que nessa unidade de análise não estão os indivíduos que trabalham por conta própria, tampouco a microempresa. Assim, a unidade doméstica pode ser constituída tanto por uma unidade familiar, com membros da mesma família, quanto por indivíduos que tenham o mesmo interesse em comum.

Gago, Cielo e Gachet (2018) apresentam uma preocupação à forma como os conceitos são abordados na Economia Popular, pois há alguns conceitos e pressupostos que falam sobre a ilegalidade, assim como também é possível encontrar interpretação incorreta das chamadas economias de subsistência ao torná-las sinônimo de pobreza (GAGO; CIELO; GACHET, 2018). Laville (2009, p. 18) afirma que a “economia popular é atravessada por uma tensão entre eficiência técnica e dinâmica solidária, entre

educação dos participantes, dos quais muitos são analfabetos, e respeito aos valores iniciais que explicam o empenhamento destes”.

Ainda é possível notar que nas abordagens das economias alternativas, a Economia Popular cruza fronteiras como a da “formalidade e informalidade”, e a da “subsistência e acumulação”, sendo uma economia com definição conflitante, ligada a um debate que é epistemológico, conceitual e político (GAGO; CIELO; GACHET, 2018). A propriedade dos meios de trabalho feitos pela comunidade é vista como um dos princípios básicos de Economia Popular por Vilchez (2017).

Coraggio (1999) cita que a alternativa para a realização do fundo de trabalho é a partir de um trabalho que produza bens ou serviços sob a forma de mercadorias que são vendidas por um preço determinado, em que a unidade doméstica pode tomar a forma *ad hoc* de um micro empreendimento, que tanto pode ser individual como coletivo (CORAGGIO, 1999). Tanto o trabalho assalariado quanto o trabalho do produtor independente de mercadorias gera dinheiro. “Desta forma esse dinheiro/receita dos membros da unidade doméstica é utilizado para comprar os meios de vida ou os meios de produção que são requeridos na produção/reprodução da unidade doméstica” (CORAGGIO, 1999, p. 58). O fundo de trabalho pode se dar pelo trabalho assalariado (por meio de empresas capitalistas ou não capitalistas) ou de alguma organização estatal, ONG, organização corporativa etc. Além do trabalho por outras unidades domésticas, a exemplo do serviço doméstico.

Outra forma de utilizar esse fundo é no trabalho para o autoconsumo, direcionado para a produção de bens e serviços que são consumidos pela mesma unidade, como os trabalhos domésticos, em que Coraggio (1999) aborda como trabalhos de reprodução propriamente dito. Sua forma mais ampliada pode ser vista pelo trabalho solidário para produzir bens ou serviços de consumo coletivo. Há também transferências com as organizações da sociedade civil e as do setor público, sob a forma de programas sociais.

Ao falar da valorização de capacidade e competências do fundo de trabalho, Coraggio (1999) menciona que parte muito importante das capacidades acumuladas no fundo de trabalho das unidades domésticas foi desvalorizada pela revolução tecnológica, tornando difícil haver e, em alguns casos, não havendo de forma alguma, um comprador que pague um preço suficiente no mercado. Dessa forma, Coraggio destaca a existência de elementos materiais e elementos subjetivos, condicionando as

possibilidades com que conta uma unidade doméstica para resolver suas necessidades na crise de reprodução.

Dentro dessa unidade doméstica, ao longo do tempo, são desenvolvidas as capacidades (competências) e oportunidades sociais dos envolvidos, trazendo um significado para a reprodução ampliada, observando-se melhoria estrutural na qualidade de vida dessas pessoas (CORAGGIO, 1999). Mas não são todas as unidades domésticas que fazem parte dos setores populares, dessa forma, as unidades não inclusas são:

As unidades domésticas que chamadas de ‘rentistas’, isto é, aquelas que vivem de renda, ou aquelas que, para a sua reprodução, não dependem da realização contínua do seu trabalho nem das pensões derivadas do trabalho já realizado no passado. São unidades domésticas que vivem de uma parte das receitas provindas de capitais financeiros ou propriedades que lhes permitem receber dividendos ou rendas, urbanas ou rurais, ou que são sócios, acionistas ou donos de empresas capitalistas e participam de seus lucros (CORAGGIO, 1999, p. 63).

Dentro do conjunto de atividades econômicas populares é necessário o desenvolvimento de atividades coletivas de reprodução, em que a divisão de trabalho pode estar inserida no mercado com trabalho assalariado e bens ou serviços. Também é necessário o intercâmbio, de cooperação ou de concorrência cooperativa de difusão de modalidades de consumo para outra qualidade de vida etc. (CORAGGIO, 1999). O autor ainda argumenta que, para ocorrer o desenvolvimento de competências para competir com empresas capitalistas, é preciso mecanismos de difusão de informação e de conhecimento de alto dinamismo. Tendo no dinamismo e no cooperativismo um campo para uma proposta de desenvolvimento da economia popular por meio da democratização.

Coraggio (1999) defende que o trabalho assalariado está fora da economia popular sob a direção de capitalistas contudo, está dentro quando é produzido e reproduzido pela economia dos setores populares. Ao contrário de Coraggio (1999), Singer (1999) traz divergências teóricas, argumentando que a definição da economia popular, economia popular e solidária, socioeconomia solidária não traz um conceito e sim uma negação, na qual fica subentendido que tudo que não for economia capitalista seria, portanto, a economia dos setores populares. Dessa forma, Singer questiona o quanto “é complicado tentar entender algo meramente pelo fato de não ser uma outra coisa” (CORAGGIO, 1999, p. 83).

Nesse contexto, Singer chama a “unidade doméstica” de Coraggio (1999), de Classes Trabalhadoras (plural) que, por sua definição, são as classes que sobrevivem na

economia capitalista exclusivamente do seu próprio trabalho, ou seja, não têm capital. Mesmo contrariando o ponto de vista de Coraggio (1999) sobre a economia do trabalho, Singer dá atenção ao termo “classes trabalhadoras” porque, para além da venda da força do trabalho a empresas capitalistas, também existe a classe trabalhadora que não explora o trabalho dos outros, já que os mesmos têm meios de produção próprios, diferentemente dos trabalhadores assalariados, que são integrantes da economia capitalista.

A unidade doméstica, pela perspectiva de Singer (1999), não pode ser descrita como economia, pois é uma unidade de consumo que pode também ser de produção, mas que, ao vender sua força de trabalho, não está produzindo coisa alguma. Outro ponto de divergência nos estudos desses dois autores é que para Singer, quando se exclui capitalistas e rentistas da economia do trabalho (unidade doméstica), evidencia-se uma contradição. Dessa forma, as unidades rentistas não podem ser entendidas como um único grupo, uma vez que existem os rentistas aposentados, que ganham salários, e os rentistas de elite, que são herdeiros e vivem de rendas. Logo, a unidade rentista tem uma parcela que não está dentro dos setores populares.

Singer (1999) ainda afirma que todos dentro da economia capitalista fazem parte das unidades domésticas de assalariados e que, para a criação de uma economia alternativa ao capitalismo, não deve haver recortes pelas unidades domésticas. Para a economia alternativa ao capitalismo, o autor expõe que ela se caracteriza basicamente por princípios socialistas ou cooperativistas; que é exatamente a mesma coisa, na visão do autor. Com base nessa afirmação de Singer, nessa empresa, todos têm direitos e deveres iguais, com participação igual nos excedentes, tornando-se democrática, em que todos os trabalhadores podem tomar decisões.

O que Coraggio (1999) denomina como economia do trabalho, ou economia popular, Singer chama de Economia Autogestionária (com base na economia solidária), em que os princípios são igualdade e democracia; igualdade econômica relativa e democracia de decisão absoluta. Porém, Singer aborda a dificuldade de se manter esse tipo de economia apoiada na democracia, no cooperativismo e nas formas igualitárias, pois há uma propensão à degeneração, em que se percebe a necessidade de periodicamente ter atenção e procurar meios de luta para que a economia solidária não se enfraqueça.

Vilchez (2017) corrobora o pensamento de Coraggio (1999) de que esse modelo de economia envolve atividades desenvolvidas pelos setores sociais específicos que

usam a sua própria força de trabalho e recursos, a fim de satisfazer as suas próprias necessidades básicas. Vilchez, também afirma que a Economia Popular visa diminuir o desemprego ocasionado por consequência do capitalismo, dando melhores condições de vida aos cidadãos.

Nem todos os trabalhadores informais fazem parte da economia popular, alguns estão dentro de subcontratações e trabalhos não registrados no capitalismo e outros são trabalhadores independentes (FELDER; PATRONI, 2018). Dessa forma, as questões críticas das discussões em debates sobre a Economia Popular vão desde a organização sindical até ao bem-estar e sua relação com os chamados “governos progressistas” (GAGO; CIELO; GACHET, 2018).

Para Gaiger (2009), os termos informal, popular e solidário não são incompatíveis, tampouco indiferentes. O autor relata que, no contexto de ampla informalidade das economias latino-americanas, várias iniciativas de Economia Solidária prosperam sem deixarem de ser informais. Logo, essas iniciativas de Economia Solidária adotam a perspectiva de superar a instabilidade e a incerteza que afetam a vida material dos pobres.

Para Nelms (2015), foram dados muitos nomes à “outra economia”, criando um inventário heterogêneo de atores e instituições. Dessa forma, essa outra economia não só foi chamada de economia popular e solidária ou sociais e/ ou de economia solidária, mas também a economia humana, a economia do trabalho, da economia informal, economias comunitárias, as economias éticas, economias plurais, o terceiro setor, e assim por diante, logo:

Nos setores populares urbanos, os associados, em geral oriundos do mundo informal caracterizado pelo trabalho por conta própria, restringiram as suas atuações apenas a uma alternativa de geração de trabalho e renda para sobrevivência familiar ou comunitária” (FERRAZ; DIAS, 2008, p. 109).

Para Vilchez (2017), a Economia Popular Solidária tem perspectiva econômica em que todos os membros de empresas são igualmente acionistas e investidores e a democracia praticada nessas empresas permite que os indivíduos desenvolvam altos níveis de autoestima e promove uma sensação de pertencer ao grupo. Porém, Goerk (2005) alerta que, na Economia Popular Solidária, encontram-se aspectos de solidariedade em empreendimentos organizados pela Economia Popular, mas que nem toda Economia Popular é de solidariedade.

De acordo com Cavedon e Ferraz (2006; 2008), iniciativas populares de geração de emprego e renda passaram a ser conhecidas como Economia Popular Solidária (EPS) e têm se apresentado como uma forma alternativa ao modelo de economia vigente. Os autores ainda mencionam que essa economia pode ser entendida como alternativa desenvolvida pela sociedade civil, que tem como núcleo a solidariedade, além da ocorrência da autogestão, com igualdade entre todos. Para Ferraz e Dias (2008), o surgimento de associações econômicas de Economia Popular Solidária representa uma resposta às crises do sistema econômico atual, face ao desemprego e a exclusão social.

Os principais tipos de empreendimentos coletivos da Economia Popular Solidária são as cooperativas e as associações de trabalho, produção e de serviço, que geram trabalho e renda e elas trazem consigo os princípios de cooperação, democracia e autogestão (GOERK, 2005).

Vilchez (2017) destaca que a Economia Popular Solidária pode ser facilmente confundida com o Socialismo, mas se difere pelo fato de o socialismo ser uma perspectiva política e não um modelo econômico realista. Porém, a Economia Popular Solidária não se concentra apenas nos aspectos econômicos, nessa economia, na visão de Vilchez, é possível notar a promoção do desenvolvimento social, político e cultural e a procura por um equilíbrio da distribuição da riqueza que contribui para justiça social.

A Economia Popular Solidária é uma alternativa às questões negativas do neoliberalismo, por meio da transformação da realidade, da cooperação, solidariedade e igualdade, sendo uma economia democrática. É, também, uma economia gerada dentro do discurso capitalista, porém, sem as práticas desumanas do capitalismo, promovendo a democratização e ampliando o acesso ao capital financeiro e social para maiores segmentos da população (VILCHEZ, 2017).

A economia solidária tem se apresentado como uma nova estratégia de se constituir alternativa de luta contra o desemprego, por meio de empreendimentos autogestionários de forma coletiva e participativa nos setores populares (SILVA; ZANINI, 2014).

Ferraz e Dias (2008) apontam uma preocupação também identificada por Singer (1999) quanto às economias dos setores populares, para esses autores, a Economia Popular Solidária apresenta algumas problemáticas na sua origem. Esses problemas são derivados de matrizes teórico/conceituais diversificadas de acordo com o lugar de atuação e os movimentos sociais aos quais os empreendimentos desse tipo de economia estão ligados (FERRAZ; DIAS, 2008).

Singer (1999) afirma que as empresas autogestacionárias estão sendo formadas no mundo todo há 200 anos pela classe trabalhadora. Em meio a divergências conceituais sobre a economia popular/economia autogestacionárias, Singer apresenta uma convergência com Coraggio em relação à economia solidária, quando afirma que ela não tem que ser uma economia “de pobre” e recomenda buscar a cooperação produtiva, pois afirma que ela dá certo, mas adverte que ela tende a degenerar.

Para Singer a economia individual, os pequenos produtores, os microprodutores ou autônomos, têm formas novas de se organizar que também são solidárias. O autor afirma que dentro de uma economia dominada por cooperativas também tem espaço para a economia capitalista e que se deve ter liberdade para quem quiser criar empresa capitalista e outro quiser ser assalariado. Na autogestão, “os indivíduos são autônomos (são livres para agir, criar e se expressar); entretanto, suas atitudes são balizadas pela noção de solidariedade, a fim de manter a coesão social do grupo” (CAVEDON; FERRAZ, 2006, p. 94).

A reprodução da vida de parcelas crescentes da população passou a depender, em maior escala, de atividades assentadas no trabalho realizado de forma individual, familiar ou associativa, muitas vezes apoiada no setor informal (KRAYCHETE, 1999). Logo, evidencia-se, de maneira implícita, um conjunto de características voltadas a competências encontradas na economia informal, por meio de uma constatação da OIT (2006), em que muitos dos trabalhadores da economia informal “têm um sentido apurado do negócio, espírito criativo, dinamismo e capacidade de inovação, potencial que pode prosperar se conseguir eliminar determinados obstáculos”.

Dessa forma, é necessária uma contextualização sobre as competências, buscando atingir o objetivo desse trabalho, de “identificar o perfil de competências empreendedoras de comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da economia popular”.

2.2 Contextualizando Competências: Competências Laborais e Empreendedoras

Antes mesmo da temática gestão por competências surgir, o termo competência, de acordo com Lima e Cavalcante (2015), era aplicado à linguagem jurídica no final da idade média. A competência, conforme as décadas foram passando, foi do meio jurídico, passando pela área da educação ao campo das relações trabalhistas (FLEURY; FLEURY, 2001) e pela gestão de pessoas. Logo, foi observado que, durante a década de

1970, a competência estava ligada a noção de “qualificação” e, só a partir dos anos de 1980 que o termo competência ganhou importância, como abordam Zarifian e Le Boterf (2001; 2003), contudo o termo ainda se mostrava confuso e até então era empregado na iniciativa privada.

Durante a década de 1970, na França, quando se começou o debate a respeito das competências, discutia-se o conceito de qualificação e do processo de formação profissional, principalmente técnica (FLEURY; FLEURY, 2001).

Lamonato e Presser (2015) entendem que “ser competente requer a capacidade de alcançar resultados, transformando conhecimentos em habilidades, por meio de atitudes e comportamentos adequados” (2015, p. 4). Enquanto Zarifian (2001) expõe como proposta de definição para o termo competência, indica “o tomar iniciativa” e “o assumir responsabilidade” do indivíduo diante de situações profissionais com as quais se depara. Logo, Le Boterf (2003) e Picchiali (2010) classificam a competência como uma disposição para agir de modo pertinente em relação a uma situação específica. Dessa forma fica perceptível que para os dois autores a competência necessita de um contexto, uma situação que provoque o seu surgimento. Em complemento Le Boterf (2003) define a competência como sendo a capacidade de integrar saberes diversos e heterogêneos para finalizá-los na realização de atividades, sendo uma disposição, e não um gesto elementar. De acordo com o pensamento de Le Boterf (2003), Mello, Fonseca e Paiva Junior (2007), a competência pode ser entendida como uma característica que engloba diferentes traços de personalidade, habilidades e conhecimentos.

Sobre a noção de competência no cenário internacional, Shimizu e Fragelli (2016) trazem a abordagem australiana, mais holística, que combina atributos do profissional com o contexto em que tais atributos podem ser aplicados, sendo considerada mais integrada, combinando teoria e prática, corroborando os estudos de Le Boterf e Picchiali (2003; 2010).

O pensamento situacional e de pouca previsibilidade, sobre as competências, também é apoiado por Ruas (2008), que afirma que essa noção se deu durante os anos 1990, enquanto que Fleury e Fleury (2001) falam que no caso brasileiro, o debate emerge na discussão acadêmica fundamentada inicialmente na literatura americana, pensando-se competência como input, algo que o indivíduo tem, dessa maneira os autores definem competência como “um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos e habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo”.

As competências, também, podem ser baseadas no acúmulo de experiências, ações em um determinado contexto, desta forma as competências e a aprendizagem estão relacionadas (ZAMPIER; TAKASHI, 2011). Nascimento e Oliveira (2010) abordam em seu estudo a importância não só do conhecimento já existente, mas também da importância do desenvolvimento que pode ser adquirido. Embora não seja exposto durante o estudo de Nascimento e Oliveira (2010), é perceptível que há uma conexão entre o campo da aprendizagem e das competências, igualmente a conexão abordada por Zampier e Takashi (2013).

As competências estão divididas em três níveis, que são o individual, o coletivo e o organizacional, conforme categorizados por Lima e Cavalcante (2015), em que o nível individual tem um conjunto de competências do indivíduo em particular, o nível coletivo engloba as competências funcionais, do grupo ou equipes que formam a organização e por fim o nível organizacional, que envolve as competências da organização como um todo.

Embora o conceito de competência não seja recente, Murari e Helal (2010) apresentam as correntes de pensamento a respeito do tema. Para os autores, são as correntes comportamentalista, a corrente funcionalista e a corrente construtivista, cujas características podem ser observadas no Quadro 2:

Quadro 2: Correntes do conceito Competência

CORRENTE COMPORTAMENTALISTA (condutivista/behaviorista)	CORRENTE FUNCIONALISTA	CORRENTE CONSTRUTIVISTA
Origem americana	Origem inglesa	Origem francesa
Enfatiza a definição de atributos que permitam ao indivíduo alcançar desempenho superior.	Enfatiza a construção de perfis ocupacionais como base para a definição de programas de formação, avaliação e certificação de competências.	Enfatiza o processo de aprendizagem (cognitiva) como mecanismo para o desenvolvimento de competências profissionais (STEFFEN, 1999).

Fonte: Adaptado de Murari e Helal (2010).

Dessa forma a corrente construtivista, de origem francesa, citada por Murari e Helal (2010), se aproxima mais dessa pesquisa, já que aborda as competências profissionais.

Sendo assim, abordaremos na próxima sessão as competências profissionais, laborais e empreendedoras, a fim de dar suporte às características apresentadas pelos

indivíduos que trabalham nas economias dos setores populares pautados pelo conceito do processo de gestão de competências que é aqui entendido como:

o conjunto de todos os esforços individuais, sociais, coletivos e organizacionais no sentido da formação e do desenvolvimento de competências e meta-competências, fundamentados na reflexão do sujeito na e sobre sua própria ação, propiciando resultados em termos macro, micro e parciais, observáveis pelo indivíduo e por terceiros (Paiva, 2012).

Lamonato e Presser (2015) apresentam que o termo competências profissionais pode ser utilizado para se referir às necessidades de um cargo, ou às competências apresentadas pelo indivíduo em um processo avaliativo. Porém, os autores advertem que ainda apresenta problemas em sua conceituação.

Para Martins et al (2017), o construto competência, no nível individual ou profissional, é antigo e heterogêneo e tem sua origem associada à noção de qualificação. Os autores, ainda, afirmam que esse construto se baseava nas capacidades relacionadas às predefinições da tarefa e aos processos previstos.

Já Paiva e Nicollai (2012) veem a competência como significado de um saber acumulado, sendo expressa por um conjunto de tarefas a serem executadas quando o trabalhador ocupa determinado posto de trabalho, onde a formação para o trabalho passa a significar formação profissional. Entretanto, as autoras deixam claro que não existe competência no vácuo ou em isolamento, pois a competência realiza-se na ação e não preexiste a esta.

Em estudo realizado na área de turismo, Paiva e Nicollai (2012), discorrem sobre as competências profissionais de alunos em cursos de turismo. Porém, nesse estudo percebe-se a presença de uma explicação sobre o que seriam competências e competências profissionais por meio das diretrizes curriculares nacionais, sem a apresentação clara de uma conceituação geral dos termos.

Para Cançado (2017), a mobilização da competência do profissional vem de sua história de vida, de sua formação profissional e do cenário profissional no qual está inserido. O autor, também, indica que é preciso aperfeiçoamento dos conhecimentos, capacidades cognitivas, capacidades racionais, etc.

Assim, cada experiência tem suas particularidades, não se repetindo da mesma maneira; contudo, pode ser uma fonte de ensinamento se for formalizada (PAIVA; NICOLLAI, 2012), assim as particularidades, por meio de novos acontecimentos e/ou imprevistos dão oportunidade para o desenvolvimento das competências profissionais.

Para Barros e Paiva (2013) no exercício da atividade profissional, a depender do contexto, as competências exigidas podem ser diferentes. Por meio de um entendimento distinto, Barros e Paiva (2013) sugerem um modelo de competências profissionais que adota desde as motivações e o tipo de personalidade do sujeito até a reflexão realizada por ele a partir das ações que pautam os resultados que ele entrega.

Le Boterf (2003) observa que é o caráter de transferibilidade ou de transponibilidade não deve ser buscado nas competências ou nas capacidades e sim na competência do profissional, pois, para o autor, essa faculdade para transpor permite ao profissional reconhecer isomorfismos nas estruturas dos problemas a tratar ou das situações sobre as quais deve intervir.

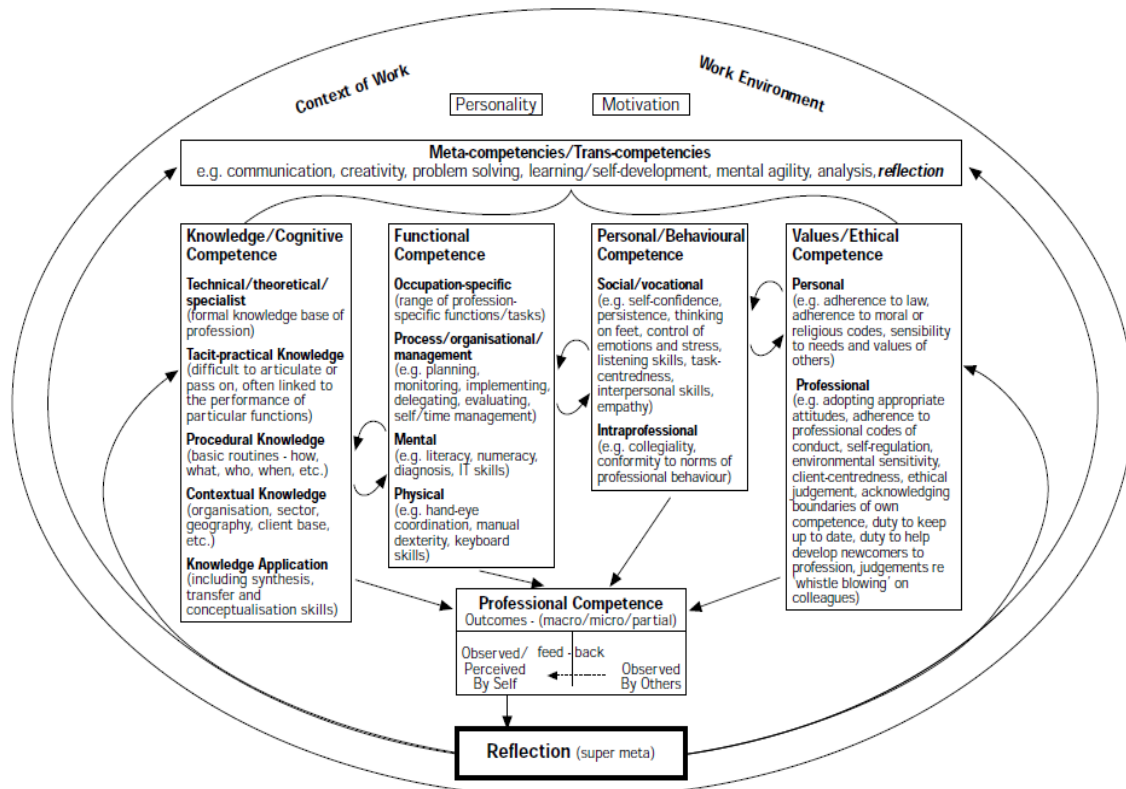
Ao passo que Bunk (1994) alega que para ter competência profissional é necessário exercer uma profissão e poder resolver problemas profissionais de forma autônoma e flexível. Portanto, colaborando com o ambiente profissional e estruturando um conjunto de requisitos pessoais em relação às qualificações profissionais com base nos grupos de qualificações técnicas, metodológicas, social, pessoal e participativo.

Barros, Melo e Agostini (2014) adotam o conceito de competência profissional, apoiado em Cheetham e Chivers; Paiva e Melo (1998; 2000), assim conceituando-as como:

Mobilização de forma particular pelo profissional na sua ação produtiva de um conjunto de saberes de naturezas diferenciadas (formados por componentes cognitivos, funcionais, comportamentais, éticos e políticos) que gera “resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (sociedade)”.

Cheetham e Chivers (1996) trazem um modelo holístico de competência profissional, em que esse tipo de competência está ligado a metacompetências (comunicação, autodesenvolvimento, criatividade, análise, resolução de problemas), que são genéricas e abrangentes em todas as ocupações e podem auxiliar no desenvolvimento de outras competências capazes de aumentar ou mediar competência nas categorias de componentes. Esses componentes (Figura 1) são compostos por competência cognitiva, competência funcional, competência pessoal e comportamental, competência ética e de valores.

Figura 1: Modelo de competência profissional de Cheatham e Chivers



Fonte: Cheatham e Chivers (1996; 1998).

As competências profissionais, observadas na Figura 1, são constituídas por um modelo de quatro componentes principais (núcleo), que fazem parte das metacompetências. Esses componentes núcleo são conhecimento/competência cognitiva; competência funcional; competência pessoal ou comportamental; valores/competência ética (CHEETHAM; CHIVERS, 1996; 1998). Cada componente núcleo é formado por constituintes e a reflexão dos resultados nas competências profissionais ocorre por meio dos níveis macro, micro e parcial, onde a sua percepção é gerada individualmente ou por terceiros.

Entretanto, Cheatham e Chivers (2000) argumentam que há sugestões, em seus estudos, que a reflexão contribui significativamente menos para a aquisição inicial de competência profissional do que faz para o desempenho contínuo de profissionais mais experientes. Diante disso é necessário se ter cautela quanto ao excesso de dependência da reflexão no desenvolvimento profissional, pois o contexto em que o indivíduo está inserido no trabalho, o ambiente de trabalho e suas condições têm importância na composição da competência profissional.

Ampliando o conceito de Competência proposto pelos autores Cheetam e Chivers, Paiva (2007) introduziu a “competência política” que observa as relações de poder presentes na estrutura organizacional, que interferem na atuação do profissional (PAIVA; NICOLAI, 2012, p. 8).

Figura 2: Modelo de Competências Profissionais de Paiva



Fonte: Paiva (2007 e 2012).

Logo, o conceito de competência profissional de Paiva (2007) é a:

mobilização de forma particular pelo profissional na sua ação produtiva de um conjunto de saberes de naturezas diferenciadas (formados por componentes cognitivos, funcionais, comportamentais, éticos e políticos) de maneira a gerar resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (comunitário) (PAIVA, 2012).

Por essa dissertação trazer temas como trabalho autônomo, Economia Popular e Solidária e por muitos dos pesquisados não fazerem parte de organizações formais durante a maior parte do ano, se fez necessário trazer uma nova ampliação do conceito de competências profissionais para poder incluir outras formas de sustento, menos estruturadas, voltadas para a informalidade, dessa forma tendo o deslocamento conceitual de “competências profissionais” para “competências laborais” (PAIVA, 2012).

Por meio desse deslocamento conceitual será possível analisar competências dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, independentemente do grau de

formalização do trabalho que eles exerçam. Dessa forma, o conceito de Competências Laborais utilizado será:

mobilização de forma particular pelo trabalhador na sua ação laboral de conjuntos de saberes de naturezas diferenciadas (formados por componentes cognitivos, funcionais, comportamentais, éticos e políticos) que gerou resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (comunitário) (PAIVA, 2012).

Dessa forma, o pequeno comerciante pode ser chamado trabalhador, pois está sendo considerado o trabalho realizado e entregue pelo pequeno comerciante, independentemente do nível de profissionalização da sua ocupação. Os componentes desse modelo também são ampliadas, como indica o quadro abaixo:

Quadro 3: Componentes do modelo de Competências Laborais de Paiva

COMPONENTES	DESCRIÇÃO
Cognitiva	Passa a tratar de conhecimentos técnicos, teóricos e tácitos a respeito do trabalho, seu ambiente e seu contexto.
Funcional	Amplia para conhecimentos de especificidades do trabalho e processos relacionados, e mantém capacidades mentais e físicas para realização do trabalho.
Comportamental	Amplia para o domínio de aspectos comportamentais, relacionais e sociais, entre trabalhadores de atividades semelhantes e, também, distintas.
Ética	Passa a dizer respeito à empatia em termos de valores pessoais e relacionados ao trabalho.
Política	Remete para habilidades pessoais e laborais no trato social relativo aos jogos de poder.

Fonte: Adaptado de Paiva (2012).

Para Zampier e Takashi (2013), os conceitos de competência empreendedora provêm dos conceitos existentes em competência individual, que privilegiam a experiência e a construção dos conhecimentos subjacentes a elas. Os mesmos autores ainda relacionam o processo de aprendizagem empreendedora com a construção da própria competência empreendedora.

Leite Filho e Colares (2016, p. 4) afirmam que “ainda há poucas evidências empíricas de aspectos do gerenciamento das Competências Empreendedoras ou do nível de utilização da visão baseada no conhecimento nas empresas, principalmente em pequenas e médias empresas brasileiras”. De acordo com Lizote e Verdinellas (2014), as Competências Empreendedoras podem ser entendidas como um construto que engloba diferentes traços de personalidade, habilidades e conhecimentos.

Em estudo sobre possibilidades e desafios do *M-learning* para o desenvolvimento de Competências Empreendedoras, Silva e Klein (2016) definiram

que, as Competências Empreendedoras são definidas como características individuais que incluem atitudes e comportamentos, que permitem empreendedores alcançar e manter o sucesso do negócio.

Da mesma forma, quanto à abordagem individual, Man e Lau; Honma e Teixeira (2000; 2011) também acreditam que o enfoque dado às competências pode ser a alternativa para melhor entendimento das características individuais dos empreendedores relacionadas às suas atividades na função e organização.

Já Zampier e Takashi (2011) apresentam alguns conceitos sobre Competências Empreendedoras, desta forma um dos conceitos definidos diz que a junção de competências com ações empreendedoras levou a criação desse conceito. Os mesmos autores também apresentam que o conceito de Competências Empreendedoras pode estar mais próximo dos conceitos de competências individuais.

Mello, Leão e Paiva Junior (2006), em estudo sobre Competências Empreendedoras de dirigentes de empresas brasileiras de médio e grande porte que atuam em serviços da nova economia, observaram que existem competências associadas a posturas empreendedoras que auxiliam na compreensão de atributos geradores de respostas de valor na interação com grupos internos e externos da organização. Além disso, com base nos estudos de Man e Lau (2000), as competências serão categorizadas em seis áreas distintas de comportamento.

Essas categorias abordadas por Man e Lau (2000) são competência de oportunidade, competência de relacionamento, competência conceito, competência de organizar (administrativa), competência estratégica, competência de comprometimento, dessa forma é possível ver no Quadro 4, o foco comportamental de cada área de competência.

No mesmo estudo, Man e Lau utilizaram uma abordagem sobre a competência de equilíbrio “trabalho/vida pessoal”, onde tais interesses são complementares, e não concorrentes, em termos de prioridades. Assim, também, notaram durante a pesquisa, que além do conjunto de áreas de competências, ainda se tinham as “competências de apoio” que desempenham papéis de apoio para as áreas existentes das competências ou concentram-se no foco pessoal do empreendedor e nas várias competências individuais e suas influências em eventos comportamentais específicos.

Quadro 4: Áreas das competências e seu foco comportamental – Competências Empreendedoras

ÁREA DE COMPETÊNCIA	FOCO COMPORTAMENTAL
Competência de oportunidade	Competência relacionada ao reconhecimento de oportunidades de mercado através de vários meios.
Competência de relacionamento	Competência relacionada às interações de pessoas para pessoas ou de indivíduos para o grupo.
Competência conceitual	Competência relacionada a diferentes habilidades conceituais que são refletidas no comportamento do empreendedor.
Competência de organizar (administrativa)	Competência relacionada à organização de diferentes atividades internas e recursos externos humanos, físicos, financeiros e tecnológicos.
Competência estratégica	Competência relacionada à definição, avaliação e implementação da estratégia da empresa.
Competência de Comprometimento	Competência que levam o empreendedor a avançar com o negócio.

Fonte: Man e Lau (2000).

É relevante mencionar que nos estudos citados, nesse tópico, os autores de alguma forma relacionam a competência com a aprendizagem. Igualmente ao exposto, Zampier e Takashi (2011) chegam à conclusão que ao explorar a correlação entre Competências Empreendedoras e aprendizagem empreendedora, apresentou-se consenso na relevância da utilização da abordagem de aprendizagem experiencial, baseada na prática, no contexto e na ação, e de se investigar o conhecimento obtido. Em conformidade com esta linha de pensamento Man e Lau (2000; 2005) afirmam que as competências podem ser melhoradas por meio da educação e formação. Segundo os autores, as Competências Empreendedoras podem fazer parte dos traços, personalidade, atitudes, papel social e auto-imagem de um indivíduo, assim como também podem ser adquiridos por meio de experiências, trabalho, observação, treinamento e educação.

Sendo assim, as competências são desenvolvidas por meio de experiência prática ao longo dos anos e os indivíduos que desenvolvem Competências Empreendedoras possuem melhores condições para gerirem seus negócios (ZAMPIER; TAKASHI; ZONATTO *et al.*, 2011; 2017).

Por fim, percebe-se que as Competências Empreendedoras e laborais/profissionais se complementam e podem juntas contribuir para a construção do perfil de competências dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, especialmente levando em consideração que cada área da competência empreendedora pode ser executada junto a um ou mais de um componente dos competências laborais/profissionais, assim como as Competências Empreendedoras, também, podem se

relacionar com as metacompetências (comunicação, autodesenvolvimento, criatividade, análise e resolução de problemas).

Para entender as competências dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, bem como os aspectos da economia popular que contribuíram para o desenvolvimento dessas competências é necessário também entender o campo de estudo, onde os sujeitos desta pesquisa estão inseridos, no caso a festa junina de Campina Grande, que será exposta na próxima seção.

2.3 Entendendo a festa junina de Campina Grande – PB

O município de Campina Grande está localizado na Serra da Borborema, na mesorregião Agreste do estado da Paraíba, a 130 km da Capital do estado, João Pessoa. A cidade conta com uma área de unidade territorial de 593,026 km² (IBGE, 2018), e segundo a Prefeitura Municipal de Campina Grande – PMCG (2019b), tem uma população de 410.332 habitantes, sendo um polo universitário por ter vinte e uma universidades e faculdades, das quais três são públicas. Também é o município com o segundo maior PIB da Paraíba, de acordo com pesquisa apontada pelo IBGE (2017).

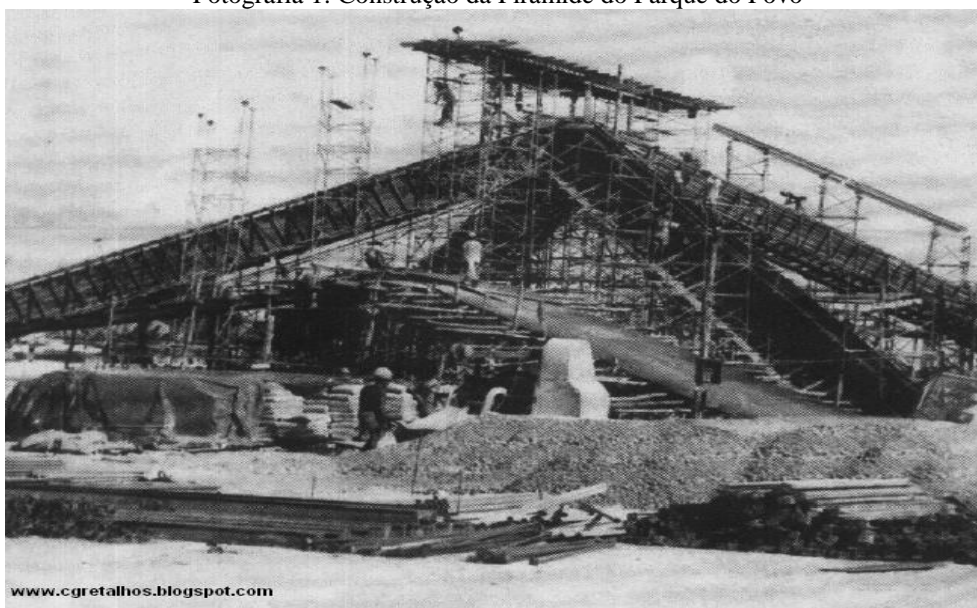
As primeiras manifestações juninas³ na cidade possuíam um formato de comemoração tradicional e foram trazidas pelos colonizadores e suas origens remontam ao início do século passado. Essas comemorações eram realizadas no interior das casas, com características das tradições rurais (PERDIGÃO, 2014). Os festejos eram organizados por familiares e amigos próximos que se reuniam no período entre a véspera e o dia 24 de junho para celebrar o Santo São João (catolicismo) e a colheita do milho, com músicas e danças tradicionais juninas, comida típica, fogueira, fogos de artifício, balões e casas decoradas.

No final da década de 1970, segundo Nóbrega (2010), o evento que antes era realizado nos bairros, foi centralizado no “Palhoção”, um barracão rústico e grande, coberto de palha. No ano de 1983, foi construído o “Parque do Povo”, local onde passaram a se concentrar os festejos juninos, no centro da cidade, dando mais visibilidade ao evento e trazendo consigo o *slogan* de “O Maior São João do Mundo” até os dias de hoje.

³ Manifestações culturais da festa de São João.

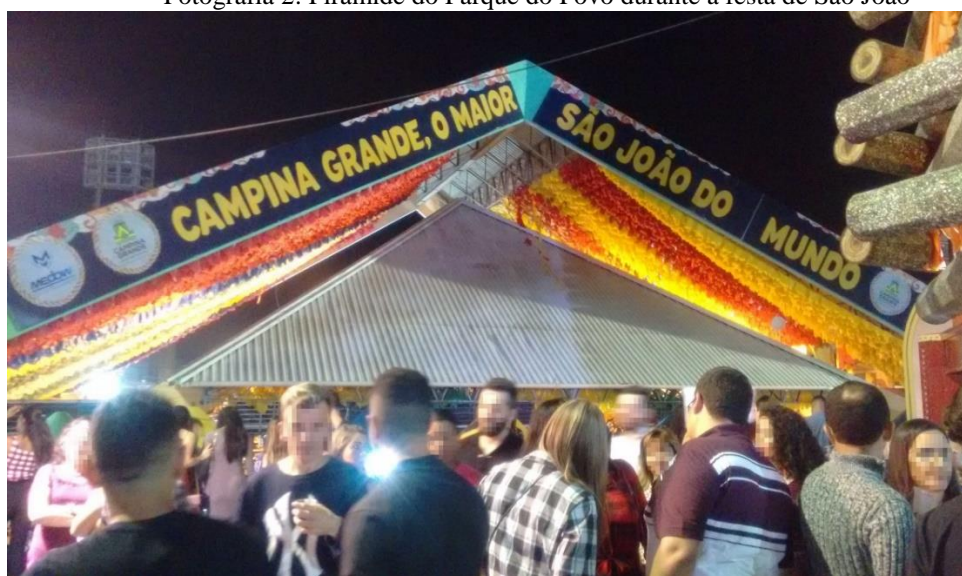
Com a construção do Parque do Povo, o prefeito da época, Ronaldo Cunha Lima, pediu que fosse construída uma estrutura com cobertura em forma de triangular, que foi batizada de “Pirâmide do Parque do Povo”, essa construção foi feita na área central do local do evento, para ter maior visibilidade (NOBREGA, 2010). Essa estrutura teve o objetivo de permitir que a população pudesse dançar durante a festa, hoje o local é também usado para apresentações de quadrilhas juninas, apresentações de danças, entre outras atrações dentro e fora do período de festa.

Fotografia 1: Construção da Pirâmide do Parque do Povo



Fonte: Retalhos históricos de Campina Grande (2017).

Fotografia 2: Pirâmide do Parque do Povo durante a festa de São João



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 3: Interior da Pirâmide do Parque do Povo



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

O “Parque do Povo” é o local de realização da maior parte dos festejos, e por isso, foi escolhido para a aplicação dessa pesquisa. A festa é pública e ocupa uma área de 42,5 mil m², localizada no centro da cidade (G1 PARAÍBA, 2019a), essa área é equivalente a pouco mais de cinco campos de futebol padrão FIFA⁴ (2011). O *layout* da festa pode ser visto na Figura 3.

Figura 3: *Layout* do Parque do Povo em 2019

Fonte: Medow (2019 *apud* G1, 2019a).

⁴ O Campo de Futebol padrão FIFA (Federação Internacional de Futebol) é 105mx68m = 7.140m². Fonte: https://www.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.

O Parque do Povo tem várias atrações, dentre elas, as apresentações de quadrilhas juninas⁵ (Fotografia 4) que, segundo a Empresa Brasil de Comunicações – EBC (2013), foram inspiradas no “*quadrille*” (uma dança de salão, originária da Europa) que se fundiu com várias manifestações brasileiras preexistentes e passou a ser dançada pelo povo brasileiro, tendo maior destaque nas festas de São João do nordeste brasileiro. Também é feita no Parque do Povo a realização de casamentos coletivos, apresentações de shows de artistas locais, regionais e nacionais. Há, ainda, no local, alguns acessos restritos que só podem ser utilizados mediante entrada paga, como por exemplo, os camarotes.

Encontram-se dentro do Parque do Povo tanto empreendimentos de grande e médio porte, quanto pequenos empreendimentos e o comércio ambulante, cujos negócios possuem um espaço menor para o funcionamento. Os empreendedores de pequeno porte trabalham sozinhos, associados ou em companhia de familiares e amigos com o mesmo propósito.

Fotografia 4: Quadrilha junina (Moleka 100 Vergonha) de Campina Grande



Fonte: Iara Alves - G1 PB (2019).

Segundo Perdigão (2014), a festa de São João de Campina Grande está inclusa no calendário de eventos do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR. O autor, também, afirma que a EMBRATUR e a Organização das Nações Unidas para a

⁵ Combinação de dança, encenação e música, que contam as histórias do povo nordestino em torno de um casamento fictício.

Educação, Ciência e Cultura – UNESCO reconheceram o São João de Campina Grande como “manifestação autêntica da diversidade cultural brasileira” no ano de 2009.

Perdigão (2014) acrescenta que um evento desse porte traz benefícios para a economia informal. Vendedores ambulantes, taxistas, mototaxistas, donos de bares e restaurantes, prestadores de serviços, o comércio como um todo se favorece com a realização da festa de São João de Campina Grande. No ano de 2019, a festa está na sua 36ª. De acordo com a Prefeitura de Campina Grande (2019c):

Os dividendos econômicos do evento beneficiam até municípios vizinhos, na confecção de fantasias, transportes, artesanatos, dentre outros itens e até hospedagem, quando a rede hoteleira de Campina esgota sua oferta de leitos, com os turistas procurando cidades periféricas como Lagoa Seca, Queimadas, dentre outras.

Segundo informações do Portal G1 Paraíba (2019b), o Parque do Povo é o local de maior concentração da festa de São João de Campina Grande e recebe os principais espetáculos da festa, o espaço tem cidade cenográfica, com réplicas de prédios e templos históricos de Campina Grande. Dentre as réplicas dessa cidade cenográfica está a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, como pode ser visto na foto 5, prédio que no dia em 8 dezembro de 2019 completa 250 anos.

Fotografia 5: Réplica da Catedral de Campina Grande



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

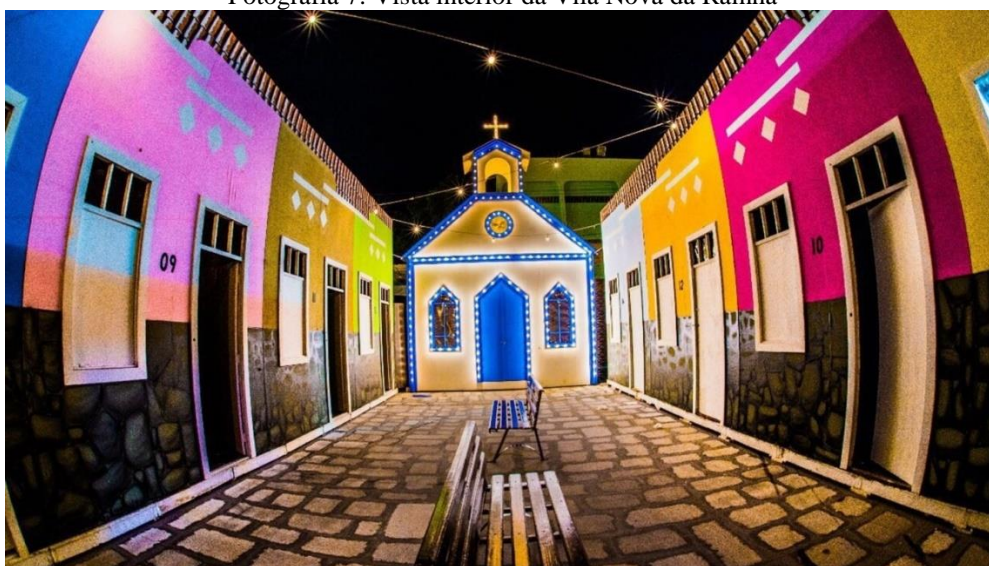
Há, ainda, uma réplica da Vila Nova da Rainha, local que já foi ocupado por índios Cariris e que, em 1790, tornou-se vila e deu origem ao município de Campina Grande (PMCG, 2010 *apud* IBGE, 2019).

Fotografia 6: Réplica da Vila Nova da Rainha



Fonte: PMCG (2019b).

Fotografia 7: Vista interior da Vila Nova da Rainha



Fonte: Demétrio Costa e Emanuel Tadeu/Top Mídia Comunicação (2019 *apud* G1 PB, 2019).

Essa vila, na festa de São João, é composta por cópias cenográficas de casas e uma pequena capela, todas inspiradas nas construções do século XVIII. Nessa vila montada no Parque do Povo, encontra-se uma variedade de artesanato local posto à venda, como pode ser visto na Fotografia 8.

Fotografia 8: Casas na Vila Nova da Rainha, com venda de artesanato local



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

É tradição no nordeste brasileiro, na noite que antecede o dia de São João e no próprio dia de São João, familiares e amigos reunirem-se e confraternizarem com comidas típicas juninas, fazem fogueiras em homenagem ao nascimento de São João Batistas, santo católico que deu origem à festa. Por conta dessa tradição, todos os anos no Parque do Povo é montada uma réplica gigante de uma fogueira, a chamada “Fogueira de São João”.

Fotografia 9: Réplica de uma fogueira no Parque do Povo



Fonte: PMCG (2019b).

Fotografia 10: Fogueira na véspera do dia de São João feita por uma família



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 11: Comidas típicas de São João no Nordeste do Brasil



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Além das réplicas já citadas, no Parque do Povo há uma réplica do antigo Telégrafo Nacional de Campina Grande (atual Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande) e do antigo Cassino Eldorado (que desabou no ano de 2014).

Fotografia 12: Réplica do Telégrafo Nacional de Campina Grande, no Parque do Povo



Fonte: Iara Alves – G1 PB (2019)

No interior da estrutura da réplica do Telégrafo Nacional, na edição 2019 do São João de Campina Grande, ficou instalado o serviço de “achados e perdidos” da festa. É de costume também, em algumas edições da festa, alguns restaurantes usarem a réplica da fachada do Cassino Eldorado, como pode ser visto nas Fotografias 13, 14 e 15.

Fotografia 13: Restaurante que usou réplica da fachada do Cassino Eldorado na edição 2019



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 14: Restaurante que usou réplica da fachada do Cassino Eldorado em edição de 2018 da festa



Fonte: Vida sem paredes (2018).

Fotografia 15: Restaurante que usou réplica da fachada do Cassino Eldorado em uma das edições anteriores da festa



Fonte: PMCG/ Divulgação (*apud* Correio Braziliense, 2015).

A cidade cenográfica do São João de Campina Grande estende-se por todo Parque do Povo, dessa forma, estando também presente nas estruturas de restaurantes, bares e até os pequenos empreendimentos da festa. Além da Vila Nova da Rainha, também compõe a cidade cenográfica a Vila do Mahal e o Beco da Pororoca, duas vias formadas por bares, lanchonetes e pequenos estabelecimentos que vendem alimentos e bebidas.

Fotografia 16: Vila do Mahal – parte da cidade cenográfica



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 17: Beco da Pororoca – parte da cidade cenográfica



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Em diversos pontos do Parque do Povo, há apresentações de bandas e trios de forró, como no caso das “ilhas de forró”, comumente chamadas de “Palhoças” pois, logo no início da festa, as ilhas eram cobertas por palhas e o chão coberto de terra, nessas palhoças, apresenta-se um trio de forró pé-de-serra. E há também os shows, tanto no palco principal e em outro palco menor.

Fotografia 18: Palhoça Zé Bezerra (ilha de forró).



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 19: Palco principal do Parque do Povo



Fonte: PMCG (2019).

Além do espaço do Parque do Povo, a festa tomou grandes proporções, atingindo várias partes da cidade e um de seus distritos. No período da festa junina, há

uma locomotiva, onde em cada vagão do trem, encontra-se um trio de forró pé-de-serra, essa locomotiva chama-se “Forró nos Trilhos”, também conhecida como “Trem do Forró”, que sai do bairro Estação Velha, em frente ao Museu do Algodão e vai até o distrito de Galante e faz o mesmo percurso na volta. Já no distrito de Galante, realiza-se nesse mesmo período, uma festa pública com shows gratuitos, estruturas com bares e barracas e restaurantes, além de em outros empreendimentos (restaurantes) do mesmo distrito terem atrações pagas.

Durante todo o mês de junho na cidade de Campina Grande, há diversas atrações em toda a cidade, como a Vila Sítio São João que traz uma reprodução da zona rural e das cidades interioranas do Nordeste brasileiro da década de 1940, sendo essa atração paga (G1 PARAÍBA, 2019b). Há a Vila do Artesão, que fica no bairro São José, onde são vendidos diversos produtos de artesanato regionais. A cidade também têm alguns museus e monumentos em referência à festa de São João, como por exemplo, o Memorial do Maior São João do Mundo, que contém “história através de registros fotográficos, jornalísticos e com o acompanhamento de guias que explicam como a festa começou e se tornou grande” (G1 PARAÍBA, 2019b). Além do museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP (Fotografias 20 e 21), conhecido como Museu dos Três Pandeiros, obra que se projeta sobre o Açude Velho e que foi assinado pelo conceituado arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer e que tem como mantenedora a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Outro exemplo é o monumento em homenagem a Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, que fica às margens do Açude Velho (Fotografia 22).

Fotografia 20: Frente do Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP



Fonte: UEPB (2019).

Fotografia 21: Lateral do Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP



Fonte: Márcio Lima (*apud* Anna Jailma, 2012).

Fotografia 22: Monumento Farra de Bodega



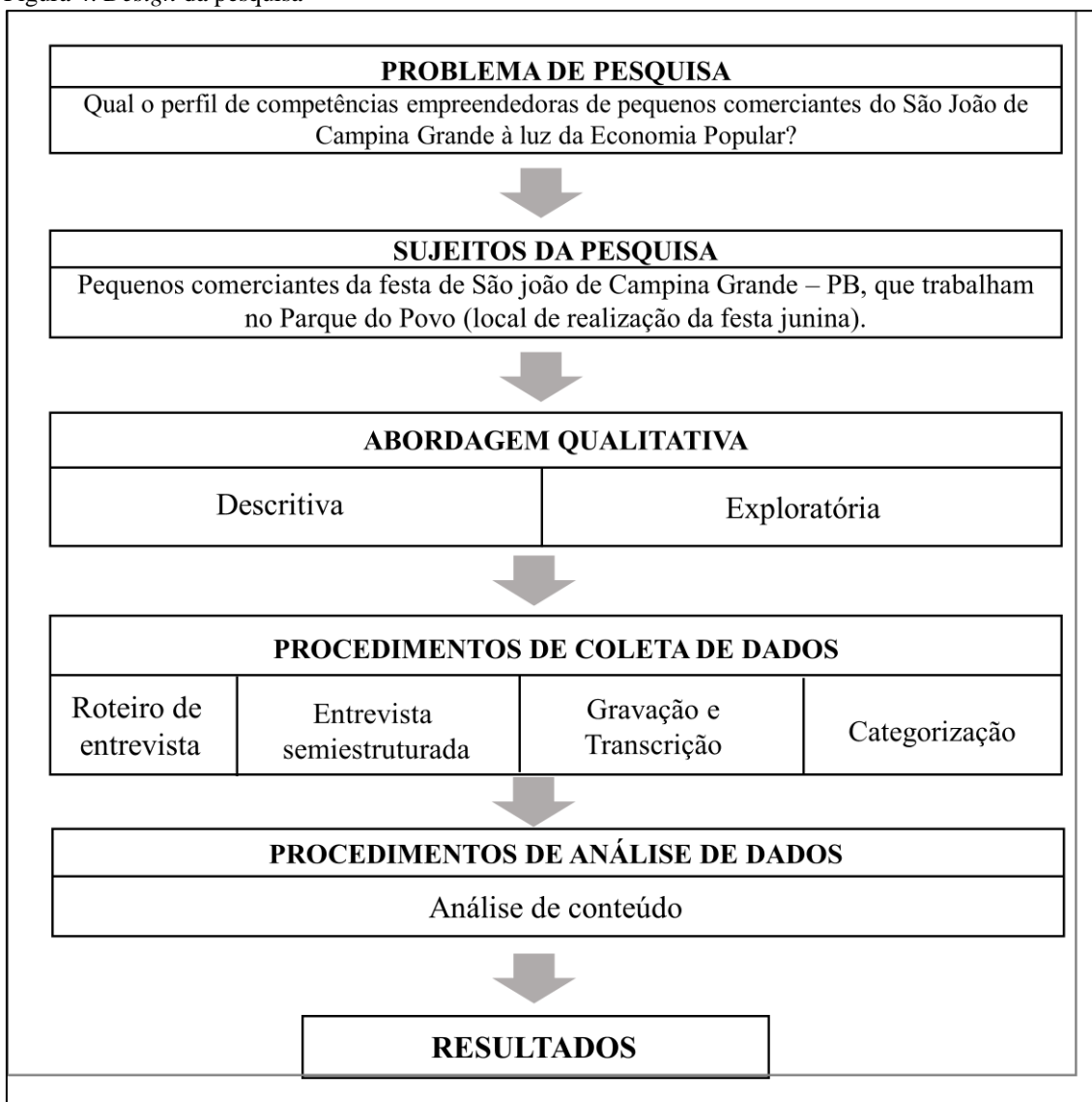
Fonte: Gustavo Xavier – G1 Paraíba (2019).

Dessa forma, é possível destacar que, durante o mês de junho, toda a cidade e entorno são movimentados economicamente por meio do turismo cultural, o que impacta positivamente, tanto para os empreendimentos da economia formal, quanto para a informalidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa, traçados a fim de alcançar os objetivos do estudo proposto. O *design* da pesquisa pode ser visualizado na Figura 4:

Figura 4: *Design* da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2019).

As entrevistas foram realizadas com os pequenos comerciantes do São João de Campina Grande de forma individual pois, como Bauer (2015) afirma, esse tipo de entrevista serve para tratar experiências individuais, de sensibilidade particular. Essa forma de entrevista serviu ainda para identificar os diferentes tipos de pequenos empreendimentos na festa do São João de Campina Grande.

3.1 Sujeitos da Pesquisa

Buscando atender aos objetivos desse estudo, compreende-se que os sujeitos desta pesquisa são os pequenos comerciantes, que trabalham na festa de São João de Campina Grande/PB, no local de maior concentração dos festejos juninos, o Parque do Povo.

Primeiramente, entramos em contato com a Prefeitura Municipal de Campina Grande, na Secretaria de Desenvolvimento Econômico – SEDE, com os responsáveis pela Coordenadoria de Turismo. Nessa ocasião, foram-nos concedidos, pela SEDE, os cadastros dos sujeitos dessa pesquisa e, a partir disso, fizemos uma triagem e separamos os empreendimentos de grande porte dos empreendimentos de pequeno porte, sendo o último o interesse desse estudo.

Para identificação dos pesquisados, foram utilizados códigos, para preservar o a sua identidade, conforme procedimentos do sigilo da pesquisa, como pode ser visto no Quadro 5:

Quadro 5: Identificação dos pequenos comerciantes que trabalham na festa de São João de Campina Grande

PEQUENOS COMERCIANTES	CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO
Ambulantes (bebidas, pipocas, tabuleiro – baleiro). Total = 10	A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10.
Quiosques (lanches, petiscos e bebidas). Total = 09	Q1, Q2, Q3, Q4, Q5, Q6, Q7, Q8, Q9.
Barracas – pirâmide: lanches, bebidas e petiscos. (3mx3m). Total = 02	BP1, BP2.
Barraca – área de alimentação (3mx4m). Total = 05	BA1, BA2, BA3, BA4, BA5.

Fonte: Elaboração própria (2019).

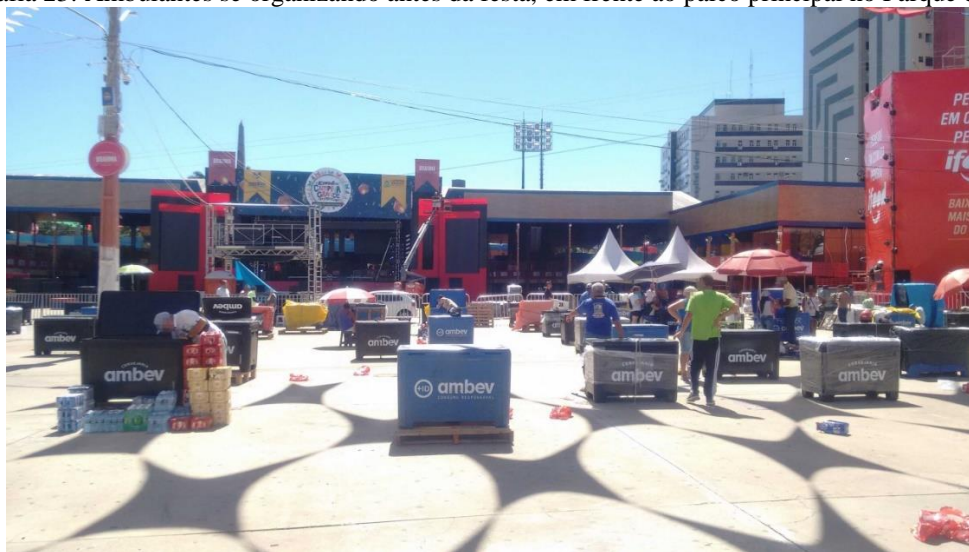
A partir desses cadastros, os pesquisados foram escolhidos a partir de alguns critérios: a) ser cadastrado junto à Prefeitura Municipal de Campina Grande, na festa de São João; b) não trabalhar em estabelecimento de grande porte; c) ser trabalhador ambulante, trabalhador de quiosque ou trabalhador de barraca; d) trabalhar dentro do Parque do Povo na festa de São João.

O pequeno comerciante da festa de São João de Campina Grande, em sua maioria, são trabalhadores autônomos, podendo ser informais ou formalizados. Como essa pesquisa estuda Economia Popular e a Economia Solidária, não se mostrou interessante trabalhar com os grandes empreendimentos na festa, já que, os mesmos,

não atenderiam aos objetivos aqui delineados, dessa forma os trabalhadores pesquisados, geralmente, trabalham comercializando lanches, comidas regionais, petiscos, bebidas alcoólicas, refrigerantes e sucos.

Entre os pesquisados, mesmo dentro do mesmo segmento, foi possível ver algumas diferenças que também foram observadas em seus cadastros. Os trabalhadores ambulantes estão divididos pelas mercadorias que comercializam, por exemplo, os que comercializam bebidas e que ficam na área de show da festa, com suas caixas térmicas fixas; também há os que comercializam brinquedos na festa, bijuterias e acessórios; além daqueles que comercializam alimentos como pipoca, crepe, churros e bombons. Os trabalhadores de quiosques trabalham, geralmente, comercializando lanches, petiscos, bebidas alcoólicas, refrigerantes e sucos. Já os trabalhadores de barracas comercializam comidas regionais, petiscos, caldinhos, lanches, bebidas em geral e outras refeições, como pode ser observado pelas fotografias a seguir:

Fotografia 23: Ambulantes se organizando antes da festa, em frente ao palco principal no Parque do Povo



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 24: Estande de um trabalhador ambulante que vende brinquedos e outros acessórios



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 25: Quiosques antes do horário de festa no Parque do Povo no São João de Campina Grande



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 26: Quiosques durante do horário de festa no Parque do Povo no São João de Campina Grande



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 27: Barracas (3mx3m) na festa de São João de Campina Grande



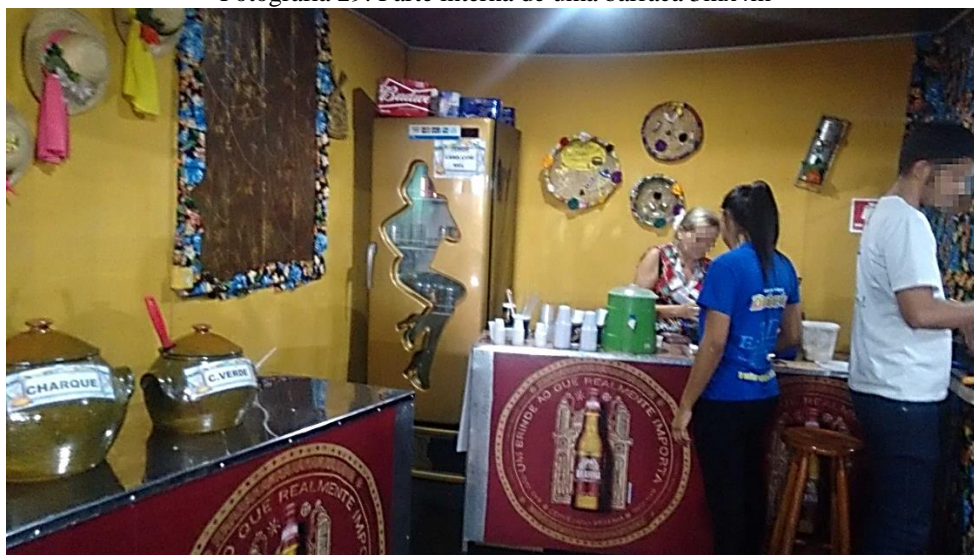
Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 28: Barracas (3mx4m) no Beco da Pororoça



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 29: Parte interna de uma barraca 3mx4m



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Fotografia 30: Barracas durante o horário de festa no Parque do Povo



Fonte: Registro da pesquisadora (2019).

Por meio dos critérios de escolha dos sujeitos da pesquisa e após sua classificação e codificação, delimitamos o instrumento que seria utilizado e como faríamos o processo de coleta dos dados, que apresenta-se descrito no próximo tópico.

3.2 Instrumento e processo de coleta de dados

A pesquisa ocorreu mediante aplicação de roteiro semiestruturado de entrevista, (APÊNDICE B), pois de acordo com Merriam (2009), a entrevista semiestruturada permite que o pesquisador tenha respostas da situação em questão a partir da visão de mundo emergente do entrevistado e a novas ideias sobre o tema. O roteiro continha vinte e três questões, divididas entre os três objetivos específicos da pesquisa de forma que pudesse ajudar com a identificação do perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, à luz da Economia Popular.

Quadro 6: Objetivos e questões da entrevista

OBJETIVOS	QUESTÕES PARA ENTREVISTA
<p>Caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande</p>	1 – Quais atividades você desenvolve dentro do ambiente de trabalho?
	2 – Há quantos anos você trabalha no São João de Campina Grande?
	3 – Como você caracteriza o seu trabalho? Informal, formalizado, assalariado, contrato, trabalho por conta própria, autônomo, ou outros? Por favor, explique.
	4 – Como se dá a gestão do seu empreendimento no São João de Campina Grande? Por favor, explique.
	5 – Você acredita que sua experiência prática é suficiente para o bom funcionamento de seu empreendimento? Explique.
	6 – Qual seu nível de escolaridade?
	7 – Você sente a necessidade de um grau de escolaridade maior? Por favor, explique.
<p>Identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande</p>	8 – Explique como começou a trabalhar no Parque do Povo durante a festa junina?
	9 – Você trabalha sozinho no local de realização da festa junina de Campina Grande ou trabalha com familiares, funcionários, amigos, sócios ou alguma cooperativa, associação? Por favor, explique.
	10 – Você recebe ajuda de familiares, amigos ou outros para a preparação das mercadorias que comercializa? Explique.
	11 – Como é composta a renda da sua família? Quantas pessoas trabalham? Algum de seus familiares trabalha com você? Explique.
	12 – Você desenvolve atividades em parceria com outras pessoas no seu ambiente de trabalho? Por favor, explique.
	13 - Como você adquiriu os conhecimentos para a realização do seu trabalho? Muda algo devido à atividade ser realizada durante a festa de São João em Campina Grande?
	14 - Quais os conhecimentos necessários para realização do seu trabalho? Há algum conhecimento específico para execução das atividades desempenhadas na festa de São João em Campina Grande?
	15 - Como você se relaciona com os outros trabalhadores de atividades semelhantes e distintas na festa de São João em Campina Grande?
	16 - Como você compreende a ética e os valores pessoais e os valores relacionados ao trabalho, dentro da atividade que você exerce na festa de São João em Campina Grande?
	17 - Como você se comporta em meio a dificuldades e circunstâncias diferentes no seu trabalho na festa de São João em Campina Grande?
	18 – Há algum tipo de seleção ou cadastro para poder trabalhar no São João em Campina Grande, dentro do Parque do Povo? Explique como foi esse processo para você.

Verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular	19 – Você faz parte de alguma associação, cooperativa ou algum outro grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande? Se sim, por favor, explique como funciona e como você começou a fazer parte e a suas experiências junto a esse grupo.
	20 – Caso você participe de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique como funciona a gestão desse grupo. Há alguma hierarquia, como, por exemplo, um chefe, um líder ou presidente? Ou todos dentro desse grupo têm as mesmas responsabilidades e direitos? Explique.
	21 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se há algum sistema de solidariedade, de ajuda mútua, cooperação entre os membros desse grupo.
	22 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se nesse grupo há algum manual com regras, diretrizes, objetivos, metas, missão. Se sim, como funciona?
	23 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se ocupa nesse grupo algum cargo? Qual a sua função? O que o motiva para o fazer? Quanto tempo dedica a essa função no total da sua atividade.

Fonte: Elaboração própria (2019).

As entrevistas foram realizadas entre os dias 29 de maio de 2019 a 07 de junho de 2019. Foram vinte e nove entrevistas, das quais, vinte e seis foram aproveitadas e três foram descartadas. Tais descartes foram realizados porque, em duas das entrevistas, as pessoas entrevistadas pediram que a entrevista fosse encerrada, pois não tinham mais interesse em responder às questões. A outra não pôde ser utilizada porque a pessoa que estava sendo entrevistada revelou que não era cadastrada na festa e que tinha alugado o ponto que trabalhava a outra pessoa que era cadastrada, dessa forma, essa entrevista foi descartada, já que um dos critérios para realizar as entrevistas era que o pequeno comerciante deveria ser cadastrado na festa.

Dos vinte e seis entrevistados, a maior parte (dez) foi composta por trabalhadores ambulantes, nove eram trabalhadores de quiosques e sete eram trabalhadores de barracas. Esses últimos trabalhadores (barracas) foram divididos em dois grupos: trabalhadores de barracas com as dimensões 3m x 3m, que comercializam lanches, bebidas e petiscos, e trabalhadores de barracas com dimensões 3m x 4m, que comercializam outras refeições além dessas mercadorias. Essa divisão foi feita a fim de verificar, mediante análise dos dados, se havia alguma diferença entre as percepções

desses trabalhadores em razão do tamanho, tipo/estilo e dimensão de negócio que possuíam.

3.3 Procedimentos de análise dos dados

As entrevistas foram individuais e gravadas usando recurso de áudio. As gravações foram realizadas em aparelho *smartphone*, em local e horário de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Foram registradas a data e horário de cada entrevista e as transcrições foram realizadas de maneira literal, sem retirar nenhum fragmento de fala. Os dados foram categorizados e analisados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2007), com a pró-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação.

A partir disso, foi possível elaborar três categorias, com base nos objetivos específicos da pesquisa, a saber: a) Caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; b) Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande; c) Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande. As subcategorias estão ligadas às três categorias e foram criadas por meio das questões do roteiro de entrevista da pesquisa.

Das vinte e três questões do roteiro foram elaboradas dezesseis subcategorias. A categorização foi realizada, então, a partir da elaboração de um quadro, contendo as categorias, subcategorias, os trechos com a síntese dos discursos dos pesquisados, além de apresentar o significado dessa síntese. No Quadro 7, pode-se observar uma síntese do quadro-análise do processo de categorização:

Quadro 7: Síntese do quadro-análise de categorização

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TRECHOS	SIGNIFICADOS
Caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande.	Autocaracterização do trabalho e atividades desenvolvidas na festa de São João em Campina Grande.	A4: Autônomo [...] Sou pequeno comerciante de mercadoria, como bebidas aqui em frente ao palco.	Caracteriza-se como autônomo. Trabalha na área de show com bebidas.

<p>Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande.</p>	<p>Meio de aquisição dos conhecimentos para trabalhar e conhecimentos necessários para a realização do trabalho na festa de São João em Campina Grande.</p>	<p>Q5: Pesquisa. Pesquisei bastante para como fazer a cachaça artesanal, com o que misturar, com o que não misturar, o que é bom pra mim e para o meu cliente, a gente pesquisou bastante [...] Muda sim, eu tenho bastante reconhecimento tanto pelos meus clientes, como jornalistas daqui da Paraíba, a gente tem bastante reconhecimento sim. Acho que é o dia a dia mesmo. Cada dia a gente aprende um pouco.</p>	<p>Adquiriu os conhecimentos por meio de pesquisa para produção da cachaça artesanal. Afirma que muda o fato do trabalho ser realizado durante a festa de São João, pois esse período dá mais visibilidade para os empreendimentos e que foi a partir da festa que o seu trabalho foi reconhecido pelos clientes e jornalistas da Paraíba. Também afirma que os conhecimentos necessários são aprendidos no dia a dia com a experiência.</p>
<p>Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande.</p>	<p>Participação em algum grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande.</p>	<p>A6: Nós temos uma associação que é em todo o estado da Paraíba, Associação dos Ambulantes e Trabalhadores em Geral da Paraíba (AMEG), é a associação da gente.</p> <p>BA1: Sou presidente da associação dos comerciantes do Maior São João do Mundo, que existe desde 2014, a primeira associação.</p>	<p>Associação dos ambulantes da Paraíba.</p> <p>Faz parte da primeira (2014) associação de comerciantes da festa de São João de Campina Grande.</p>

Fonte: Elaboração própria (2019).

Com a elaboração do quadro de categorização foi possível organizar os principais trechos das falas dos pequenos comerciantes e, assim, dar início à análise dos resultados de maneira mais organizada e relacionando os resultados com o referencial utilizado.

4 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados dessa pesquisa, cujos dados para análise foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com os pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande – PB, que trabalham no Parque do Povo, local de maior concentração da festa junina. As entrevistas foram gravadas mediante autorização e transcritas na íntegra. A partir delas, foi realizada a categorização dos dados, tomando como base os objetivos, as questões do roteiro, bem como os discursos dos entrevistados.

Consideramos três categorias da pesquisa, as quais correspondem aos objetivos específicos da mesma, a saber: (1) Caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; (2) Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande e (3) Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande. A cada categoria foram vinculadas subcategorias, as quais correspondem às questões do roteiro de entrevistas, conforme se pode observar no Quadro 5, na sessão de procedimentos metodológicos.

4.1 Caracterização da atividade empreendedora no São João de Campina Grande

Essa categoria corresponde ao primeiro objetivo específico e procura caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande. Para tal, buscou-se identificar o tempo que os comerciantes entrevistados atuam no Parque do Povo e como eles se autodeclaravam em relação a seu trabalho na festa junina de Campina Grande.

Os pesquisados trabalham, em média, há 17,65 anos no Parque do Povo, na festa de São João de Campina Grande. Como pode ser observado no Quadro 8, os trabalhadores Ambulantes têm a maior média em anos de trabalho, correspondendo a 19,2 anos, seguidos dos trabalhadores de Quiosques, com 17,11 anos, em média e dos trabalhadores de barracas (barraqueiros), com 16,14 anos, em média. Dentre os entrevistados o menor grau de disparidade observado (por meio do desvio padrão) entre os anos de trabalho na festa foi o dos pequenos comerciantes que trabalham em barracas, como apresentado no Quadro 8.

Quadro 8: Anos de trabalho dos pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande

Anos de trabalho na festa de São João em Campina Grande			
Pequenos Comerciantes	Ambulantes	Quiosques	Barracas
Média	19,2	17,11	16,14
Desvio Padrão Amostral	10,03	9,30	5,69

Fonte: Elaboração própria (2019).

Quando questionados sobre como se autocaracterizavam em relação ao trabalho, os pesquisados responderam, em maioria, que se consideravam autônomos. Alguns deles, ao caracterizar-se, usaram dois ou mais termos, para definir suas atividades laborais, como por exemplo, “autônomo e por conta própria”, “autônomo e formalizado” ou “autônomo e informal”, conforme podemos observar nos discursos abaixo:

É um **trabalho informal** [...] Eu sou ambulante toda vida, **desde pequeno que sou autônomo** [...] Trabalho todo fim de semana em evento fora de época no estado todo, trabalho em João Pessoa, trabalho no Folia de Rua, trabalho no bloco das Muriçocas, trabalho no Barra Bode em São Miguel, trabalho no Bode Rei em Cabaceiras, trabalho no Bode na Rua na cidade de Gurjão e trabalho em evento fora de época como emancipação política, aniversário de cidade e daí por diante. (A6)

Eu **sou autônoma**, quer dizer **por conta própria**. É eu que batalho [...] Bem, eu sou vendedora, né? Eu trabalho vendendo água, bebidas, refrigerantes, só, no meu caso eu só vendo bebidas. (A9)

Tem um pouco de tudo aí, **autônomo, por conta própria, informal**, ele agrupa tudo isso aí, estando dentro desse padrão aí [...] Eu trabalho caipirosca, com drinks, com drinks e outras bebidas”. (Q2)

É **autônomo e formalizado** [...] Eu trabalho com bar, tenho 13 anos de bar. Bar com bebidas, comidas, músicas de qualidade, a gente presa muito por isso. (BA2)

De acordo com Vasconcelos e Santiago (2017), boa parte da literatura associa o trabalho por conta própria à informalidade porém, nem todo trabalho autônomo deve ser encarado sob o prisma da informalidade. Com base na visão dos autores citados, os pesquisados que trabalham no Parque do Povo durante a festa de São João, sobre os aspectos da legalidade, trabalham sob contrato de prestação de serviço para a prefeitura de Campina Grande, pagam taxas para poderem trabalhar no local de evento (Parque do Povo), assim, conforme esses aspectos, estão formalizados.

Entretanto, em relação ao aspecto de terem que possuir registro de sua atividade no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ e contribuir para a previdência social,

em alguns casos, não se configuram como um trabalho formal, pois nem todos os trabalhadores possuem registro e nem contribuem com a previdência social.

É importante citar que os discursos acima apresentam uma caracterização feita a partir das percepções dos próprios entrevistados, independentemente do entendimento, dos mesmos, quanto a suas auto declarações. Outro ponto a se discutir é que, tanto Santiago e Vasconcelos (2017), quanto Mountian e Diaz (2018), entendem os termos “trabalho por conta própria” e trabalho “autônomo” como sinônimos, dessa forma, usaremos aqui os dois termos para discutirmos um mesmo significado.

Quando questionados sobre a gestão de seus comércios na festa de São João de Campina Grande, percebemos que maioria dos entrevistados vincula a gestão à experiência, como podemos observar nas falas de A2, A5, Q6, BP1 a seguir:

No São João a gente costuma dizer que é o décimo terceiro da gente né?! Aí a gente se empenha muito, que dá o melhor, tanto pra as vendas, quanto para atender os clientes. É o nosso décimo terceiro na verdade [...] **a experiência conta muito**, porque essa pipoca, essa doce é feita muito antes de vim trabalhar, feita em casa, mas aí ela passa trinta dias, aí nisso ela tem que ter o ponto, se você não souber o ponto você perde material, tudo isso **tem que ter a experiência**. (A2)

A **minha experiência é boa**, porque eu já sou aprendiz, rodo por muito canto e aprendi um pouco e é isso aí. (A5)

Esse período é um período que eu me dedico muito. Eu vivo só pra o quiosque. Esse período eu me mudo pra cá, pra o Parque do Povo. Eu faço tudo. Eu faço compra, eu faço limpeza, eu abro, tem uma pessoa que me ajuda, chega só no horário que eu abro, mas o restante tudo sou eu [...] **O aprendizado nunca para**, nunca acaba e **todo dia eu aprendo um pouquinho. Todo ano eu tenho uma experiência e aprendo mais um pouco**. Por mais que você tenha a experiência de dez anos, quando você chega há onze anos **sempre tem uma coisa nova a aprender**. (Q6)

A **gestão é minha**, eu desenvolvo, compro a mercadoria, atribuo lucro em cima que não seja abusivo e vendo [...] Eu acredito que **nem sempre a gente sabe de tudo. Sempre tem que estar se aprimorando**. Mas o **conhecimento prático** que eu tenho no decorrer dos anos me dá uma segurança melhor do que se eu procurasse especialista. (BP1)

Ao vincularem a gestão de seus empreendimentos à experiência prática, a definição de competência vista pela ótica da aprendizagem cognitiva, pois grande parte desses pequenos comerciantes afirmam que adquiriram o conhecimento por observação e experiências anteriores, mesmo a maioria tendo nível de escolaridade baixo, como indica o Quadro 9. Além disso, em seu discurso, BP1 afirma que seu conhecimento prático de experiências anteriores lhe traz reflexões sobre as ações presentes, o que demonstra uma identificação com os modelos de Competências Profissionais de

Cheetam e Chivers (1996; 1998; 2000) e Paiva (2007), e no modelo de Competências Laborais de Paiva (2012), mais especificamente no componente funcional que trata de conhecimentos de especificidades do trabalho e processos relacionados, e mantém capacidades mentais e físicas para realização do trabalho.

Outros pesquisados apontam que a gestão do empreendimento está ligada ao investimento que é feito para o funcionamento (fala A4) e às despesas que têm para um estabelecimento funcionar (fala A3) ou às funções executadas por todos em seu empreendimento (fala BA2):

É tudo previamente calculado, o investimento, a margem de lucro. É somente isso. (A4)

No momento trabalha eu e outro rapaz administrando, em termos de despesas é em torno de 2 mil reais. (A3)

Hoje a gente está com uma equipe de seis pessoas comigo, **eu fico na parte de abastecimento**, na parte de produção cultural, na parte dos eventos que tem no bar. **Minha filha fica na parte de gerenciamento e administração**, que ela é gastrônoma e aí ela fica nessa parte da elaboração dos pratos, na questão da gestão com os funcionários, e os **funcionários trabalham com a gente no atendimento.** (BA2)

Essas funções também podem ser observadas pelo modelo de Paiva (2012), a partir do componente funcional, quanto ao planejamento e processos de organização da atividade, assim como também pode ser observada por uma das áreas das Competências Empreendedoras de Man e Lau (2000), mais especificamente a área da competência administrativa, em que em seu foco comportamental relaciona a competência à organização de diferentes atividades internas e recursos externos humanos, físicos, financeiros e tecnológicos.

Quanto ao grau de escolaridade (Quadro 9) dos pesquisados, nota-se que os trabalhadores com grau maior de escolaridade desempenham atividades laborais em barracas. Dos trabalhadores ambulantes, a maioria (seis), possui ensino fundamental incompleto, com exceção do entrevistado A4, que tem o ensino superior em curso, conforme declara: “No momento estou cursando engenharia civil. (A4)”.

A maioria dos trabalhadores de quiosques (seis), possui ensino médio completo e quatro possuem ensino fundamental incompleto. Já os trabalhadores de barracas estão divididos entre dois com ensino fundamental incompleto, dois com ensino médio completo e três que possuem ensino superior completo. No total, em média, a maioria (doze) dos pesquisados possuem ensino fundamental incompleto.

Quadro 9: Gênero e escolaridade de pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande

TIPO DE PEQUENOS COMERCIANTES	IDENTIFICAÇÃO	GÊNERO	NÍVEIS DE ESCOLARIDADE
AMBULANTES	A1	Masculino	Ensino fundamental incompleto.
	A2	Masculino	Ensino fundamental incompleto.
	A3	Masculino	Ensino fundamental incompleto.
	A4	Masculino	Ensino superior em curso.
	A5	Masculino	Ensino fundamental incompleto.
	A6	Masculino	Ensino fundamental completo.
	A7	Feminino	Sem escolaridade (autodidata).
	A8	Feminino	Ensino fundamental incompleto.
	A9	Feminino	Ensino médio completo.
	A10	Feminino	Ensino fundamental incompleto.
QUIOSQUES	Q1	Masculino	Ensino médio completo.
	Q2	Masculino	Ensino médio completo.
	Q3	Masculino	Ensino fundamental incompleto.
	Q4	Feminino	Ensino médio completo.
	Q5	Feminino	Ensino médio completo.
	Q6	Feminino	Ensino médio completo.
	Q7	Feminino	Ensino fundamental incompleto.
	Q8	Feminino	Ensino fundamental incompleto.
	Q9	Feminino	Ensino médio completo.
BARRACAS	BP1	Masculino	Ensino superior completo.
	BP2	Masculino	Ensino fundamental completo.
	BA1	Masculino	Ensino superior completo.
	BA2	Masculino	Ensino fundamental incompleto.
	BA3	Feminino	Ensino superior completo.
	BA4	Feminino	Ensino médio completo.
	BA5	Feminino	Ensino fundamental incompleto.

Fonte: Elaboração própria (2019).

Relacionando o nível de escolaridade ao gênero, é percebido que não há grande disparidade entre os trabalhadores ambulantes, já entre os trabalhadores de quiosques é visto que, além desses trabalhadores terem tido mais anos de estudo, as mulheres estudaram mais, dentre as quais seis cursaram o ensino médio completo. Apesar dos trabalhadores de barracas apresentarem maior tempo de estudo em relação aos outros dois tipos de pequenos comerciantes, há tanto trabalhadores com ensino fundamental, quanto com médio e/ou superior entre os dois gêneros. Comparando amplamente os níveis de escolaridade com os gêneros, é observado que, dentre os vinte e seis entrevistados (dos quais treze eram do gênero masculino e treze do gênero feminino) há maior tempo de estudo entre as entrevistadas do gênero feminino, sendo que seis delas tem ensino médio completo e uma possui ensino superior.

É importante observar a relação entre a experiência prática e o nível de escolaridade, pois a maior parte dos pesquisados afirmam que, apesar do baixo grau de escolaridade, a experiência prática lhe garantiu o aprendizado necessário para exercer suas funções. Segundo Laville (2009), muitos dos trabalhadores que constituem a Economia Popular têm baixo grau de escolaridade ou não possuem grau de escolaridade. Exemplificando essa afirmação pode ser observado o caso de uma trabalhadora ambulante que afirma não possuir nenhum grau de escolaridade, mas que se considera autodidata, por saber ler e escrever e ter conhecimento de matemática básica, conhecimento necessário para realizar o seu trabalho, e afirma que aprende, mas sem a necessidade do ensino convencional das escolas:

Tenho nada, **aprendi no mundo** [...] Não entra na cabeça de jeito nenhum. Eu aprendo, mas sem ser na escola, entendeu? (A7)

Há também os trabalhadores que acreditam que suas funções não exigem um grau de escolaridade maior, por isso afirmam não ter a vontade de estudar mais, como os discursos de A2 e Q9:

Até a quinta série [...] **Nessa minha função não**, porque o modo como a gente trata os clientes, com educação, aí num preciso muito, **porque a gente não mexe com assinatura, com essas coisas.** (A2)

Ensino médio completo [...] **Pra essa profissão eu creio que não.** A gente trabalha mais com comida. (Q9)

Por fim, há os que acreditam que, apesar do trabalho como comerciante na festa de São João não necessitar de maior grau de escolaridade, há um desejo de continuar estudando, como no caso dos entrevistados BP1 e BA1, como pode ser observado a seguir.

Ensino superior completo [...] **Não sinto a necessidade, mas se eu pudesse eu faria outro curso.** (BP1)

Pós-Graduação, eu terminei o mestrado [...] Não, mas **eu quero fazer o meu doutorado.** (BA1)

4.2 Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande

Depois da caracterização da atividade empreendedora, foi necessário identificar informações a respeito das atividades laborais que os pesquisados desenvolvem e como as desenvolvem para, assim, poder chegar à segunda categoria que é representada pelo objetivo específico “Identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande”. Para tanto, buscou-se a história de como os pesquisados começaram a trabalhar na festa de São João em Campina Grande.

Entre os motivos que levaram os pesquisados a trabalharem no Parque do Povo, durante a festa de São João de Campina grande, estão a necessidade de trabalhar e o sustento da família:

Eu **comecei a trabalhar por necessidade**, eu tinha ganhado neném a pouco tempo, não tinha renda e não tinha como ganhar dinheiro e tive que vim pra cá. Aí comecei, aí na época eu trabalhava até ali embaixo na Pirâmide, aí fui gostando e gostando e tô aqui até hoje. (A9)

Foi **por necessidade**, eu era cliente deles, aí vi todo mundo com dinheiro e comecei devagar, devagar e cheguei e eu tenho comércio na rua, é informal, um carrinho de cachorro quente. (BP2)

Junto à necessidade, alguns dos pesquisados viram a oportunidade da criação de uma renda extra, mesmo que sazonal, durante a festa de São João, como mostram os relatos abaixo:

Foi uma necessidade, que eu trabalhava com brinco, viajando para várias cidades, só que eu sou daqui de Campina, e **a necessidade de trabalhar** aqui no São João era grande, porque eu tinha criança pequena [...] Já trabalhei com bebida, criei um chapeuzinho que era no diadema também, aí depois que todo mundo começou a fazer eu parei e já fui pra outra coisa, né. (A2)

Através da necessidade. Aqui é como **um décimo terceiro** pra a gente e uma renda extra é sempre bem-vinda. (A4)

Quando eu comecei a minha menina tinha um ano. **A gente começou porque foi necessidade mesmo**, que meu esposo estava desempregado e eu também, aí a gente começou a trabalhar no Parque do Povo, aí veio a ideia de fazer a cachaça artesanal e a gente fez e deu certo e até hoje deu certo e a gente tem até *food truck*, [...] a gente abriu o *food truck* já pra aproveitar o engate do Parque do Povo e trabalhar o ano inteiro [...] Primeiro eu comecei como ambulante, aí fui fazendo a inscrição pra poder entrar como barraqueira, consegui uma barraca, aí no outro ano eu perdi, mas consegui um quiosque, eles me tiraram da barraca e perguntaram a mim se eu queria um quiosque e eu aceitei e eu gostei de ficar colocando quiosque. (Q5)

O pesquisado A2 mostra que, além de saber aproveitar a oportunidade de conseguir uma renda durante a festa, também manifesta flexibilidade e empenho em trabalhar com atividades e produtos distintos, além da criatividade para criação de novos produtos (“criei o chapeuzinho no diadema”). Por fim, apresenta expertise na hora de mudar o produto, quando todos começam a trabalhar com o mesmo produto, para manter o seu sustento. Já a pesquisada Q5, além de ser motivada a trabalhar na festa pela necessidade, ampliou o seu empreendimento e conseguiu mantê-lo em outras épocas do ano, além da festa de São João, também conseguiu migrar de modalidade de empreendimento na festa de São João, de trabalhadora ambulante, para trabalhadora de quiosque. Tais discursos mostram uma das áreas das Competências Empreendedoras, a área da Competência de Oportunidade, que se relaciona ao reconhecimento de oportunidades de mercado através de vários meios, como no caso da entrevistada Q5, que migrou de modalidade de empreendimento na festa, e no caso do pesquisado A2, que mudou de atividade ao perceber saturação no mercado do produto que comercializava.

Sendo a Economia Popular uma economia que emerge de comportamentos reativos da população trabalhadora em luta por reproduzir a sua vida (CORAGGIO, 1999), a necessidade e o sustento da família são fatos impulsionadores para que pessoas sem emprego usufruam da oportunidade de entrarem no mercado de trabalho popular, seja legalmente, como no caso da festa de São João de Campina Grande ou informalmente, sem nenhum contrato ou vínculo de trabalho legal, como pode ocorrer fora da festa ou em outros períodos do ano.

Em seu discurso, BA3 relata que alugava sua casa, que fica dentro da área do evento, no Parque do Povo, para outras pessoas trabalharem durante o período da festa de São João, dessa forma, viu uma oportunidade de empreender e, ao invés de alugar, passou a comercializar caldinhos durante o período junino. Já a ampliação do empreendimento também pode ser vista no discurso de BA1, que viu no Parque do Povo uma oportunidade de dar maior visibilidade a um empreendimento que já tinha:

Eu morava na Liberdade e meu esposo, que eu convivo com ele há mais de dez anos, a mãe dele morava aqui, aí assim que a mãe dele faleceu nós viemos morar aqui nessa casa, aqui em frente ao Parque do Povo. E a gente sempre alugava antes de eu vir morar aqui, a gente sempre alugava pra um pessoal de Pernambuco pra comercializar caldinhos, aí eu falei pra meu esposo porque não a gente trabalhar e ganhar um dinheirinho extra. Aí ele concordou e daí pra cá eu coloco caldinho a esses anos todos. (BA3)

Eu tinha uma pizzaria e o Parque do Povo, por ter bastante turistas e pessoas, a gente buscou o espaço pra está vendendo dentro da festa. (BA1)

Os relatos mostram uma área da competência empreendedora, a Competência de Oportunidade (MAN; LAU, 2000) que está relacionada ao reconhecimento de oportunidades de mercado a partir de vários meios. Outro motivo para alguns dos pesquisados quererem trabalhar no local foi o fato de algum familiar trabalhar ou já ter trabalhado no Parque do Povo, durante a festa de São João:

Comecei a trabalhar **ajudando a minha mãe**. (A10)

Olha, é como eu te falei, **eu nasci e me criei aqui**. Meu pai e minha mãe são comerciantes do Parque do Povo desde a segunda edição, ou seja, mais de trinta anos. Eu era bebê de colo, minha mãe me trazia pra cá e eu ficava debaixo do balcão dormindo dentro de uma cesta, antigamente era cesta e eu dormia nessa cesta. E aí foi passando os anos e eu fui crescendo e todos os anos meu pai aqui, minha mãe aqui, minha família toda aqui e aí eu me tornei o comerciante. (BP1)

Nota-se que, além da motivação da família, a transferência dos conhecimentos ocorre de forma natural, pela observação e pelo saber-em-ação, características dos Componentes Cognitivo, Funcional e Pessoal (CHEETHAM; CHIVERS, 1996; 1998; 2000).

A maioria dos pesquisados que ocupam as modalidades de trabalhadores de quiosques e trabalhadores de barracas começaram suas atividades laborais no Parque do Povo, como trabalhadores ambulantes, como é possível observar nos discursos abaixo:

Eu comecei a empurrar um carrinho de bebida, que no tempo tinha aquele pau do índio, tinha outras bebidas que vendia em copinho, era como ambulante. (Q3)

Primeiro **eu comecei como ambulante**, aí fui fazendo a inscrição pra poder entrar como barraqueira, consegui uma barraca, aí no outro ano eu perdi, mas consegui um quiosque, eles me tiraram da barraca e perguntaram a mim se eu queria um quiosque e eu aceitei e eu gostei de ficar colocando quiosque. (Q5)

Comecei como ambulante [...] antes a gente fazia inscrição e trabalhava como ambulante e aí foi se gerando até eu conseguir um quiosque e já estou nele a mais de doze anos. (Q7)

Eu **comecei a trabalhar como ambulante, num carrinho de churrasco**. Com um carrinho de churrasco e uma caixa de cerveja, aí depois eu batalhei e consegui um quiosque pra mim. (Q8)

[...] Então antes de vim pra cá eu tinha colocado um bar lá em Maracaipe, no litoral sul de Pernambuco e lá eu comecei a desenvolver umas cachaças de sabor, temperadas, aí eu vim com essas cachaças para Campina Grande em 2005, no São João. Aí **eu cheguei aqui puxando um carrinho de feira** com umas garrafinhas de 200 ml dentro e **comecei vendendo como ambulante** cachaça dentro do Parque do Povo. Em 2006 a gente colocou o primeiro quiosque, aí foi 2006, 2007 e 2008. Em 2008 coloquei o primeiro bar aqui e aí virou uma febre o bar cresceu muito, cresceu mais que o nome. (BA2)

Eu comecei lá no meio da rua, como ambulante, vendendo no carvão, aí disso aí saí arrumando confusão pra poder entrar aqui dentro mesmo (Parque do Povo), aí entrei nos empurrões mesmo, eu colocava pra dentro e eles me colocavam pra fora e eu entrava nas insistências e acabaram me colocando pra dentro e fazendo meu cadastro e assim eu ganhei minha barraca. (BA5)

Percebe-se nos discursos Q3, Q8 e BA2 que, quando começaram a trabalhar no Parque do Povo como ambulantes, eles utilizavam carrinhos de mão para carregarem suas mercadorias e comercializá-las. Esses relatos também trazem a competência de oportunidade e, complementarmente, a competência estratégica que, relacionada à definição, avaliação e implementação da estratégia dos empreendimentos dos trabalhadores da festa de São João de Campina Grande. Também foi observado que a maioria dos pesquisados trabalham com a ajuda da família e amigos, como pode-se observar nos discursos abaixo:

Quando tem muita gente pra atender trago alguém pra auxiliar [...] **Eu trabalho só, mas algumas pessoas ajudam os amigos, os ambulantes** [...] Porque o São João de Campina Grande quem faz somos nós, ambulantes e comerciantes no ramo de barraqueiro, sem nós não existe São João [...] Só o poder público, só a prefeitura só não faz a festa. A festa quem faz somos nós. (A6)

Trabalho com minha esposa e uma filha [...] Quando eu preciso eu peço e elas me ajudam. (Q1)

Eu trabalho com a minha esposa. É eu e ela, é um fazendo caipifruta e o outro passando o troco. (Q3)

Trabalha eu e meu esposo, só [...] Sim, eu recebo. (Q4)

Com alguém, **sempre tem que ter uma pessoa, eu e outra pessoa. É sempre algum amigo, durante um mês, ou um familiar, um irmão [...]** Recebo, porque é difícil demais o investimento e às vezes a gente precisa arrumar emprestado, pedir a parente pra ter que começar. (Q7)

Minha filha vem me ajudar [...] Não, eu mesma que preparo. (Q8)

Familiares, amigos, meu esposo. (BA5)

Pelos relatos destacados e com base no conceito de unidade doméstica apresentada por Coraggio (1999), essa unidade pode ser constituída tanto por membros da mesma família, quanto por indivíduos que tenham o mesmo interesse em comum. Dessa forma os pesquisados que trabalham com familiares e amigos, ou pessoas com interesse em comum fariam parte dessa unidade. Porém, Singer (1999) afirma que, para a criação de uma economia alternativa ao capitalismo não deve haver recortes pelas unidades domésticas.

Além da família, alguns pesquisados relataram trabalhar com funcionários e/ou amigos (Q9, BA1, BA2, BP1,) e os que trabalham somente com funcionários (A9, Q6, BP2, BA3, BA4), como seguem os discursos. Esses primeiros discursos apresentam aqueles que trabalham com familiares, funcionários e/ou amigos:

A gente recebe sim. Eles vêm ajudar a montar a estrutura, mas aí a mercadoria a gente que arca com tudo [...] Fora daqui temos um bar, com dois funcionários com carteira assinada e **aqui trabalhamos, só entre a família.** (Q9)

Familiares e funcionários [...] Sim, sim. **É toda uma força tarefa de familiares, amigos e funcionários** para que a gente possa colocar os produtos a disposição dos clientes [...] Tudo aqui é feito em forma de parceria, é um ajudando o outro, desde a montagem até a desmontagem da festa. Falta alguma coisa de insumo, ou descartável não dá tempo comprar aí o vizinho ajuda, o outro também, há certa irmandade. (BA1)

Familiares, amigos e funcionários. A minha equipe é formada por pessoas que são amigas há muitos anos que trabalham com a gente, então no período normal do bar a gente trabalha com seis pessoas, nesse período de São João a gente tá trabalhando com quatorze pessoas. (BA2)

Trabalho com familiares e funcionários [...] Com certeza. (BA3)

Eu, minha filha, meu esposo e uma moça ajuda a gente. (BA4)

Houve ainda aqueles que citam apenas que trabalham com funcionários:

Eu tenho **uma funcionária. É um contrato de um mês** só, porque a gente só passa trinta dias aí. (Q6)

Só com funcionários. São dois funcionários, comigo três [...] Sim, principalmente na parte de dinheiro. Todo mundo que está aqui dentro do Parque do Povo nunca tem um capital de giro, aí depois da segunda semana aí já fez um capital de giro, aí melhora se Deus quiser e também há ajuda na preparação da mercadoria. (BP2)

Mesmo havendo pequenos comerciantes que trabalham com familiares e amigos, sendo essas características da unidade doméstica, há também alguns trabalhadores que afirmaram ter funcionários, porém nem todos os pesquisados informaram se seus funcionários trabalham sob a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. Sobre esse aspecto, a pesquisada Q6 afirma que sua funcionária trabalha por meio de um contrato com duração de um mês.

Os pesquisados A4 e A5 afirmaram trabalhar totalmente sozinhos e não ter ajuda de outros no preparo de mercadorias, tampouco fazem parcerias. Já a pesquisada Q5 disse trabalhar com a família, porém afirma não tratar os parentes no trabalho como família e sim como funcionários. Enquanto que o pesquisado A9 refere-se às parcerias como a ajuda que recebe de outros trabalhadores na festa. Podemos ver essas informações nos discursos abaixo:

Trabalho sozinho. (A4)

Isso **tudo é só comigo**, o que eu gasto é só comida. Não, não tenho ajuda em preparar de ninguém, é só comigo, é um negócio que só dá pra mim mesmo. (A5)

Eu **trabalho com meu esposo e minha filha**, mas eles não são tratados como esposo e filha, são tratados como funcionários porque eles têm hora de chegar que eu exijo deles, hora de chegar, hora de sair e pago a eles direitinho, gosto e quero que eles cheguem com a farda. Eles riem, mas eu exijo [...] Só do meu esposo, ele me ajuda bastante, tanto na parte da decoração que a gente não paga ninguém pra decorar que é um gasto a mais, aí já economiza esse dinheiro. Inclusive a gente já ganhou três anos já de decoração, aí por isso fica eu e ele, aí já economiza bastante pra cachaça e em outras partes que precisarem [...] Só durante o São João. (Q5)

Tem uns ajudantes que tem que ter, porque aqui pra trabalhar só não dá [...] Quando precisa a gente tem que ter a parceria. Às vezes falta

mercadoria, você não tem naquele momento e não tem como repor aí você passa pra o ambulante companheiro, o vizinho aí pede ajuda. (A9)

Sobre a renda familiar, os pesquisados informaram que ela é composta pelo trabalho de um ou mais membros da família, porém quase todos afirmaram que a renda não é fixa, pois é composta por trabalhos ocasionais/ informais (A6, A8, Q7, BP1), enquanto que alguns dos pesquisados informaram que a renda familiar é composta pelo trabalho formal de todos os membros da família, como no caso relatado por BA1. Também houve casos em que somente uma pessoa da unidade familiar tem emprego formal, o restante não possui emprego fixo (Q8, BA5). Seguem os relatos abaixo:

Minha esposa é ambulante, mas ela trabalha no ponto dela e eu trabalho no meu ponto [...] Na minha família praticamente todos trabalham [...] porque se não trabalhar não come. (A6)

Aqui no Parque do povo só trabalha dois. Sem ser daqui a gente vive de reciclagem, junta uma coisa aqui e outra ali, até a Bolsa Família que eu tinha foi cortado, aí vivemos de reciclagem, porque emprego está difícil. (A8)

Só eu que trabalho. Fora o São João eu não trabalho, eu faço só bico. (Q7)

Só eu e minha filha, minha filha é quem trabalha, ela trabalha em uma empresa e eu vivo assim, trabalhando em casa, aí trabalho no Parque do Povo. (Q8)

No geral **só duas, eu e minha esposa.** De certa forma trabalhamos informalmente. (BP1)

Na minha casa só mora eu e outra pessoa e a renda é composta pelo trabalho de cada um e agora por essa atividade produtiva. Um de meus familiares trabalha comigo. (BA1)

Certo mesmo só meu marido. O resto é tudo balinheira dando tiro. Meus familiares trabalham comigo sim. (BA5)

Os relatos acima mostram que a reprodução da vida de alguns trabalhadores depende, na maioria dos casos, do trabalho realizado de forma individual, familiar ou associativa que, muitas vezes apoiada no setor informal (KRAYCHETE, 1999).

Os pesquisados relataram os meios de aquisição dos conhecimentos e quais conhecimentos necessários para realização do trabalho na festa de São João de Campina Grande. Alguns dos pesquisados disseram que conseguiram o conhecimento para trabalhar na festa por meio de experiências anteriores em outros trabalhos, enquanto

outros relataram que não tinham experiência alguma quando começaram a trabalhar no Parque do Povo, que a experiência foi conquistada por meio da prática, no dia a dia:

Eu ajudava o pessoal a montar suas barracas e quiosques, aí teve certo dia que eu comecei a trabalhar pra mim mesmo, a festa de São João muda a atividade, porque **é um décimo terceiro** que vem de última hora durante o ano [...] E é só atender o cliente bem, pra que ele possa voltar. (A1)

Com a vivência, **com o dia-a-dia, com a necessidade e emprego a gente tem que estar qualificado, lendo e pesquisando** [...] Tem que ser muito bom em matemática, tem que ser uma pessoa simpática, não pode ter preconceito, tem que ser amigo de todo mundo. (A4)

Adquiri com o tempo, com o trabalho. Com o tempo que trabalho aqui na festa, **fui aprendendo aqui dentro**, o conhecimento foi sendo criado aqui no trabalho [...] Conhecimento em chegar na pessoa, saber falar com os clientes, saber a bebida que eu faço nos coquetéis. (Q1)

Porque **quando eu comecei a ir pra festa eu fui aprendendo, apanhei um pouco pra aprender, mas consegui**. Muda algo sim, o São João é o nosso décimo terceiro, é mais de um décimo terceiro, né? Porque é uma renda que a gente espera, quando tem pra mexer numa parede, em um piso em casa. Então, o salário que a gente ganha não dá pra fazer essas coisas, então é pra organizar alguma coisa em casa. Na minha vida muda muito [...] Existe sim [...] existe manipulação de alimentos, existe como atender, eu acho que o bom atendimento, quem não gosta de ser bem tratado, de saber o que está comendo. (Q6)

Foi na porrada. Foi no dia a dia, comecei sem nenhuma experiência na verdade, com a vontade de empreender mesmo, que é uma coisa que vem do sangue mesmo, desde muito cedo pra empreender nas coisas e estamos aqui, estamos indo acertando umas e errando outras e aí fui me especializando, consegui alcançar melhora. Muda no São João porque a gente agrega mais valor a uma série de coisas, a gente emprega mais gente, todo ano a gente busca inovar mais e fazer mais público, manter o público que a gente já tem e trazer novos públicos [...] **Administração, importantíssimo**. É importante saber as questões de higiene, de manuseio de alimento, de produção de eventos, no meu caso mais específico produção de palco, ajuste de iluminação, de som, dessas questões todas. (BA2)

É tratar bem o povo, fazemos cursos com a vigilância sanitária, e como tratar bem o cliente, e **nesses vinte e cinco anos cada dia que passa é de aprendizagem**. (BP2)

Enquanto alguns trabalhadores não tinham experiência alguma e aprenderam a partir de suas ações, outros trabalhadores trouxeram um conjunto de conhecimentos que já possuíam de experiências passadas para usarem em seus empreendimentos na festa de São João de Campina Grande. Esses trabalhadores tanto se ajustam na Componente Cognitivo, apresentado nas Competências Laborais descritas por Paiva (2012), quanto podem apresentar a Competência Conceitual que está relacionada a diferentes

habilidades conceituais que são refletidas no comportamento do empreendedor e à competência de comprometimento que levam o empreendedor a avançar com o negócio (MAN; LAU, 2000).

Esses pesquisados ainda relataram que, como conhecimentos necessários, é preciso saber sobre higiene, manuseio de alimentos, atendimento ao público e conhecimentos financeiros. Além dos discursos dos pesquisados A1 e Q6, é possível ver nos relatos de outros trabalhadores que a atividade que exercem muda por ser durante o período de São João e por ser no Parque do Povo pois, nesse período, tem-se uma renda extra, onde muitos dos pesquisados comparam essa renda ao décimo terceiro:

Com as pessoas de fora como você que está aqui, a gente pode se ver no São João, com os turistas, vários de fora, de fora, com os clientes e muito mais, né?! Muda muito porque eu também vou pra outros cantos e aqui é que muda, **aqui é uma benção muito grande, uma renda maior pra mim, é o mês todinho** [...] Chegar o dia e eu está lá, dia e noite e trabalhando. (A5)

Tem que dar o melhor pra poder manter nossa família, nossa renda em casa, né? E o São João é muito esperado, é uma vez no ano. Muda, é nós chamamos de o **nosso décimo terceiro adiantado, né?** É nosso décimo terceiro, é sofrido é corrido, mas no final deixa uma renda pra nós, pra pagar pelo menos as contas [...] **O conhecimento específico, como eu posso dizer é do dia-a-dia**, isso que vai ensinando as coisas pra nos mantermos mais normal. (Q3)

Através de conhecimento daqui mesmo [...] Muda, porque o São João é uma tradição e atrai muitos turistas e se torna um ponto, **se torna um décimo, se torna uma renda que você não tem em outros períodos.** (Q7)

Os pesquisados também relatam que os conhecimentos que sabem também foram obtidos com membros da família e por meio de estudo e pesquisa, como pode ser lido nos discursos abaixo:

Com o meu pai [...] Saber fazer o coquetel, ter conhecimento na área específica, ser *barmen* e ter conhecimento com atendimento ao público, saber atender ao cliente, porque a alma do negócio é o bom atendimento. (BP1)

Pesquisa. Pesquisei bastante para como fazer a cachaça artesanal, com o que misturar, com o que não misturar, o que é bom pra mim e para o meu cliente, a gente pesquisou bastante [...] Muda sim, eu tenho bastante reconhecimento tanto pelos meus clientes, como jornalistas daqui da Paraíba, a gente tem bastante reconhecimento sim. Acho que é o dia a dia mesmo. Cada dia a gente aprende um pouco. (Q5)

Tanto na universidade, que me ajudou bastante, quanto na prática. Muda muito por ser no São João, aqui é provisório, então temos que fazer várias adaptações, sem contar que aqui não temos toda aquela segurança que tem o comércio pronto há meses ou anos [...] **Conhecimento em**

atendimento e vendas, conhecimento na manufatura dos produtos, conhecimentos gerais pra lidar com o público e com todos os órgãos envolvidos. Então é multidisciplinar isso aqui. (BA1)

O entrevistado BA1 pode ter seu discurso associado ao Componente Cognitivo tanto das competências profissionais de Cheetam e Chivers (2000), quanto das Competências Laborais de Paiva (2012), pois apresentam conhecimentos técnico/teórico, conhecimento tácito/prático e, quando fala dos conhecimentos gerais e de atendimento, também remete ao Componente Funcional.

Quando perguntados sobre relacionamento entre os trabalhadores de atividades semelhantes e distintas na festa de São João de Campina Grande, a maioria dos pesquisados responderam que tem um bom convívio e que há ajuda entre os trabalhadores no Parque do Povo. Sobre isso, um dos pesquisados afirma que pela posição de presidente, em uma das associações da festa de São João de Campina Grande, ele deve conciliar os interesses próprios e o interesse coletivo dos que representa:

É os vizinhos que ficam perto da gente, **é a amizade**, é pra trocar dinheiro, fazer companhia, é assim. (A7)

Eu **me relaciono muito bem com eles, é muito na amizade**. Aqui se um precisar de algo, se faltar um produto pega com o outro, aqui nós temos muita amizade. (Q1)

Como eu sou presidente da associação eu tenho que ser diplomático e além de tomar de conta do meu negócio **eu tenho que tomar de conta dos interesses de toda categoria**. (BA1)

Nesse aspecto, os entrevistados apresentaram claramente aspectos do Componente Comportamental do modelo de Competências Laborais de Paiva (2012). Esse componente refere-se ao domínio de aspectos comportamentais, relacionais e sociais, entre trabalhadores de atividades semelhantes e, também, distintas. Dessa forma, os pesquisados apresentaram autoconfiança, calma, controle das emoções, colegialidade com as normas no trabalho, o que também pode ser apresentado no modelo descrito por Cheetam e Chivers (2000).

Ainda foi percebido que os pesquisados apresentaram Competência de Relacionamento (MAN; LAU, 2000) que está relacionada às interações de pessoas para pessoas ou de indivíduos para o grupo, podendo ser vista tanto nos discursos dos

trabalhadores, ao falarem das amizades e cordialidade, quanto no discurso do presidente da associação, ao falar de sua posição perante os interesses coletivos.

A compreensão da ética para os trabalhadores foi relacionada, primeiramente, ao respeito aos colegas, tanto com a prática de um valor de mercadoria padronizada, quanto como por um preço justo junto ao cliente (A2, A5, BA2). Além do valor das mercadorias, outra associação que fizeram à ética foi o respeito ao cliente na hora do repasse do produto, afirmando que o produto deve ter qualidade (Q6):

Eu acho assim, que **a gente tem que ter ética pra respeitar o próximo, né?** Porque um exemplo tem outro vendedor e se o cliente for pra ele a gente não pode chamar o cliente que está indo pra ele pra vim comprar a gente, porque se fazendo isso é fora de ética. Então assim, **eu tenho que respeitar.** (A2)

Meu preço é um só, não mudo [...] é como eu falei que tem uns que chega e dá o preço menor, **não dá pra a gente tirar o máximo do dinheiro e fica fazendo concorrência** e no máximo é tudo ser tabelado. Q2:

Mais importante ainda é você ter honestidade e humildade pra você enfrentar o dia-a-dia do trabalho e a questão também do bom atendimento ao cliente. (A5)

Ética é uma coisa que todo mundo tem que ter e eu procuro sempre fazer as coisas de uma forma honesta, praticar um preço justo, sem explorar ninguém, eu sou esquerdista por vida, né? Então assim, tem que ter. **Ética é uma coisa importante.** (BA2)

Meus valores, eu vejo que eu não venderia algo que não fosse consumir, que não presta, que está estragado. **Se não está bom pra mim, não está bom pra o meu próximo, pra meu cliente. Sempre eu me coloco no lugar do cliente.** (Q6)

A ética também foi relacionada à transparência e à prestação de contas por um dos entrevistados, que justificou essa necessidade pelo fato de ser o presidente de uma das associações dos comerciantes da festa de São João de Campina Grande:

Como presidente da associação, é um tema sempre recorrente, porque existem duas associações e esse tema está sempre na mesa. **Tudo que a gente procura fazer é com total transparência, prestação de contas 100% e fazendo com que os comerciantes se sintam representados.** Em relação ao meu negócio próprio, eu acho que é essencial que haja confiança mútua entre funcionários e proprietários. (BA1)

A ética também pode ser associada ao componente de mesmo nome que diz respeito à empatia em termos de valores pessoais e relacionados ao trabalho, havendo

assim, sensibilidade social/ moral, transparência, adesão ao código profissional. Essas características são observadas nas falas acima.

A dificuldade e circunstância diferente no trabalho na festa de São João em Campina Grande que mais foi relatada pelos pesquisados foi a questão da segurança, já que é uma festa pública (a segurança principalmente relacionada às mulheres comerciantes (Q6 e Q7)), pois atendemo muitas pessoas alcoolizadas. Também foi relatado que segurança na hora da venda é algo que necessita de bastante atenção, pois há casos de roubos e furtos de mercadorias e isso tira a concentração do trabalho, sendo registrado, entretanto, que a festa melhorou muito depois que aumentaram a segurança e que as pessoas só entram no local da festa mediante revista:

Tem umas situações que assim, se a gente não tiver com Deus no coração que a gente pode perder a cabeça [...] às vezes uns caras vêm pedir dinheiro, querem roubar, aí a gente tem que saber levar pra não perder a cabeça. (A2)

Sempre procuro ser amiga do cliente, mas é complicado, principalmente por ter que lidar com pessoas alcoolizadas. Não generalizo, mas é bem complicado trabalhar com alguns clientes que estão alcoolizados, não são todos, mas sempre tem aqueles que dão trabalho [...] Tem situações que pega a gente já aperreada com outras situações, que quando chega a ser um problema, nesse momento de movimento, quando chega você termina desconcentrando do seu trabalho. É uma situação complicada quando você está bem, concentrada e aparece uma pessoa como um ladrão que fica roubando qualquer coisa como o espeto e essas situações assim é muito chata e quando acontece você tem que procurar segurança. Tem que procurar sempre ter alguém que dê um toque. Hoje por ser uma festa fechada melhorou muito, mas se dentro da igreja existe pessoas ruins, imagine numa festa como essa. (Q6)

Às vezes, primeiramente é preciso ter calma e saber contornar todas as situações. E às vezes, eu particularmente como mulher, acabo trabalhando com mulher e às vezes acontecem casos de chegar homem e ver que são duas mulheres né, mas aí eu tento engrossar mais pra eles e ali se resolve. (Q7)

Outras dificuldades relatadas foram relacionadas à comunicação em outros idiomas com turistas estrangeiros (Q1) e referentes a um líquido antichamas exigido pelo corpo de Bombeiros e pela organização do evento, por conta de um incêndio no ano anterior (2018), durante a festa:

Só tenho dificuldade quando chega um turista assim de fora, um estrangeiro, que não sei conversar com ele, não entendo a língua dele pra nos comunicarmos. A única dificuldade que eu sinto aqui é essa. (Q1)

Olha esse ano tem uma **dificuldade muito grande de se comprar o material, o antichamas** né?! Coisa que era pra ter sido antes avisada, antes notificada, meses antes, vieram avisar informal, sem o timbre, aí a gente tem

que comprar um material que nem na Paraíba tem. Ai essa dificuldade toda de adquirirmos o material para trabalharmos com êxito e conseguirmos trabalhar esse ano no Maior São João do Mundo. (Q2)

Tem muitas, tem muitas. **E esse ano tem um bocadinho, teve esse negócio do incêndio do ano passado e tem esse produto aqui pra a gente passar que é muito caro**, mas nós vamos superando aí e vai dar certo. (Q3)

Esses discursos sobre as dificuldades e circunstâncias diferentes enfrentadas pelos trabalhadores no Parque do Povo remetem ao Componente Política de Paiva (2012) que fala sobre as habilidades pessoais e laborais no trato social relativo aos jogos de poder. Também exige Competência de Relacionamento (MAN; LAU, 2000), que se relaciona às interações pessoais ou de indivíduos para o grupo.

4.3 Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande

A última categoria procura o componente solidário e diz respeito ao objetivo específico “verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular”.

Para trabalhar no Parque do Povo durante a festa de São João de Campina Grande é necessário passar por uma seleção e por um cadastro, dessa forma, os pesquisados relataram que pagam uma taxa à Prefeitura Municipal de Campina Grande para trabalharem no Parque do Povo durante a festa de São João. O processo de seleção e cadastro ocorre com antecedência e são requisitados documentação pessoal, antecedentes criminais e para aqueles que são selecionados e cadastrados é exigido que assistam cursos e palestras com autoridades, como, por exemplo, Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária, PROCON, Polícia, Delegacia da infância e juventude etc. Ao final desse cadastro, são acordados contratos entre o interesse público e os comerciantes que vão trabalhar na festa, como podemos observar nos discursos abaixo:

Há um cadastro antecipado, tem que pagar tudo antecipado à prefeitura. A gente tem que pegar todas as documentações, antecedentes criminais e federais e municipais pra comprovar que não tem problema nenhum com a justiça e você está dentro dessas normas fica fácil de trabalhar. (A4)

Tem. **A gente tem que fazer o cadastro**, ai depois recebe o contrato e depois tem que passar por algumas reuniões, tem um curso de manipulação de alimentos, ai depois assistimos uma palestra com o pessoal das autoridades, tem os bombeiros, a polícia militar, o delegado da infância e juventude,

porque a gente não pode vender bebida aos menores. Tem esse pessoal todinho. (Q1)

Selecionou sim, **a gente fez o cadastro** e assistiu a várias reuniões, faz um curso de especialização, tem todo um processo e é muito burocrático pra trabalhar aqui. (Q9)

Há sim. Menina **é tanto curso, agora mesmo foi uma reunião**, nós temos outras com bombeiros, vigilância sanitária, tem um bocado dessas. (BP2)

Sim, há. Há um **recadastramento daquelas pessoas que já tem um comércio** há anos e havendo vagas há um cadastramento de novos comerciantes. Então a todo um tramite que é respeitado, tanto junto à organizadora da festa, a prefeitura, aos órgãos como o PROCON, vigilância sanitária, corpo de bombeiros, há todo um acompanhamento e fiscalização. É muito rigorosa a seleção pra estar aqui. (BA1)

Tem seleção, tem cadastro, tem que levar documentação, eles pedem eles pedem antecedente criminal federal e municipal. Meu Cadastro foi ótimo, deu tudo certo. (BA4)

Os pesquisados também relatam que existe uma fila de espera para novos comerciantes poderem trabalhar na festa e que a prioridade é dos comerciantes mais antigos, mas que todos os anos o cadastro deve ser renovado e as documentações e comprovações devem estar em dia, além de haver um cadastro específico para cada seguimento (ambulante, quiosque, barracas, restaurantes):

Veja bem, há uns anos atrás não tinha cadastro, a não serem só os barraqueiros, mas os ambulantes não tinha cadastro, mas estava vindo muita gente de outras cidades, estava invadindo e outros perdendo espaço, ai teve que cadastrar todos os ambulantes, então assim, só trabalha aqui no Parque do Povo quem tiver o comprovante que trabalhou no ano passado, e todo ano está vindo desse jeito, então evita de vim pessoas de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, pra trabalhar porque dessa forma tendo esses cadastros toda renda vai ficar com os comerciantes de Campina Grande. (A2)

Tem. Tem dos ambulantes, tabuleiros, vendedores de copos, brinquedos. Tem um cadastro específico. (A3)

Sim. O meu processo tem dez anos, né? Fiz o cadastro na época e todo ano eu renovo, tem que renovar. (A9)

Há sim. A gente tem que fazer uma inscrição, a gente tem que ser já dos anos anteriores e depois o pessoal da organização coloca a gente no lugar que a gente sempre trabalha, só isso. (A10)

Tem gente esperando pra entrar, nós sabe. Fazemos cadastro sim, todos os anos. (Q3)

Tem, sempre teve cadastro aqui na prefeitura pra a gente poder colocar, são selecionadas as pessoas que vem, eles dão prioridade a quem já vem

colocando todos os anos e a gente faz esse cadastro, paga tudo direitinho, todas as taxas pra poder trabalhar. (Q5)

Sobre a participação dos pesquisados em algum grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande, foi observado que há três associações ligadas à festa. Uma associação representa os trabalhadores ambulantes do estado da Paraíba, não somente os que trabalham no São João de Campina Grande, havendo também mais duas associações. Essas duas representam os comerciantes que trabalham no Parque do Povo, na festa de São João da cidade, a primeira associação foi criada em 2014 e a segunda associação criada em 2019, foi fundada com ex-membros da primeira associação, além da Associação dos Ambulantes e Trabalhadores em Geral da Paraíba (AMEG), conforme podemos ver nos seguintes discursos:

Faço sim. A AMEG. Faz um ano que comecei, e graças a Deus o que a gente precisa eles contribuem com a gente. (A3)

Nós temos uma associação que é em todo o estado da Paraíba, Associação dos Ambulantes e Trabalhadores em Geral da Paraíba (AMEG), é a associação da gente. (A6)

Faço, a AMEG, que é a associação dos ambulantes. Tem dois anos que estou nela, mas tem muita gente que já tem mais tempo, até porque a presidente da associação é de João Pessoa. (A9)

Tem, tem a associação daqui dos barraqueiros do Parque do Povo, ela fica aqui do lado. Eu comecei a fazer parte delas aos poucos, eu fui vendo o que ela fazia aí fui e me associei. (Q1)

Faço sim. É uma associação nova que abriu agora e que a gente estava precisando muito, A associação de comerciantes e barraqueiros do Parque do Povo no Maior São João do Mundo, então foi necessário à gente criar essa associação e eu faço parte dela e facilitou muitas coisas pra a gente resolver alguns problemas que estavam pendentes. E tomara que esse ano e o ano vindouro ela cresça mais ainda e do jeito que ela vai crescendo para que a gente alcance os objetivos. (Q2)

São dois grupos de associação de barraqueiros aqui no Parque do Povo [...] os presidentes das associações e eles convém muito, eles trabalham bastante. Eu faço parte da associação. (Q5)

Olhe, é que aqui é o seguinte, tinha uma associação, aí houve um problema, aí criaram outra associação, aí eu migrei dessa primeira associação pra essa segunda. Mas aí nem finalizei essa migração, como se diz, porque eu esperei começar o São João pra saber quem é que está falando a verdade. Mas aí eu ainda participo da primeira associação. (BP1)

Sou presidente da associação dos comerciantes do Maior São João do Mundo, que existe desde 2014, a primeira associação. (BA1)

Eu faço parte aqui da associação dos barraqueiros, [...] eu comecei a fazer parte por meio do presidente da associação, ele perguntou se eu queria participar porque eu sou um membro, uma comerciante, então todos os comerciantes são da associação. (BA3)

A maior parte dos pesquisados faz parte de uma das três associações existentes na festa. De acordo com Cattani (2003 *apud* Goerck, 2005), os empreendimentos de Economia Popular podem ser constituídos por clubes de troca, mercados populares, grupos de produção comunitária, associações, cooperativas etc.

Nessa perspectiva de empreendimentos populares que contemplam o componente solidário Goerck (2005) afirma que os tipos de empreendimentos coletivos preponderantes à Economia Popular Solidária são as cooperativas e as associações de trabalho, produção e de serviço, que geram trabalho e renda. Essas cooperativas e associações trazem consigo os princípios de cooperação, democracia e autogestão. Porém, Vieira, Parente e Barbosa (2017, p.110) descrevem que, na economia solidária, são inseridos apenas

[...] os empreendimentos geradores de trabalho e rendimento ou aqueles ligados diretamente a esses, como as cooperativas de consumo e as de crédito solidário, ou, ainda, os clubes de troca. Excluem-se as associações sem fins lucrativos que não produzem renda para seus sócios.

Foi perguntado aos pesquisados que afirmaram fazer parte de alguma associação se havia alguma gestão e liderança dentro do grupo, além de ser perguntado se a associação tinha algum documento com regras, normas, regimento, estatuto.

A gestão, tanto na Economia Solidária, quanto na Economia Popular Solidária, acontece pela autogestão como expõem os autores Silva e Zanini (2014) e Vieira, Parente e Barbosa (2017). Para Singer (2008), a autogestão nos empreendimentos de Economia Solidária ocorre pela gestão dos próprios trabalhadores de forma coletiva e democrática, em que todos têm direito a voto. O autor exemplifica o caso das cooperativas, porém afirma que, caso essas cooperativas sejam maiores, há necessidade de presidente, tesoureiro e de algumas funções especializadas (SINGER, 2008).

Na festa de São João de Campina Grande, a maioria dos pesquisados afirmaram que nas três associações havia a presença de um líder, um presidente e que, além do presidente, havia vice-presidente, diretores, fiscais e outras funções. Porém, os membros

das três associações também afirmaram que todos tinham as mesmas responsabilidades e direitos na dinâmica da instituição, como podemos ver nos discursos abaixo:

Na associação tem o presidente, o vive presidente. Mas **todos trabalham em prol do ambulante**, em prol do trabalhador, de nós trabalhadores [...] A associação trabalha com ambulante e defendendo o ambulante em prol do trabalhador e todos. (A6)

Presidente. **Todos têm a mesma responsabilidade e direito** [...] Existe sim, eles são de uma associação que é cadastrada na Paraíba toda e tem as regras, tem várias regras. (A10)

Não tem esse negócio de hierarquia não, tudinho se reúnem e resolvem. Tem o presidente, mas ele só **faz as coisas em conjunto com todo mundo**. Mas tem o presidente, o vice-presidente. (Q1)

Somos compostos por presidente, vice-presidente, diretores e fiscais [...] A única regra que a gente tem é não relacionar a política, não ter nada com politicagem, **o que tiver errado a gente vai criticar e nenhum dos membros da associação pode pleitear um cargo público**. Seja vereador, deputado, ou qualquer um executivo. (Q2)

Sim, tem sim. São dois presidentes, dois vice-presidentes, porque são duas associações. (Q6)

Eu fui um dos idealizadores e junto com outros comerciantes idealizamos, nós projetamos e fizemos a associação, fundamos. Então eu sou sócio, fundador e presidente no segundo mandato da associação. Então foi uma ideia nossa pra a gente ficar mais organizados e está dando certo até hoje. Tanto está dando certo que já está dando cria, que a nova associação foi criada por ex-componentes da nossa [...] Nós temos além de toda a documentação de abertura da associação, nós temos o nosso estatuto, tem o regimento interno e todas as demais regras são debatidas em assembleias. (BA1)

No relato de BA1, o pesquisado afirma ser presidente da primeira associação dos comerciantes da festa de São João de Campina Grande e que a associação a que pertence tem estatuto, regimento interno e que ocorrem assembleias, nas quais são discutidas as demais regras. Já o pesquisado Q2 afirma que nenhum dos membros da associação (segunda associação, de 2019) pode pleitear um cargo público.

Os pesquisados também foram questionados se havia algum sistema de solidariedade, de ajuda mútua ou cooperação relacionado à associação de que fazem parte e a maioria respondeu que sim, disseram que as ajudas que conseguem se dá por meio das associações, como o empréstimo pelo governo estadual, principalmente para os comerciantes que tiveram seus estabelecimentos queimados pelo incêndio do ano

anterior (2018), e o líquido antichamas e as reivindicações para continuarem trabalhando na festa:

Então isso tudo acarreta na cabeça do ambulante, ele (prefeito) só queria que trabalhasse cinquenta ambulantes, nós temos o direito da gente e sabemos como usar os espaços na hora certa, usamos a câmara de vereadores ocupando e resistindo passamos de seis a sete dias dormindo lá, comendo lá, senhora grávida, criança, adulto, todo mundo, até que ele (prefeito) chegou lá e disse que não ia trabalhar somente cinquenta ambulantes e que iam trabalhar todos. Mas devido ao nosso trabalho, se não fosse nosso trabalho reivindicando nossos direitos só trabalharia cinquenta. (A6)

A gente teve um problema no ano retrasado pra poder entrar e foi aquela batalha, né? Ela (presidente da associação) veio e a gente começou a se entrosar e a galera começou a se reunir e foi como a gente conseguiu entrar, mas a gente estava por um fio pra não conseguir vender e não conseguir trabalhar [...] **Sempre que é alguma coisa relacionada aos ambulantes a gente se reúne pra tentar resolver**, mas não é sempre que a gente consegue. (A9)

A ajuda que conquistamos sobre a abertura da festa, fomos lá e conversamos com os responsáveis sobre a festa e vamos agora abrir aos domingos a partir do meio dia, porque até então não abria, o **caso do empreender que chegou pra a gente fazer o empréstimo, então são essas ajudas a gente vem recebendo da associação**. (Q2)

Assim, se tiver alguém que esteja precisando de alguma coisa a gente faz campanha pelo grupo, se for algum amigo conhecido, pessoas estranhas, ou mesmo com a gente ou com doença a gente tenta ajudar de toda forma que a gente poder. (Q7)

Há ajuda sim. Como eu disse a você, **às vezes a gente não pode resolver uma pessoa só, aí o grupo se reúne** e passa pra a gente. (BP2)

Ele que conseguiu o empréstimo pra a gente do Empreender, essa ajuda foi muito boa, chegou em uma boa hora, que até as pessoas que perderam suas barracas no ano passado no incêndio, elas, a maioria não tinha condições de colocar barraca esse ano. Então ele correu atrás do governador, do governo do estado e conseguiu que o empreender disponibilizasse um empréstimo para esse ano, então ele é uma pessoa excelente e tudo que ele puder e tiver ao alcance dele, ele nos ajuda. (BA3)

Singer (2008), em entrevista, cita os princípios da solidariedade, que são a igualdade, igualdade de direito, posse coletiva dos meios de produção e autogestão. Além desses princípios, foram vistos os princípios de participação, cooperação, responsabilidade social, reciprocidade e ajuda mútua (NELMS, 2015; VILCHEZ, 2017). Tanto nos relatos referentes à gestão (A10, Q1, Q2), quanto nos relatos sobre um sistema de solidariedade (A6, A9, Q7) puderam ser observados os princípios de ajuda mútua, reciprocidade, bem-estar, cooperação e igualdade de direitos.

Por último, foi perguntado aos pesquisados sobre qual a motivação para participar de grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande, se ocupavam um cargo nesse grupo e o tempo que dedicam a esse grupo. A maioria dos pesquisados respondeu que os motivos para fazer parte das associações são a união e o esforço coletivo em prol de conquistas para todos, a representatividade que cada classe trabalhadora deve ter, estar próximo aos organizadores do evento e a resolução de problemas relacionados à festa:

Não, é só contribuindo mesmo, como membro. **O que me motiva a fazer parte é que eles mostraram motivos pra a gente fazer parte, né?** Ano passado não íamos trabalhar aqui e esse grupo se moveu, nos juntamos e trabalhamos ano passado e estamos aqui neste ano. (A3)

Não ocupo cargo não, sou só associado. **O que me motiva a fazer parte é porque em todas as classes têm que ter um representante**, então onde a gente for tem que existir um representante, então temos que ter um seguimento, alguma coisa que nos represente. **O tempo dedicado é quando se tem reunião, aí é que a gente se faz presente.** (A6)

Não, eu sou só associado. **Motivou por eu ter contato com a direção da organização da festa.** Tem dois anos que faço parte do grupo. (Q1)

Os pesquisados Q2 e BA1 afirmaram ter cargos dentro das associações que participam, sendo que o primeiro ocupa o cargo de fiscal e o segundo de presidente. O pesquisado BA1 ainda afirmou que o tempo que dedica à associação é praticamente integral antes e durante a festa, pois sempre está a representar os comerciantes da festa, conforme discursos apresentados a seguir.

Sou fiscal. Vou dizer o que me motivou a fazer isso, por causa que tinha uma associação que o diretor não reconhecia os outros diretores, o vice, o tesoureiro, e eu achei a necessidade de ter uma associação de verdade, de partilhar os serviços, então a gente criou essa associação ai pra ver se dá certo, pra ver, se Deus quiser vai dá certo, já está indo bem. É como eu disse a você é uma associação nova, que só tem seis meses, então ela criada justamente pra isso, **pra a gente impedir alguns empecilhos que venha a acontecer no maior São João do Mundo, pra que a gente corra atrás pra resolver certas situações que não são favoráveis a gente.** (Q2)

Sou presidente da associação. O que me motiva é o desejo de fazer uma melhoria contínua no coletivo e acaba facilitando pra todo mundo quando se tem um esforço coletivo, ao invés de ser um esforço individual. Nesse período eu dedico quase que 24 horas a essa função e antes desse período também muito tempo, porque as demandas são enormes, [...] é uma associação que existe desde 2014, que representa os comerciantes, que consegui o Empreender Paraíba esse ano para todos os comerciantes e que

está conseguindo a implantação do liquido antichamas com toda a documentação pra todos os comerciantes. (BA1)

Os demais pesquisados, quando respondem quanto ao tempo que se ocupam da associação, dizem que, sempre que são convocados para reuniões, comparecem, mas, parece não se envolver para além dessas convocações, deixando as decisões e reivindicações nas mãos da associação. A autogestão também pode ser vista nas figuras dos presidentes e vice-presidentes, fiscais, tesoureiros, secretários e por meio das assembleias que os membros associados participam.

Quadro 10: Resumo dos achados das análises

RESUMO DOS ACHADOS
Autodeclararam-se como autônomos e alguns consideram-se formais e outros informais.
A média de anos de trabalho dos pequenos comerciantes é de 17,5 anos.
Relacionam a gestão do empreendimento a experiências práticas; despesas e investimentos.
A maioria (12) dos pequenos comerciantes possui baixo grau de escolaridade (ensino fundamental incompleto).
O gênero feminino apresenta maior nível de escolaridade geral e apenas duas pessoas possuem ensino superior, sendo uma de cada gênero.
Declararam que começaram a trabalhar na festa por necessidade e sustento da família; oportunidade; migrou de modalidade de empreendimento; renda extra; trabalho em família e com amigos.
Afirmam que recebem auxílio de familiares, amigos e funcionários no desempenho das atividades e na preparação das mercadorias.
Renda composta por um ou mais membros da família, muitos trabalham informalmente fora da festa de São João de Campina Grande.
Alegam que o meio de aquisição dos conhecimentos para trabalhar e conhecimentos necessários para a realização do trabalho veio de experiências de trabalhos anteriores; experiência prática; especificidades do trabalho.
Afirmam que, dentro da festa há amizade, cordialidade e a possibilidade de conciliar os interesses próprios e o interesse coletivo entre os trabalhadores de atividades semelhantes e distintas.
Compreendem a ética (em suas atividades na festa) como respeito aos colegas e aos clientes, preço justo, honestidade, humildade, transparência e prestação de contas.
Descrevem como maiores dificuldades à manutenção da segurança física, atenção na hora do trabalho, comunicação em outros idiomas, material contra incêndio.
Afirmam que para trabalhar na festa é necessário cadastro antecipado, renovação do cadastro anualmente, contrato com interesse público, pagamento de taxas à prefeitura municipal, documentação, antecedentes criminais.
Há a participação dos pequenos comerciantes em pelo menos uma das três associações vinculadas à festa de São João de Campina Grande.
As associações têm presidente, vice-presidente, diretores e fiscais. Também possuem estatuto e regimento interno e realizam assembleias.
Relatam que nas associações são feitas reivindicações coletivas em prol de objetivos em comum e que há ajuda mútua, reciprocidade, bem-estar, cooperação e igualdade de direitos.

Fonte: Elaboração própria (2019).

O Quadro 10 mostra um resumo dos achados das análises dos resultados que revela um perfil geral dos entrevistados e ajuda a compilar as considerações finais de acordo com os objetivos dessa pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objetivo principal identificar o perfil de competências de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. Para chegar ao objetivo principal, foram delineados três objetivos específicos, quais sejam: a) caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; b) identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos Comerciantes do São João de Campina Grande; e c) verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular.

Foram realizadas vinte e nove entrevistas, das quais vinte e seis foram aproveitadas. Os entrevistados, sujeitos da pesquisa, foram chamados ao longo do trabalho de pequenos comerciantes pois, entre eles, estavam trabalhadores ambulantes, trabalhadores de quiosques e trabalhadores de barracas (também conhecidos como barraqueiros), tendo essas barracas as dimensões de 3m x 3m e 3m x 4m. Por meio dos objetivos específicos, foram elaboradas as categorias da pesquisa, enquanto as subcategorias foram feitas com base nas questões do roteiro semiestruturado utilizado durante as entrevistas.

Com base nos resultados da primeira categoria, que diz respeito à caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande, foi revelado que a média geral dos anos que os pequenos comerciantes, entrevistados, trabalham no Parque do Povo, durante a festa de São João de Campina Grande, é de 17,65 anos, e a maior parte deles (doze) possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Ao serem questionados sobre a necessidade de maior grau de escolaridade, grande parte dos pesquisados responderam que não sentiam essa necessidade, pois para as funções que desempenham não há carecem de grau de escolaridade maior e os anos de prática de suas atividades lhe garantiram um bom aprendizado para o desempenho de suas atividades.

Os pesquisados trabalham no Parque do Povo via contratos feitos por meio do interesse público (Prefeitura Municipal de Campina Grande) e a maioria se autodeclara como trabalhador autônomo, além de atribuírem-se outras designações complementares como “autônomo e formalizado” e “autônomo e informal”.

O termo gestão foi associado pelos entrevistados à experiência prática que remete ao Componente Funcional, quando citam as funções que exercem e as especificidades de suas atividades. O termo também foi associado ao investimento e às despesas que os pequenos comerciantes têm com seus empreendimentos, e essa nova associação relaciona-se à área da Competência Administrativa, em que os pesquisados fazem a organização de várias atividades internas (financeira, organização de material, organização de pessoal etc.) em seus empreendimentos.

Quanto aos resultados da segunda categoria, relacionados a aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, foi revelado que, entre os principais motivos que levaram os pequenos comerciantes a trabalharem na festa de São João de Campina Grande, estão a necessidade de trabalhar e o sustento da família, além da oportunidade de criar uma renda (mesmo que sazonal) ou obter uma renda extra. Alguns dos pesquisados consideram essa renda extra como um décimo terceiro salário, com o qual podem contar para usar com alguma emergência ou alguma finalidade específica (como, por exemplo, a reforma de uma casa). A procura do emprego na festa junina, por necessidade e sustento da família pode ser encarada como a busca pela reprodução da vida, conforme vista na Economia Popular. Os pesquisados também declaram que suas rendas são compostas por meio de trabalhos ocasionais e informais, uma minoria dos entrevistados afirmou possuir, ou algum membro da família, emprego fixo e formalizado.

Novamente a experiência prática é trazida pelos pesquisados como fonte de aprendizado, pois alguns revelam que não tinham nenhuma experiência quando começou a trabalhar e outros informam que tinham somente experiências de trabalhos anteriores ou que aprenderam com familiares que já trabalhavam na festa. A aprendizagem relaciona-se com o componente funcional em todas as atividades executadas no empreendimento, além do trabalho com a família, com amigos e com pessoas com interesse em comum, características da Economia Popular.

Muitos dos pequenos comerciantes que trabalham nas modalidades de quiosques e barracas destacaram, durante a narrativa de suas histórias, como começaram a trabalhar no Parque do Povo durante o São João e que aproveitaram a oportunidade por estarem trabalhando na festa há algum tempo para poder expandir seus negócios e, com isso, conseguir migrar de empreendimento. Assim, muitos revelaram que começaram como trabalhadores ambulantes, afirmando que a oportunidade de estar na festa lhes

proporciona também a condições de expansão do empreendimento para além da época de São João, em outras épocas do ano, assim o empreendimento passando de uma renda sazonal para uma renda fixa, durante todo o ano, demonstrando suas capacidades de estratégia.

O relacionamento entre os pequenos comerciantes no Parque do Povo, tanto entre trabalhadores de atividades semelhantes, quanto de atividades distintas, é de reciprocidade, de ajuda mútua e de amizade e expõe a Competência de relacionamento quanto às interações sociais. Os pesquisados associaram a ética aos valores pessoais e relacionados ao trabalho, exemplificando-a na forma de transparência, prestação de contas, preço justo, produtos de qualidade e respeito entre os trabalhadores. Foi identificado que os pesquisados desenvolviam habilidades pessoais, laborais e no trato social para poder contornar os conflitos e problemas que apareciam durante o trabalho, como na questão da segurança, citando que, muitas vezes, precisaram lidar com pessoas alcoolizadas, assédio e imprevistos.

Com os últimos resultados identificados na terceira categoria, que buscava o componente solidário encontrado dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora do São João de Campina Grande, identificou-se que a maior parte dos pesquisados fazem parte de alguma das associações existentes na festa de São João em Campina Grande e que entre as motivações que levavam os pesquisados a fazerem parte dessas associações estavam a união, o esforço coletivo em prol de conquistas para todos, representatividade das classes trabalhadoras, a resolução dos problemas relacionados à festa e o fato dos associados estarem mais próximos aos organizadores do evento.

Esses resultados também mostram que os entrevistados que disseram fazer parte de alguma das três associações da festa, de alguma forma, mostram-se mais propensos a aceitarem princípios como reciprocidade, ajuda mútua, cooperação e democracia, que se configuram como alguns dos princípios da solidariedade, além de entenderem que uma associação com muitos membros necessita de representação por pessoas em cargos específicos, como um presidente, um vice-presidente, fiscais, diretores e outras funções, mesmo reconhecendo que todos devem ter o direito à democracia nas decisões, tendo direitos e deveres iguais junto ao grupo.

A festa de São João de Campina Grande tem grande representatividade no cenário da cultura nordestina, já que traz traços populares e manifestações folclóricas de toda a região nordeste do país e movimenta a economia de Campina Grande e das

idades circunvizinhas. Além da relevância histórica, a festa proporciona a muitos trabalhadores, que durante a maior parte do ano não tem oportunidade de ter uma renda, pelo menos durante trinta dias, conseguirem desenvolver seus trabalhos, adquirindo uma renda ou aumentando a renda que já possuem, mesmo sazonalmente, além de também proporcionar a visibilidade dos empreendimentos, que fazem parte da festa e de expandirem seus negócios e assim manterem seus empreendimentos durante todo o ano. Tal realidade está presente no relato da pesquisada Q5 que descreve que começou a trabalhar na festa por necessidade, pois estava desempregada e vivia do trabalho informal e que quando começou desempenhava a atividade de trabalhadora ambulante e com o tempo conseguiu migrar para a função de trabalhadora de quiosque e assim expandir seus negócios na festa, além de também conseguir trazer seu negócio para todo o ano, por meio dessa oportunidade que surgiu durante a festa junina.

Também foi possível verificar que os pequenos comerciantes pesquisados, que trabalham no Parque do Povo durante a festa de São João de Campina Grande, em maioria, vêm do comércio informal, porém, durante o período que trabalham na festa, estão em situação regular (quanto à legalidade), pois trabalham dentro de arranjos formais. Entretanto, fora da atividade desempenhada na festa e em consequência fora desse arranjo formal, foi revelado, durante as entrevistas, que nem todos os trabalhadores contribuem com a previdência social, assim, não tendo garantia quanto ao acesso à aposentadoria, ao seguro desemprego, à licença maternidade e ao afastamento do trabalho em caso de doença.

Com base na literatura apresentada durante o trabalho e nos dados obtidos com a pesquisa de campo, podemos dizer que nem todos os pequenos comerciantes, que trabalham no Parque do Povo, durante a festa de São João, fazem parte da Economia Popular, já que a maioria dos pesquisados são trabalhadores autônomos, dos quais alguns são microempreendedores, enquanto outros não tem formalização laboral e/ ou não tem um trabalho fixo. E, segundo Coraggio (1999), dentro dessa economia, não estão inseridos os rentistas, indivíduos que trabalham por conta própria (autônomos) e indivíduos que trabalham em microempresa, porém, eles têm aspectos dessa mesma economia por fazerem parte de uma unidade doméstica constituída, tanto por familiares, quanto por amigos ou por indivíduos que tenham o mesmo interesse em comum.

Como descrito, esses pequenos comerciantes apresentam alguns aspectos populares que podem ser encontrados dentro das características de Competências

Empreendedoras e das Competências Laborais⁶ (deslocamento do conceito de Competências Profissionais para Competências Laborais), como, por exemplo, o desenvolvimento da comunicação, tanto com seus pares (outros trabalhadores e membros das associações), como com o público (turistas e clientes) e com organização da festa. Alguns dos pequenos comerciantes também conseguiram se autodesenvolver, mesmo em condições difíceis e mesmo com baixo grau de escolaridade, como no caso da trabalhadora ambulante A7, que afirma nunca ter estudado, mas que consegue desempenhar suas atividades.

A criatividade também é vista como uma estratégia e oportunidade dos pequenos comerciantes manterem-se na festa e conseguir um meio de criação de produto para obtenção de uma renda extra e isso pode ser observado na fala do pesquisado A2 que afirma que, mesmo trabalhando como ambulante, já vendeu vários produtos desde bijuteria, a adereços juninos, até chegar a vender pipoca, todas essas atividades foram realizadas para se manter trabalhando na festa. Outra característica percebida dentro desses aspectos de economia popular foi que a necessidade e a prática do próprio trabalho muitas vezes foi o meio de aprendizagem e sintetização dos conhecimentos que eles tiveram, como no caso na análise, planejamento e organização de atividade e principalmente na resolução dos problemas encontrados.

Quanto ao componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular que podem ser encontrados na atividade empreendedora do São João de Campina Grande está a ajuda mútua entre os trabalhadores da festa e entre os membros associados. A reciprocidade e participação que podem ser identificadas em vários momentos durante as falas nas entrevistas, principalmente quando falam sobre a organização e mobilização para conseguir uma causa em comum, como no caso a aquisição do produto antichamas (falas Q2 e Q3) e a mobilização para resolver o problema com cadastro dos ambulantes que não podiam trabalhar na festa (falas A4, A6 e A9). Os pesquisados que revelaram participar de alguma das associações também disseram que, dentro desses grupos, existem funções distintas como presidentes, vice-presidentes, fiscais etc., mas que, ao final, tudo é decidido por meio de democracia.

Mesmo conseguindo colher informações de membros das três associações ligadas à festa de São João de Campina Grande, esse trabalho apresenta limitações quanto a não obtenção de opiniões de dois presidentes de duas das três associações

⁶Permite analisar competências de trabalhadores, independentemente do nível de formalização do trabalho que eles realizem (PAIVA, 2012).

presentes na festa, sabendo que as opiniões de outros presidentes poderiam ter revelado maiores detalhes e percepções diferentes a respeito das associações e o trabalho na festa junina. Por meio dessa limitação, tem-se a necessidade de reflexões para estudos futuros a respeito das Competências Gerenciais dos responsáveis pela gestão das associações existentes na festa junina de Campina Grande. Outra perspectiva de pesquisa futura está voltada para a relação entre a aprendizagem e competências, em diferentes níveis de formalização no comércio da festa de São João de Campina Grande e, por fim, a identificação das competências dos gestores da festa de São João de Campina Grande.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, M. I. F. Más allá de la precariedad: prácticas colectivas y subjetividades políticas desde la economía popular Argentina. **Íconos - Revista de Ciencias Sociales**, Quito, n. 62, p. 21-38. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5ed. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BARROS, L. E. V.; MELO, T. S.; AGOSTINI, C. Competências profissionais e sua gestão: um estudo de caso com médicos. *In: EnANPAD*, 2014, Rio de Janeiro. **Anais[...]**. Rio de Janeiro, 2014.
- BARROS, L. E. V.; PAIVA, K. C. M. Impactos de vivências acadêmicas nas competências profissionais: percepções de egressos de um curso de mestrado em Administração. **Teoria e Prática em Administração**, v.3, n. 1, p. 96-120, 2013.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BUNK, G. P. La transmisión de las competencias en la formación y perfeccionamiento profesionales de la RFA. **Revista Europea de Formación Profesional**, n.1, n. 94, p. 8–14, 1994.
- CALLEBERT, R. Transcending dual economies: Reflections on ‘Popular Economies in South Africa’. **Africa - International African Institute**, v.84, n.1, p. 119–3, 2014.
- CANÇADO, K. B. V. L. Competências requeridas para a atuação em coaching: a percepção de profissionais coaches no Brasil. **REGE - Revista de Gestão**, v. 24, p. 24–34, 2017.
- CAVEDON, N. R.; FERRAZ, D. L. S. “Tricotando as redes de solidariedade”: As culturas organizacionais de uma loja autogestionada de Economia Popular Solidária de Porto Alegre. **O&S**, v.13, n. 39, 2006.
- CHEETHAM, G.; CHIVERS, G. “Towards a holistic model of professional competence”. **Journal of European Industrial Training**, v. 20, n. 5, 1996.
- CHEETHAM, G.; CHIVERS, G. A New Look at Competent Professional Practice. **Journal of European Industrial Training**, v. 24, 2000.
- CHEETHAM, G.; CHIVERS, G. The reflective (and competent) practitioner. **Journal of European Industrial Training**, v. 22, n. 7, p. 267-276, 1998.
- CORAGGIO, J. L. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. *In: CORAGGIO, J. L. Economia dos Setores Populares: Entre a realidade e a utopia*. São Paulo: Editora Vozes; 1999. p. 55-81.
- EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO (EBC). **Saiba de onde vem a quadrilha, dança típica das festas juninas**. 2013. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/cultura/2013/06/saiba-de-onde-vem-a-quadrilha-danca-tipica-das-festas-juninas>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

ESTEVES, M. Construção e desenvolvimento das competências profissionais dos professores. **Sísifo - Revista de Ciências da Educação**, v. 8, p. 37-48, 2009.

FELDER, R.; PATRONI, V. Organizing the “unorganizable”: The case of popular economy workers in Argentina. **Journal of Labor and Society**, p. 121–136, 2018.

FERRAZ, D. L. S.; CAVEDON, N. R. A exclusão e a inclusão social: depoimentos das praticantes da economia popular solidária. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 6, n. 4, 2008.

FERRAZ, D. L. S.; DIAS, P. Discutindo Autogestão: Um diálogo entre os pensamentos clássico e contemporâneo e as influências nas práticas autogestionárias da Economia Popular Solidária. **O&S**, v.15, n.46, 2008.

FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **RAC**, p. 183-196, 2001.

FRANÇA FILHO, G. C. Terceiro setor, economia social, economia solidária, economia popular: traçando fronteiras conceituais. **Bahia Analise e Dados**, v. 12; n. 1; p. 9-19; 2002.

G1 PARAÍBA. Confira o mapa e saiba tudo sobre o Parque do Povo no São João 2019 em Campina Grande. 2019a. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2019/noticia/2019/05/25/confira-o-mapa-e-saiba-tudo-sobre-o-parque-do-povo-no-sao-joao-2019-em-campina-grande.ghtml>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

G1 PARAÍBA. São João 2019 de Campina Grande: tudo que você precisa saber para curtir a festa. 2019b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2019/noticia/2019/05/08/sao-joao-2019-de-campina-grande-tudo-que-voce-precisa-saber-para-curtir-a-festa.ghtml>>. Acesso em: 10 maio 2019.

GAGO, V.; CIELO, C.; GACHET, F. Economía popular: entre la informalidad y la reproducción ampliada Presentación del dossier. **Íconos - Revista de Ciencias Sociales**, Quito, n. 62, p. 11-20, 2018.

GAIGER, L. I. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.84, p. 81-99, 2009.

GOERCK, C. Economia popular solidária: no processo de reestruturação produtiva brasileira. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 4, 2005.

GOGOLA, A. **Economia Popular:** origem, natureza, dimensão e significado das formas emergentes de auto-ocupação econômica dos excluídos do trabalho assalariado no Brasil. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

- GUERRERO, F. C., SERRANO, A. O., DÍAZ, O. P. Indicadores sociais em instituições financeiras de la Economía Popular y Solidaria. **Retos VI**, v.12, 2016.
- HONMA, E. T.; TEIXEIRA, R. M. Competências empreendedoras em hotéis de pequeno porte: estudo de múltiplos casos em Curitiba, Paraná. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 13, n. 1, p. 52–80, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades - PIB de Campina Grande**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>>. Acesso em: 27 maio 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades - Panorama de Campina Grande**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>>. Acesso em: 27 maio 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades - História de Campina Grande**. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/historico>>. Acesso em: 27 maio 2019.
- INSTITUTO NACIONAL DE SEGURO SOCIAL (INSS). **Trabalhador por conta própria**. (s. d.). Disponível em: <<http://www.inss.gov.br/Inscricao/Paginas/Trabalhador-por-conta-Propria.aspx>>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- KRAYCHETE, G. **Economia dos Setores Populares**: Entre a realidade e a utopia. São Paulo: Editora Vozes, 1999.
- LAMONATO, C.; PRESSER, N. H. Competências Profissionais e Classe de Comportamentos Requeridos no Mercado de Trabalho nos Meios de Hospedagem. **Turismo em Análise**, v. 26, n.4, 2015.
- LAVILLE, J. L. A economia solidária: Um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 84, p. 7-47, 2009.
- LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3 ed. Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LEITE FILHO, G.; COLARES, A. F. V. Relação entre competências empreendedoras e a taxa de crescimento de vendas de pequenas e médias empresas brasileiras. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.5, n.1, 2016.
- LIMA, J. O.; CAVALCANTE, K. O. **Gestão de pessoas por competências nas instituições públicas brasileiras**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.
- LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. Competências empreendedoras: um estudo com funcionários administrativos de uma empresa do ramo alimentício. **RPCA**, Rio de Janeiro v. 8, n. 1, p. 164-182, 2014.

- LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A.; NASCIMENTO, S.; BERVIAN, L. M. Competências empreendedoras e desempenho dos cursos de graduação: um estudo de suas relações a partir da percepção dos diretores de centro. **REPeC**, Brasília, v. 12, n. 2, art. 4, p. 204-216. 2018.
- MAN, T. W. Y.; LAU, T. Entrepreneurial competencies of SME owner/ manager in the Hong Kong services sector: a qualitative analysis. **Journal of Enterprising Culture**, v.8, n.3, 2000.
- MAN, T. W. Y.; LAU, T. The context of entrepreneurship in Hong Kong: Na investigation through the patterns of entrepreneurial competencies in contrasting industrial environments. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 12, n. 4, p. 464 – 481, 2005.
- MARTINS, L. M.; FERRAZ, M. A.; VIEIRA, A.; OLIVEIRA, F. E. G.; ROQUETE; F. F. Competências Profissionais de gestores de nível estratégico de uma operadora de autogestão em saúde. **Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde – RAHIS**, p. 112-123, 2017.
- MELLO, S. C. B.; FONSÊCA, F. R. B.; PAIVA JÚNIOR, F. G. Competências empreendedoras do dirigente de empresa de base tecnológica: um caso empresarial de sucesso. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v. 8, n. 3, p. 50-76, 2007.
- MELLO, S. C. B.; LEÃO, A. L. M. S.; PAIVA JÚNIOR, F. G. Competências empreendedoras de dirigentes de empresas brasileiras de médio e grande porte que atuam em serviços da nova economia. **RAC**, v. 10, n. 4, p. 47-69, 2006.
- MERRIAM, S.B. **Qualitative Research: a guide to design and interpretation**. San Francisco: JosseyBass, 2009.
- MOUNTIAN, A. G.; DIAZ, M. D. M. Aposentadoria e a Transição para o Trabalho por Conta Própria no Brasil Metropolitano. **Nova Economia**, v.28, n.3, p.849-878, 2018.
- MÜLLER, J.; COLLOREDO-MANSFELD, R. Popular Economies and the Remaking of China–Latin America Relations. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, v. 1, n. 1, p. 1–9, 2018.
- MURARI, J. M. F.; HELAL, D. H. O Estágio e o Desenvolvimento de Competências Profissionais em Estudantes de Administração. *In: EnANPAD*, 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2010.
- NAÇÕES UNIDAS. **OIT: altas taxas de emprego informal atrasam desenvolvimento de países de América Latina e Caribe**. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oit-altas-taxas-de-emprego-informal-atrasam-desenvolvimento-de-paises-de-america-latina-e-caribe/>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

NASCIMENTO, D. D. G.; OLIVEIRA, M. A. C. Reflexões sobre as competências profissionais para o processo de trabalho nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 92-96, 2010.

NELMS, T. C. ‘The problem of delimitation’: parataxis, bureaucracy, and Ecuador’s popular and solidarity economy. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v.21, p.106-126, 2015.

NÓBREGA, Z. **A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Resolução da 90ª Conferência Internacional do Trabalho**. In: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **A OIT e a Economia Informal: O Trabalho Digno e a Economia Informal**. Lisboa: Escritório da OIT, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Quase dois terços da força de trabalho global estão na economia informal**. 2018. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_627643/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **OIT: altas taxas de emprego informal atrasam desenvolvimento de países de América Latina e Caribe**, 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oit-altas-taxas-de-emprego-informal-atrasam-desenvolvimento-de-paises-de-america-latina-e-caribe/>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

PAIVA, K. C. M. Das “competências profissionais” às “competências laborais”: modelo de análise e agendas de pesquisa. In: TOURISM AND MANAGEMENT STUDIES INTERNATIONAL CONFERENCE ALGARVE, 2012, Alarvage. **Anais [...]**. University of the Algarve, Portugal, 2012.

PAIVA, K. C. M.; NICOLAI, E. F. P. Competências Profissionais: Um Estudo com Gestores do Varejo de Moda do “Barro Preto” - Belo Horizonte (MG). **Teoria e Prática em Administração**, v. 2, n. 2, p.27-55, 2012.

PAIVA, K. **Gestão de competências e a profissão docente: um estudo em universidades no Estado de Minas Gerais**. 2007. 278 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2007.

PERDIGÃO, J. G. L. **Dos Costumes ao Espetáculo: A Transformação da Festa Junina Campinense n”O Maior São João do Mundo”**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

PICCHIAI, D. Strategy, Structure and Competences: Three Health Service Companies. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo. v. 15, n. 56, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE (PMCG). **Romero apresenta balanço do São João 2019 e anuncia novidades para o próximo ano**. 2019a.

Disponível em: <<https://campinagrande.pb.gov.br/romero-apresenta-balanco-do-sao-joao-2019-e-anuncia-novidades-para-o-proximo-ano/>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE (PMCG). **História de Campina Grande**. 2019b. Disponível em: <<https://campinagrande.pb.gov.br/historia/>>. Acesso em: 27 maio 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE (PMCG). **Maior São João do Mundo-2019**: evento incrementa a economia de Campina Grande e região. 2019c. Disponível em: <<https://campinagrande.pb.gov.br/maior-sao-joao-do-mundo-2019-evento-incrementa-a-economia-de-campina-grande-e-regiao/>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

RUIZ, M. E.; ORPINELL, G. T.; MARTÍNEZ, P. J.; BENACH, J. ¿Es posible comparar el empleo informal en los países de América del Sur? Análisis de su definición, clasificación y medición. **Gac Sanit.** v.29, n.1, p. 65–71, 2015.

SANTIAGO, C. E. P.; VASCONCELOS, A. M. N. Do catador ao doutor: um retrato da informalidade do trabalhador por conta própria no Brasil. **Nova Economia**, v.27, n.2 p.213-246, 2017.

SHIMIZU, H. E.; FRAGELLI, T. B. O. Competências Profissionais Essenciais para o Trabalho no Núcleo de Apoio à Saúde da Família. **Revista brasileira de educação médica**, v.40, n.2, p. 216-225, 2016.

SILVA, J. F.; ZANINI, M. C. C. A Economia Popular Solidária em Santa Maria – RS e suas interfaces. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v.8, n.21, p. 767-78, 2014.

SIMON, V. P.; BOEIRA, S. L. Economia social e solidária e empoderamento feminino. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 53, n. 3; p. 532-5423, p. 2017.

SINGER, P. “Economia solidária: entrevista com Paul Singer”. **Estudos Avançados**, v. 22, p. 288-314, 2008.

SINGER, P. Economia dos setores populares: propostas e desafios. *In*: SINGER, P. **Economia dos Setores Populares**: Entre a realidade e a utopia. São Paulo: Editora Vozes; 1999. p. 83-94.

VIEIRA, N. S.; PARENTE, C.; BARBOSA, A. C. Q. “Terceiro setor”, “economia social” e “economia solidária”: laboratório por excelência de inovação social”, *Sociologia*: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Número temático – Processos sociais e questões sociológicas, p.100-121, 2017.

VILCHEZ, J. L. The Solution for the Behavioural Constellation of Deprivation: The Popular and Solidarity Economy. **Sage Journals: Psychology and Developing Societies**, p. 246–263, 2017.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Aprendizagem e Competências Empreendedoras: Estudo de casos de micro e pequenas empresas do setor educacional. **RGO – Revista Gestão Organizacional**, v. 06, n. 04, 2013.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. **Cadernos ebape.br**. v. 9, Edição Especial, artigo 6, Rio de Janeiro, 2011.

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência por uma nova lógica**. São Paulo: Atlas, 2001.

ZONATTO, P. A. F.; SBISSA, A. P.; LENZI, F. C.; ZONATTO, V. C. S. Desenvolvimento de competências empreendedoras em ambiente colaborativo: uma análise com profissionais que atuam em escritórios de Coworking. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo – ReAT**, v.10, n.5, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Pesquisa: “Economia Popular: o perfil de Competências Empreendedoras dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB”

Esta pesquisa faz parte de uma Dissertação de Mestrado da discente Adrainne Pâmella Soares Velozo, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Gostaríamos de contar com sua colaboração, por meio de sua permissão e participação em entrevista individual cujo objetivo é buscar “identificar o perfil de competências empreendedoras de comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular”.

Esclarecemos que sua identidade será mantida em sigilo e que todas as informações prestadas serão utilizadas unicamente para os fins desta pesquisa. Sua participação, portanto, não lhe causará prejuízo algum, mas terá uma contribuição para uma melhor compreensão sobre o perfil de competências empreendedoras dos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. Esclarecemos, também, que sua participação é voluntária e que, caso queira, poderá interromper ou desistir desta entrevista a qualquer hora ou deixar de responder a quaisquer das questões que lhe forem feitas.

Quaisquer dúvidas ou esclarecimentos poderão ser sanados junto à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPB, ou por meio do endereço eletrônico **pgpci@ccsa.ufpb.br**.

Se você concorda em participar, agradecemos muito a sua colaboração e gostaríamos que você colocasse a sua assinatura a seguir, indicando que está devidamente informado (a) sobre os objetivos da pesquisa e os usos dos seus resultados.

Entrevistadora

Entrevistado (a)

Campina Grande, _____ de _____ de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
 Centro de Ciências Sociais Aplicadas
 Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI
 Campus Universitário – João Pessoa – PB – CEP: 58.059-900
 Mestranda: Adrainne Pâmella Soares Velozo
 E-mail de contato:
 Orientadora: Dra. Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PEQUENOS COMERCIANTES DA FESTA DE SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE, QUE TRABALHAM NO PARQUE DO POVO.

Esta entrevista tem por objetivo identificar o perfil de competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. As perguntas foram divididas em três partes, buscando atender aos objetivos específicos da pesquisa.

Nome	
Local	
Duração da entrevista	
Data da entrevista	

OBJETIVOS	QUESTÕES PARA ENTREVISTA
Caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande	1 – Quais atividades você desenvolve dentro do ambiente de trabalho?
	2 – Há quantos anos você trabalha no São João de Campina Grande?
	3 – Como você caracteriza o seu trabalho? Informal, formalizado, assalariado, contrato, trabalho por conta própria, autônomo, ou outros? Por favor, explique.
	4 – Como se dá a gestão do seu empreendimento no São João de Campina Grande? Por favor, explique.
	5 – Você acredita que sua experiência prática é suficiente para o bom funcionamento de seu empreendimento? Explique.
	6 – Qual seu nível de escolaridade?
	7 – Você sente a necessidade de um grau de escolaridade maior? Por favor, explique.
Identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande	8 – Explique como começou a trabalhar no Parque do Povo durante a festa junina?
	9 – Você trabalha sozinho no local de realização da festa junina de Campina Grande ou trabalha com familiares, funcionários, amigos, sócios ou alguma cooperativa, associação? Por favor, explique.
	10 – Você recebe ajuda de familiares, amigos ou outros para a preparação das mercadorias que comercializa? Explique.
	11 – Como é composta a renda da sua família? Quantas pessoas trabalham? Algum de seus familiares trabalha com você? Explique.
	12 – Você desenvolve atividades em parceria com outras pessoas no seu ambiente de trabalho? Por favor, explique.
	13 – Como você adquiriu os conhecimentos para a realização do seu trabalho? Muda algo

	<p>por a atividade ser realizada durante a festa de São João em Campina Grande?</p> <p>14 - Quais os conhecimentos necessários para realização do seu trabalho? Há algum conhecimento específico para execução das atividades desempenhadas na festa de São João em Campina Grande?</p> <p>15 - Como você se relaciona com os outros trabalhadores de atividades semelhantes e distintas na festa de São João em Campina Grande?</p> <p>16 - Como você compreende a ética e os valores pessoais e os valores relacionados ao trabalho, dentro da atividade que você exerce na festa de São João em Campina Grande?</p> <p>17 - Como você se comporta em meio a dificuldades e circunstâncias diferentes no seu trabalho na festa de São João em Campina Grande?</p>
<p>Verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular</p>	<p>18 – Há algum tipo de seleção ou cadastro para poder trabalhar no São João em Campina Grande, dentro do Parque do Povo? Explique como foi esse processo para você.</p> <p>19 – Você faz parte de alguma associação, cooperativa ou algum outro grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande? Se sim, por favor, explique como funciona e como você começou a fazer parte e a suas experiências junto a esse grupo.</p> <p>20 – Caso você participe de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique como funciona a gestão desse grupo. Há alguma hierarquia, como, por exemplo, um chefe, um líder ou presidente? Ou todos dentro desse grupo têm as mesmas responsabilidades e direitos? Explique.</p> <p>21 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se há algum sistema de solidariedade, de ajuda mútua, cooperação entre os membros desse grupo.</p> <p>22 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se nesse grupo há algum manual com regras, diretrizes, objetivos, metas, missão. Se sim, como funciona?</p> <p>23 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se ocupa nesse grupo algum cargo? Qual a sua função? O que o motiva para o fazer? Quanto tempo dedica a esta função no total da sua atividade.</p>